

Pássaros sem canção
Jards Nobre

coleção sílica

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

jardsnobre@hotmail.com

passarossemcancao.blogspot.com

Catálogo na Fonte

AGUARDANDO BIBLIOTECA NACIONAL

Editora Corsário

Caixa Postal 6026 - Fortaleza – Ceará

CEP 60440-546

www.corsario.art.br | revistacorsario@gmail.com

Ficha Técnica

Editor Responsável | Mardônio França

Editoração Eletrônica | Gilberlânio Rios

Co-Editora | Katiusha de Moraes

Projeto Gráfico | Dirceu Matos

Revisão | Katiusha de Moraes

Capa | Mardônio França

Impressão | Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Pássaros sem canção
Jards Nobre

coleção sílica

“It’s been so lonely without
you here, like a bird without a
song...”

Prince - *Nothing compares to you*

UNICÓRNIOS, PÁSSAROS E CANÇÕES

Carlos Carvalho*

Nos últimos anos muito se tem falado sobre o fim do livro. Curioso, no entanto, é que mesmo com o advento do livro digital nunca se publicou tanto, nunca se leu tanto. Os motivos podem ir desde a vontade de se exilar de um mundo amedrontador, de uma vida cruel ou apenas pelo simples prazer de experimentar o deleite proporcionado pela leitura, independentemente do suporte, seja ele físico ou digital. É bom saber que em algum lugar do mundo há alguém escrevendo para o deleite de outros. Refiro-me especificamente àqueles que produzem ficção, pois, como Todorov, acredito que só a ficção nos salva.

E eis que temos mais uma oportunidade de nos deleitarmos com a prosa do escritor Jards Nobre. O mesmo Jards Nobre que nos brindou em 2009 com o romance *Curral de Pedras*. Narrativa das mais engenhosas, o romance estreante de Jards Nobre, publicado pela editora ABC, reúne vários dos elementos comuns à estética Realista/Naturalista. Assim, caso o leitor desatento caia na “armadilha” do autor, poderá acreditar, de imediato, tratar-se apenas de mais uma história, que se desenvolverá a partir de um suposto triângulo amoroso, tão recorrente nos romances realistas. Contudo, e isso é muito bom, o autor não se limita a revisitar *Madame Bovary*, *O Primo Basílio*, *Dom Casmurro*, *O Ateneu* ou *O Cortiço*; mas vai além. Costura a trama que envolve as personagens principais, com os mais relevantes ingredientes constituintes das chamadas narrativas contemporâneas, mostrando-se um exímio contador de uma boa história, capaz de prender a atenção do leitor até o desfecho da narrativa. E essa é, a meu ver, característica indispensável ao bom escritor.

Passados três anos de maturação desde o lançamento do festejado *Curral de Pedras*, Jards Nobre surge com *Pássaros sem canção*. Cuidadoso, o autor afirma tratar-se de um romance com características neonaturalistas e neorrealistas, deixando claro tratar-se de uma narrativa de leitura inadequada para menores de 18 anos. Motivo? A obra contém linguagem obscena, descrição explícita de relações sexuais, homossexualidade e estupro. São elementos “explosivos” que se não forem manuseados com perícia podem explodir na cara do próprio autor. Mas Nobre não é apenas um autor, mas um autor que conhece os meandros da elaboração ficcional, demonstrando isso a cada novo trabalho. A casa da ficção, alerta James Wood, tem muitas janelas, mas só duas ou três portas e, ao analisarmos o romance em questão, parece-nos claro que Jards Nobre sabe exatamente onde estão as tais três portas. Ouso afirmar, inclusive, que ele até encontraria uma quarta se ela existisse. Será que não existe?

Dos elementos da narrativa de ficção, talvez, dependendo do autor, o mais difícil seja, ainda conforme Wood, a criação das personagens. Em *Como funciona a ficção* (2011), o referido autor afirma: “o romancista inexperiente se prende ao estático, porque é muito mais fácil descrever do que o móvel: o difícil é tirar as pessoas desse amálgama estagnado e movimentá-los numa cena”. E é com a maestria de um romancista experiente que Jards Nobre conduz suas personagens principais, Renato e Adriano, pelo céu e inferno da narrativa que agora nos apresenta, numa tentativa de se soltarem das amarras do tempo, das armadilhas da vida.

Pássaros sem canção é uma história de amor, de um amor que até pouco tempo não ousava dizer seu nome. E por ser assim, também é uma história sobre a crueldade do humano,

a hipocrisia da sociedade e a mesquinhez do espírito. Por tal ótica, a obra de Jards Nobre parece não apresentar nada de novo. Mas apenas parece. Cabendo a cada um dos seus leitores a compreensão do que é proposto pela narrativa, pela provocação do romancista. E será que todos compreenderão a narrativa? Claro que não. Quantos não tentarão ver chifres em cabeças de cavalos, unicórnios no jardim; ou seja, quantos leitores não se sentirão tentados a confundir autor com narrador, realidade com ficção? O que o leitor fará com a narrativa a partir de agora não cabe mais ao autor responder. Os livros são como filhos, uma vez postos no mundo, devem seguir seu caminho sob os olhares dos outros. Inclusive daqueles que só têm olhares para os outros. *Pássaros sem canção* é uma obra que traz em si o signo da provocação e a qualidade literária de um autor que se reinventa a cada novo trabalho.

**Carlos Carvalho é professor na Universidade Estadual do Ceará – UECE – FECLESC. Mestre em Letras (UFC). Doutorando em Linguística Aplicada (UECE). Membro da Academia Quixadaense de Letras.*

NOTA DOS EDITORES

O trabalho editorial de *Pássaros sem canção* levou-nos a importantes reflexões. Desde o princípio, Jards Nobre mostrou-se receoso em relação à transcrição da fala dos personagens. Ele não queria uma mera normalização e o consequente apagamento de importantes traços culturais, registrados por meio da língua. Deste modo, inicialmente, preservamos as marcas da fala, distinguindo-as por meio do uso do itálico, em passagens com desvio da norma culta e variações linguísticas.

Entretanto, percebemos que, ainda assim, havia uma intervenção preconceituosa, que classificava e distinguia o “certo” do “errado”, causando uma diminuição dos falantes não detentores da norma culta.

Com isso, experimentamos eliminar todas as marcações em itálico, dentro dos discursos, mantendo-os apenas em caso de estrangeirismos. Esta ação, contudo, causou-nos uma inquietação, pois alguns leitores poderiam não compreender e alegar falta de revisão do livro.

Porém, fomos inspirados pelo romance *Marco Zero*, do escritor modernista Oswald de Andrade, onde a fala dos personagens, de diferentes nacionalidades coexistentes na cidade de São Paulo, foi transcrita da forma mais fiel possível e sem quaisquer formatações de estilo para distinguir a norma culta das variações e desvios. Achamos, portanto, mais interessante, e coerente com a crueza deste romance, deixar a fala exatamente assim: nua, livre de quaisquer sinalizações; livre de moldes; livre para correr solta na página e na imaginação do leitor.

PRÓLOGO

Quixadá não era exatamente a cidade mais quente em que ele já estivera, mas, naquela tarde de março de 2006, parecia ferver. O suor escorria pela face de Renato quando ele estacionou o carro junto da Praça da Catedral e baixou o vidro para contemplar a escola do outro lado, o Ginásio Valdemar Alcântara, onde estudara por sete anos. Uma mistura de nostalgia com consternação fê-lo apertar os olhos e lembrar-se de vários momentos passados ali, especialmente o primeiro dia em que ali adentrara. Iria fazer a quinta série e estava muito assustado. Até então, estudara numa escolinha isolada no meio do mato, na comunidade onde os pais moravam. Quem o trouxe ali para o primeiro dia de aula foi a mulher que ele aprendera a chamar de avó, mas que, na verdade, era madrinha da mãe dele. Aquela senhora sentia por ele um carinho que não demonstrava ter pelos verdadeiros netos. Vendo que o menino se saía bem na escola, decidiu que pagaria seus estudos numa instituição particular na cidade assim que ele concluísse a primeira etapa do ensino fundamental.

Em sua tenra infância, a mãe fora-lhe apática em algumas vezes, desprezando-o nas outras. Dava-lhe surras por qualquer razão, mas apenas quando o pai não estava em casa. O problema era que o pai raramente estava em casa. Vivia arranjando trabalhos que o afastavam da família. Quando estava presente, no entanto, não desgrudava do menino, levando-o para o riacho onde costumava banhar-se, aos jogos de futebol no fim da tarde, à casa dos vizinhos para ver televisão. Apesar de todo o carinho, resolveu, um dia, falar-lhe uma verdade dolorosa, não obstante o fato de o garoto ainda ser muito criança para aceitá-la:

“Não sou seu pai de verdade.”

A frase quase não saiu devido à voz embargada. O homem estava de joelhos diante do menino, segurava os braços dele e olhava-o fixamente com os olhos vermelhos que se apertaram expulsando as lágrimas.

A lembrança daquela cena vinha-o seguindo desde então. Olhando para o velho casarão do colégio, lembrou-se da redação em que tinha de falar da família em seu primeiro dia de aula. Não conseguiu escrever muito, só mordendo a ponta do lápis.

Entrou na puberdade sem saber direito por que as pessoas que faziam parte de seu mundo de criança tinham para com ele sentimentos tão extremos. Amor, ódio, carinho, desprezo, tudo ao extremo. Quando a mulher, em uma visita ao casebre, disse que o mandaria para Quixadá para estudar, o pai teve um acesso de fúria. Mudou de ideia quando, certa vez, ao voltar para casa após uma quinzena fora, notou os hematomas na perna do filho.

“É melhor tu ir morar com teus tios em Quixadá, meu menino...”

“Mas eu não quero ir, pai...”

“Papai vai te visitar de vez em quando.”

E realmente ia ver o garoto todas as semanas no primeiro mês; no segundo mês, porém, apareceu menos vezes, até que lapsos de meses sem visita foram se tornando comuns. Cada visita, no entanto, era marcada por um abraço muito apertado e demorado, ao qual se seguiam muitas perguntas e, geralmente, lágrimas do homem emocionado.

Quando Renato já estava no último ano do Ensino Médio e com a cabeça cheia de interrogações, após dez meses sem ver o homem, ouviu deste uma declaração inusitada:

“Se tu não quiser mais me chamar de pai, tudo bem.”

Estavam naquela mesma praça, numa manhã de quinta-feira, com gente passando a todo instante. O homem, chamado

Adriano, com um pé no banco e outro no chão, olhava o garoto com extrema consternação.

“Por que o senhor está me dizendo isso?”

“É que está cada vez mais difícil olhar para tu e achar que sou teu pai.”

O adolescente, que saía da aula de educação física, teve uma sensação estranha. Queria desaparecer na próxima vez em que Adriano piscasse os olhos. Durante toda a sua vida confusa, aquele homem fora a única pessoa que verdadeiramente lhe transmitira amor, mas, estranhamente, o sentimento que os unia tornava-se obnubilado pelo tempo.

“Um dia, o senhor...” o garoto fez uma pausa. “...você vai me dizer que não quer mais me ver.”

Adriano baixou o rosto.

“Ou então nem vai mais aparecer.” continuou o adolescente, com a voz trêmula.

Houve um instante de silêncio entre os dois, enquanto, em volta deles, a praça fervilhava de transeuntes.

“Espero um dia que tu me entenda...” disse o homem.

“Se o senhor... se você não me disser nada, eu não vou ser capaz.”

“Tu é muito novo ainda.”

“Mas já entendo um monte de coisa.”

Após mais um instante de silêncio, o adolescente falou de uma forma que tocou profundamente o coração de Adriano:

“Já que eu não posso ser seu filho, eu queria ser seu amigo.”

Amigo? Adriano só conhecera um na vida. A frase o fez recuar no tempo e uma forte sensação de *déjà vu* o deixou levemente tonto. A perna tremeu e ele se sentou no banco. O garoto fez o mesmo. Adriano olhou em seus olhos e confessou:

“Às vezes eu tenho vontade de me matar...”

Os pombos da praça subiram para a caixa-d'água num voo súbito.

“Não fale assim... Você me deixa preocupado.”

Adriano segurou o choro incipiente.

“Eu tenho alguma coisa a ver com isso?” quis saber o garoto, aflito. “O que foi que eu fiz? Por que mamãe me odeia?”

O homem limitou-se a esconder o rosto nas mãos.

“Eu nunca me esqueci do dia em que o senhor me disse que não era meu pai.”

Adriano permaneceu imóvel. O garoto continuou:

“Eu tinha uns dez anos. Era um domingo. A gente tinha ido à Barra, o senhor me deixou na casa de um pessoal lá e foi ao cemitério.”

Era quase meio-dia quando Adriano e o filho chegaram a casa, vindo do cemitério.

“Bate os pés, Natim!” ordenou a mulher ao menino, antes que este abrisse a metade inferior da porta da sala. “Bate os pés pra não botar terra de cemitério dent'e casa!”

Adriano torceu a boca e afastou-se para olhar o horizonte distante.

O céu estava tomado de nuvens. Nem um só pedaço de anil se podia ver naquele dia de dezembro de 1995. Adriano percorreu com os olhos todo o horizonte a sua volta e deteve o olhar numa mangueira ao longe. Em sua mente, surgiu uma imagem de dez anos atrás, quando ele, sob a copa frondosa daquela árvore, ajeitava-se entre os grossos braços de madeira, acomodando-se, de olhos cerrados, língua umedecendo os lábios, enquanto outros lábios deslizavam sobre sua pele branca de adolescente. Os sussurros, a respiração sôfrega, os gemidos, o toque, todas as sensações ainda podiam ser sentidas nitidamente.

Mudou o olhar, trouxe-o para mais perto, onde se viam arbustos verdejantes entre os quais passava um córrego – um rio, para os moradores daquela região seca. Outros momentos do passado, feito um relâmpago, invadiram sua mente, trazendo de volta os passos alegres na água rala, a risada, as mãos espalmadas que lhe molhavam o corpo, o abraço que o derrubou num trecho mais fundo do regato.

O menino bateu vigorosamente os pés antes de adentrar a sala, segundo lhe ordenara a mãe, e empurrou a porta. O barulho seco e agudo das dobradiças cortou as lembranças de Adriano.

A mulher, do interior da sala, olhou para o esposo, que permaneceu imóvel a contemplar o horizonte.

“Tu não vem?”

“Depois.” respondeu Adriano, à meia-voz, e logo em seguida afastou-se em passo lento, em direção do regato.

“Pra donde tu vai, home?” perguntou a mulher, apoiando-se à porta, mas não obteve resposta.

Ficou ela a observar o marido sumir entre os arbustos.

“Parece que nunca vai esquecer...” pensou, inclinou-se e virou o rosto para a grande casa à sua direita, onde uma mulher, vestida em longas roupas pretas, balançava-se numa velha cadeira de pau, posta no alpendre, e acariciava o vidro de um quadro pequeno sob o qual se via um retrato já amarelado pelo tempo.

“Nem ela também esquece”.

Adriano, ao chegar ao riacho, agachou-se para arregaçar as pernas das calças. As grossas panturrilhas já não tinham a pele firme como na juventude, mas ainda se contraíam duras. Pôs os chinelos na mão e entrou na água levemente fresca. Naquele trecho do riacho, podia-se atravessar de uma margem à outra sem molhar os joelhos. Chegando ao outro lado, calçou os chinelos e

baixou as pernas das calças. Olhou as veredas a sua frente e não hesitou em adentrá-las.

A muitos metros dali, chegava ele aonde queria: uma represa antiga, com um metro de largura e um e meio de altura, toda de cimento e pedras, por entre as quais escapavam filetes de água e lodo numa cantilena quase inaudível. Junto à represa, havia pedras que a água, ao longo dos anos, esculpiu. Cada extremidade da obra estava presa em paredes de grossos tijolos das quais só restavam ruínas. Fora feita na tentativa de reter um pouco a água do pequeno rio, sem, no entanto, matar seu curso. As juremas haviam avançado para a represa e a parede à esquerda fora tomada pelas árvores, lembrando ruínas de uma civilização perdida.

Adriano subiu para a represa, andou sobre ela, olhou em volta e observou como a paisagem mudara. Evitara passar por ali durante todos esses anos. Uma vez foi inevitável, mas ele não quis olhar para o lugar, apenas para o chão sob seus pés. Agora, tendo ido lá justamente para recordar, observava como a paisagem mudara. E entristeceu, porque tudo lhe pareceu profundamente triste. Ao olhar cada pormenor do ambiente, sobrepunham-se-lhe imagens de como aquilo era dez anos antes, quando a água banhava a represa e se jogava sobre as pedras num incessante cantarolar. Ouviu as risadas, viu o olhar assustado, temendo que fossem flagrados; as mãos que se lhe estendiam e o chamavam para o abraço; os lábios róseos que sorriam languidamente... Tudo parecia tão presente!

Adriano não se importou com o horário – era quase meio-dia –, deitou-se sobre a represa morna, forrando a nuca com as palmas das mãos. Respirou fundo e sentiu o ar tépido invadir-lhe os pulmões. Era um dia nublado, sem sol, mas abafado. Lembrou que foram em dias como aqueles os encontros que agora lhe

vinham à mente. A saudade fez com que ele fechasse os olhos e perguntasse em voz tão baixa quanto o barulho da água a escorrer por entre as pedras da represa:

“Tu se lembra?”

Percorreu as nuvens grises com os olhos apertados. O clima de fim de ano mexia com suas emoções. Era quando o sertão se cobria de nuvens e os dias ficavam melancólicos.

“Hein? Tu se lembra” insistia ele, com a voz um pouco trêmula. “Olha como as coisas mudaram desde que tu foi embora... Tá vendo o nosso cantinho? Tá tão diferente... Parece que perdeu o encanto com tua partida.”

Virou o rosto para as pedras lá embaixo. Uma lágrima escorreu do canto do olho.

“Sabia que eu ainda posso ver a gente ali? Ainda posso ver tu de braços estendidos me chamando para deitar ao seu lado...”

E, com voz trêmula e em tom mais alto:

“Por que tu fez aquilo? Por quê? Por que tu foi embora e me deixou aqui sozinho? Tu sabia que eu quase fui atrás de tu?”

Enxugou a lágrima, mas outra escorreu logo em seguida.

“Lembra como eu fiquei quando eu soube do que tu fez? Tu se lembra do quanto eu sofri?”

Deu um sorriso seco.

“Tu dizia que eu era bonito... Tu se lembra? E olha só como eu estou agora... Tu ainda me acha bonito?”

Não pôde mais conter a emoção. O queixo tremeu e novas lágrimas banharam-lhe o rosto; a respiração era de quem havia subido uma montanha. Com dificuldade, disse:

“Ninguém nunca me tratou como tu me tratava... E eu queria tanto que tu estivesse aqui!...”

Virou-se de bruços, soluçando solitário. As aves ouviram seu choro; os répteis deslizavam entre as folhas secas. Um vento frio

soprou balançando os galhos tesos das juremas e das aroeiras, e uma neblina fina caiu sobre a caatinga levantando um aroma forte de terra fervendo. Adriano não se importou. Não tapou o nariz.

“Eu sou tão infeliz aqui sozinho... Tão infeliz!”

Virou-se para o céu e deixou-se banhar pela chuva que engrossava.

“Eu não consigo te esquecer!” gritou, sentando-se. – “Desde aquele dia... Quando tu chegou...”

1º CAPÍTULO

“Até que enfim!” – exclamou o rapaz, logo que o caminhão fez parada ao lado do grande portão de madeira à beira da estrada vermelha e pedregosa. Segurou com força a tábua do pau-de-arara e, num salto acrobático que impressionou os outros viajantes, pulou firme na terra quente, batendo em seguida as palmas das mãos brancas e finas contra as coxas e fazendo uma careta quando viu a poeira vermelha lhe subir das calças.

“É só essa bolsa?” – perguntou-lhe o homem que viera sentado durante a viagem desde Quixadá até ali.

“É sim.”

O homem ergueu a bolsa, fez um gemido para demonstrar o quanto pesava a bagagem e a entregou ao rapaz, que prontamente a pôs no chão, agradecendo com um sorriso sem mostrar os dentes.

Sentados nas tábuas ao longo da carroceria do veículo, todos tinham seus olhos fixos em cada gesto feito pelo rapaz. Não se dizia nada, não se queria perder nenhum movimento do moço, que viera da cidade até aquele ponto sem trocar uma só palavra com quem quer que fosse.

O jovem se dirigiu ao motorista e, retirando do bolso a carteira, já ia perguntar o quanto devia pela viagem quando o homem o interrompeu:

“Deixa pra lá, dotô. Não cobro nada de sua família, não.”

“Faço questão” – insistiu o rapaz, folheando as cédulas.

Os que sentavam àquela beira do carro inclinaram-se de curiosidade.

O motorista apenas balançou a cabeça e pôs o transporte em movimento, deixando para trás o moço sob o sol escaldante das três horas da tarde.

Na boleia, uma senhora idosa perguntou ao motorista sobre a identidade do rapaz, ao que ele respondeu:

“Ê o fi mais novo do cumpade Armando. Estuda em Fortaleza... Tá se formando. Todos os anos vem passar as férias com a família.”

O caminhão seguia lento pela estrada cheia de grotas balançando a armação de madeira que sustentava o teto de lona. Uma poeira fina se erguia vagarosa e desaparecia à luz solar entre os galhos secos das imburanas.

O recém-chegado passou o braço pela testa retirando o suor já causado por aqueles breves instantes de exposição ao sol, olhou para a estrada do outro lado do portão – um longo caminho entre os arbustos secos que desaparecia numa curva distante em direção ao poente – e lembrou-se de quando era criança, tempo em que caminhos como aquele lhe aguçavam a curiosidade. Queria saber até onde iam, a que lugar levavam, queria explorar o desconhecido. Mas aquele caminho detrás do portão não lhe trazia mais a curiosidade de outrora, pois ele sabia muito bem aonde terminaria, qual seu comprimento. E ao lembrar-se deste pormenor, desanimou-se. Ainda teria muito chão a percorrer com aquela bolsa pesada. Se ao menos houvesse como ter avisado aos pais que ele chegaria naquela tarde! O pai mandaria alguém esperá-lo na estrada, numa charrete – ou numa carroça mesmo, não importava. Melhor do que andar tudo aquilo a pé, sob um sol de tostar a pele.

“Vamos!” ordenou a si mesmo, “Não há outro jeito! Pior é ficar aqui, esperando não sei o quê.”

Encheu-se de coragem, pôs a alça da bolsa no ombro esquerdo, dirigiu-se ao portão, levantou o arame que o prendia ao mourão e empurrou-o para frente, amaldiçoando o peso das tábuas.

“Cansado e ainda ter que empurrar um troço desses!...”

Ao transpor o portão, soltou-o, deixando que deslizasse de volta à posição anterior chocando-se com mourão. Sorriu ao ver a batida. Já ia virando as costas quando se lembrou de pôr o arame de volta prendendo o portão. Aquilo sempre era uma das maiores exigências do pai. Não admitia que deixassem aquele portão apenas “encostado”. Antes de tocar no arame, porém, ouviu um galope vindo da estrada atrás dele.

Sorriu julgando ser alguém que adivinhou que ele estava ali e viera buscá-lo. Virou-se, apertou os olhos contra a luz do sol e viu um rapaz apressado em sua direção. Este, ao aproximar-se do outro, tinha uma expressão séria, assustada. Freou o cavalo e fitou o moço com a bolsa a tiracolo, como se o ordenasse a reabrir o portão. O outro, percebendo isso, atendeu cabisbaixo.

O cavaleiro atravessou o portão e, antes de dar velocidade ao cavalo, ainda olhou para trás, curioso. O da cidade o encarou por trás das finas lentes fazendo um ar de quem não gostara de não ter ouvido nenhuma palavra de agradecimento pelo portão aberto. O que recebeu em retorno foi um gesto de completa indiferença e exibicionismo: o estranho disparou no cavalo estrada afora, levantando uma poeira que irritou profundamente o recém-chegado. Este apertou os cantos da boca, balançando a cabeça num gesto de reprovação.

A estrada para a casa dos pais era longa e marcada por muitas descidas e subidas. Grotas a acompanhavam por longos trechos e desapareciam sob as folhas secas e o emaranhado de garranchos. O moço seguia rumo à casa dos pais sem muita pressa. Estava cansado. Acordara cedo para arrumar suas coisas e viajar.

Chegara a Quixadá por volta das dez da manhã e esperara a condução para a Barra do Sitiá numa calçada barulhenta da rua Epitácio Pessoa. O pau-de-arara só chegou ao meio-dia e já vinha cheio de passageiros, na maioria homens e mulheres idosos que se amontoavam sobre sacos e caixas espalhados ao longo da carroceria sob as tábuas que serviam de assento. Quando o rapaz se aproximou do caminhão, todos puseram os olhos nele, silenciosos, indiscretos, repletos de curiosidade. Ninguém se prontificou a ajudá-lo com aquela bolsa pesada. Encontrar um lugar para sentar não foi fácil, mas se ajeitou na ponta de um banco, à beira da carroceria, bem sobre os pneus, o que o fazia quase xingar o mundo quando o caminhão tinha que passar sobre um quebra-molas. A situação piorou quando o veículo, uns trinta quilômetros depois, deixou o asfalto para seguir uma estrada carroçável cheia de saliências, pedras e grotas. Não se chegava ao longínquo vilarejo perto do qual moravam seus pais se não fosse por aquela estrada.

A viagem ainda se tornou mais longa porque o motorista, além de demorar a sair de Quixadá, ainda fez uma parada de uns quinze minutos em dois vilarejos antes de chegar a seu destino.

Depois de toda uma viagem enfadonha, ainda teria de caminhar uns três quilômetros sob o sol ardente até a casa dos pais. Estava cansado. Não era acostumado àquela rotina, à qual se submetia todas as vezes que vinha passar férias no interior.

Era um rapaz de dezessete anos. Parecia mais novo. Tinha cabelos pretos, bem tratados e com um corte usual na cidade, pele branca devido à pouca exposição ao sol, olhos negros que se apertavam detrás de finas lentes que ele passou a usar depois que entrou na adolescência – para muitos, sinal do quanto ele se dedicava à leitura – e corpo um pouco magro. A mãe sempre o quis mais forte; para ela, ser gordo indicava que se comia bem,

que não se passava fome. A todo instante, ele umedecia os lábios com a língua e engolia um seco. O suor escorria-lhe da testa e a sede o torturava.

“Por que papai não mora à beira da estrada principal?” reclamou em silêncio.

Percorrida metade do caminho, parou para mudar a bolsa de lado. Foi quando percebeu que o rapaz no cavalo estava de volta.

O cavaleiro tinha a mesma idade que ele, mas era mais corpulento. Tinha cabelo castanho-claro e liso, pele avermelhada pelo sol, olhos quase verdes e lábios carnudos e vermelhos. Usava uma bermuda um pouco curta e uma camisa aberta que deixava o tórax à mostra. Seu rosto não se contraía ao sol, acostumado com ele. Ao reencontrar o outro parado na mesma estrada, freou o cavalo e olhou o rapaz de cima a baixo.

O da cidade reconheceu o animal.

“Tá indo pra donde?” perguntou o cavaleiro.

“Pra minha casa” respondeu o outro, com a cabeça levantada e a testa franzida.

“Onde é sua casa?”

“Sou filho do dono desse cavalo.”

O outro ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso, mostrando dentes saudáveis.

“Seu Armando é seu pai?”

O recém-chegado confirmou com a cabeça.

“Sobe aqui, qu’eu te levo. Eu tô indo pra lá.”

“Quem é você?”

O cavaleiro estendeu a mão.

“Adriano. Sou filho do novo morador da fazenda.”

O outro lhe segurou a mão e fez um esforço para subir na garupa, mas não conseguiu.

“Estou meio sem prática” – justificou-se, num sorriso.

Algumas tentativas e os dois estavam sobre o cavalo, que agora seguia devagar o caminho.

“Meu nome é Renato. Eu moro em Fortaleza. Estou vindo passar minhas férias com meus pais.”

Renato não ficou mais confortável do que a pé, na estrada. Ao contrário, a bolsa parecia pesar ainda mais, ameaçando ceder à força da gravidade e arrastá-lo junto; o cavalo não estava selado e ele não tinha em que se apoiar, a não ser no ombro do outro, cujo corpo exalava um forte odor de suor e poeira. Pelo menos agora chegaria mais rápido a casa, o que realmente importava.

“Se eu soubesse quem o senhor era” disse Adriano, à guisa de desculpas, “não tinha ido adonde fui. Tinha logo era levado o senhor pra casa.”

“Nunca dá para avisar ao papai que eu estou chegando para que ele mande alguém me esperar na estrada.”

“Acho que eles não ’tão esperando o senhor, não...”

“Com certeza não.”

“Vai fazer surpresa.”

E seguiram os dois numa conversa puramente fática. Ao longe, situada num alto, via-se a casa branca, grande, rodeada por um alpendre de colunas roliças. Dum lado, um grande tamarindeiro erguia-se inerte pela falta de vento; de outro, o pequeno juazeiro parecia orgulhar-se de ser, àquela época do ano, a única árvore verde da caatinga. Diante da casa, estendia-se até uma cerca com um grande portão de madeira um vasto terreno chão, um pouco arenoso, onde, nas manhãs de domingo, costumava-se jogar um futebol tosco. Do outro lado do portão, seguia a estrada descendo por entre os arbustos, serpenteando até atingir a outra por onde passavam os paus-de-arara vindos de Quixadá em direção à vila da Barra do Sitiá.

Sentada numa cadeira de pau e com os calcanhares apoiados no parapeito, uma moça acompanhava alegremente uma canção emitida pelo pequeno rádio que ela segurava sobre as coxas. Quando viu o cavalo parar do outro lado do portão de entrada da fazenda, desligou o rádio e ficou observando ansiosa os dois rapazes desmontarem e abrirem o portão.

Seu rosto iluminou-se num sorriso. Não pôde conter a emoção e correu casa adentro gritando:

“Madrinha! Madrinha!”

Na cozinha, uma mulher preparava um cuscuz quando a moça entrou gritando.

“Que foi?” perguntou assustada e irritada pelos gritos.

“O Natim, madrinha! O Natim chegou!”

A madrinha soltou sobre a mesa a bacia com a farinha de milho, passou as mãos no avental, tirando-o em seguida e ambas correram para o alpendre.

Adriano estava a fechar o portão, com o cabresto do cavalo preso na boca – Quantas vezes o pai não lhe dissera para não fazer mais aquilo? O animal poderia assustar-se com algo e correr em disparada, levando junto todos os dentes do rapaz...

Renato já ia pôr o pé no primeiro degrau da pequena escada que ascendia ao alpendre quando a mãe lhe surgiu emocionada, com os olhos rasos d’água.

“Meu filho! Que surpresa!”

“Bênção, mãe...”

O estudante, ao pisar no alpendre, largou a bolsa, estendeu a mão para a mãe, que a pegou, beijou-a, dizendo “Deus te abençoe”, ofereceu-lhe a sua para o filho beijar e só depois se deram ao abraço.

“Por que não escreveu avisando que vinha hoje?”

Ele sorriu, sentindo o abraço caloroso da mãe.

Às vezes, o rapaz escrevia para os pais e enviava a carta para o endereço de uma parente em Quixadá e esta a mandava aos destinatários pelos motoristas dos paus-de-arara, que, por sua vez, mandavam algum moleque levá-la até a fazenda.

Renato beijou mais uma vez a mãe e depois se virou para a moça que esperava ansiosa pelo abraço.

“Corrinha!” – sorriu, abraçando a jovem. “Trouxe um presentinho para você.”

“Pra mim? Não precisava, Natim!”

Renato abriu a bolsa e retirou uma caixinha embrulhada num papel com desenhos coloridos. A moça, enrubescida, recebeu tímida a caixa, tentou não rasgar o embrulho, mas o rapaz a repreendeu brincando:

“Rasga, besta, que é pra ganhar outro!”

Era um *walkman*. Ao vê-lo, Corrinha encheu-se de alegria.

“Não acredito!” gritou.

“Ih! Agora é que essa aí não faz mais nada em casa, só ouvindo música!” observou a mulher. “Venha, meu filho. Vou levar sua bolsa lá pro quarto. Vá tirar essa roupa empoeirada e suada, tomar um banho... Corrinha, depois você aproveita seu presente. Agora vá fazer umas tapiocas pro Renato comer, que eu tô fazendo a janta.”

A mulher entrou com a bolsa para um quarto, deixando no alpendre o filho e a afilhada. Renato tirou a camisa e levantou os braços sentindo a brisa fraca refrescar-lhe o corpo. A moça, de soslaio, olhou o tórax branco, com um fino caminho de pelos negros que surgiam um pouco abaixo do meio do peito e desciam pelo umbigo, onde se tornavam mais espessos e se ocultavam dentro da calça jeans. O suor era visível e escorria como lágrimas atalhadas pelo cinto da calça.

Renato olhou em volta. O campinho em frente à casa estava seco, cheio de pedrinhas e lagoas de areia. O sol, agora morno, batia na cerca que circundava a propriedade e doía no olhar. Além da cerca, só juremas, aroeiras, oiticicas, cumarus e algumas árvores sem folhas, formando um mar gris que se estendia para todos os lados e se perdia no horizonte. No meio desse mar, ao longe e ao sudeste, destacava-se um ponto branco e imponente. Era a igreja da Barra do Sitiá, uma construção do período colonial, ponto turístico da pequena vila.

“Quanta saudade!” suspirou.

Àquele instante, Adriano já havia desaparecido com o cavalo.

“Onde está o papai?”

“O padrinho foi a Areias Brancas¹ com o Lauro.”

“Lauro? Quem é Lauro?”

“Ah! Tu não conhece. É o morador novo, que chegou faz uns três mês...”

“Meses, Corrinha... Três meses!”

Corrinha ficou visivelmente constrangida pela correção, repetindo baixinho a expressão “*três meses*”.

“E você? Como vai na escola?”

A moça baixou a cabeça, envergonhada, e respondeu entre os dentes:

“Desisti...”

“O quê? De novo, Corrinha?”

“Faz uns três mês... Três meses que não vou pra aula.”

“Será possível que você vai se aposentar na quarta série?!”

“É ruim demais estudar! A escola é muito longe.”

Renato balançou a cabeça em sinal de total reprovação. Depois de um instante de silêncio, perguntou:

1 Assim era chamada a pequena cidade de Ibicuitinga, aliás, “areia branca” é a tradução desse topônimo tupi. (N. do A.)

“Lauro é o pai daquele rapaz que me trouxe no cavalo?”

“O Adriano? É sim.”

“Corrinha!” gritou a madrinha lá de dentro. “Venha, menina! O Natinho está cansado e com fome!”

A moça sorriu para o rapaz e o deixou sozinho no alpendre. Mas ali ele não demorou muito, logo entrou para tomar um banho, como aconselhara a mãe e como exigia o corpo.

Já havia escurecido quando Armando e o empregado retornaram de Ibicuitinga. Foram vender umas cabeças de gado e voltavam cansados.

Armando era um homem de meia-idade, alto, corpulento, com uma imponente barriga e uma voz impactante. Casado com Júlia havia mais de trinta anos, tivera com ela uma filha e dois filhos, sendo Renato o caçula. Era proprietário de um bom pedaço de terra, uma fazenda considerada grande para os padrões locais e era tido como um senhor de prestígio na região. Vendia leite e às vezes carne. O povo das redondezas, falto de uma maior visão de mundo, tinha-o por rico. De fato, era rico numa terra em que a maioria só dispunha de feijão, farinha e rapadura à mesa na hora do almoço.

Lauro era o novo morador da fazenda. Morava num casebre próximo à casa do patrão, construída para os serviçais, com a mulher, Mariinha, e um casal de filhos moços: Adelina, de dezoito anos, e Adriano, de dezessete. A filha ajudava a mãe nos serviços domésticos e, assim como Corrinha, abandonara os estudos tão logo aprendera o básico em termos de leitura e escrita. Às vezes, juntava-se a Corrinha no alpendre da casa grande para falarem de rapazes. Mantinha um envolvimento com um moço negro de nome Antônio, mas a quem só chamavam Tõe. Por ele ser negro, os pais da moça não lhe eram simpáticos. Além de que não era dado aos serviços rurais.

Adriano era, no dizer de Lauro, seu braço direito. Acompanhava o pai nos serviços da fazenda, desde garotinho. A família vivia prestando serviços a fazendeiros. Não tinham casa própria e possuíam pouca coisa. Nunca se demoraram mais do que cinco anos na mesma fazenda. Ora o tempo ruim, ora os maus tratos dos patrões os obrigavam a buscar sempre novos ranchos onde pudessem trabalhar e sobreviver. Por conta disso, Adriano não progredira nos estudos. Já moraram em lugares completamente isolados, onde não havia escolas. No início daquele ano, a família resolveu mudar de vida, abandonar a condição de “moradores de fulano” para tentar viver da pesca e da venda de peixes extraídos do Banabuiú, rio que banha o vilarejo da Barra. A mudança, todavia, não se deu como Lauro pensara: o que ganhava com a venda de peixes mal dava para pagar o aluguel, ficando a família quase entregue à condição de mendigos. Até que Armando, tendo demitido uma família de empregados seus, ofereceu a vaga a Lauro, que a aceitou de imediato. Mudaram-se para as terras de Armando e estavam se dando muito bem. Apesar do jeito autoritário do patrão, Lauro costumava dizer que aquele era o melhor que conhecera e torcia para que nada perturbasse o convívio pacífico com aquela família de fazendeiros.

O tempo que passaram no vilarejo da Barra serviu para que Adriano retornasse à escola. O rapaz gostava de estudar, apesar de ter frequentado pouco a sala de aula. Tinha facilidade de aprender as coisas, cedo começou a ler, mas o pai nunca quis incentivá-lo, nunca teve sonhos de ter um filho letrado, nunca acreditou que estudo levasse ninguém ao progresso, preferia acreditar no trabalho, e o braçal, de preferência, ao qual estava acostumado desde criança. Via mais futuro em ter o filho ao seu lado ajudando-o nos serviços rurais do que nos bancos escolares. Quando se mudaram para a fazenda de Armando, Adriano teve

novamente que abandonar as aulas, mas, sempre que lhe sobrava um tempo, lá estava ele com a vista mergulhada nos livros que conseguira da escola.

“O senhor ainda vai precisar de mim hoje, seu Armando?” perguntou Lauro, abanando o braço para espantar os mosquitos do anoitecer.

“Não, Lauro. Pode ir pra casa. Boa noite.”

“Boa noite e até amanhã.”

Cansado da viagem a cavalo, Armando deitou o corpo na cadeira de pau posta no alpendre, tirando o chapéu e coçando a cabeça suada. Depois de alguns suspiros, ouviu uma voz masculina vindo da cozinha. Reconheceu-a de imediato e se levantou.

“Meu filho!” disse, adentrando a casa. “Meu filho!”

“Bênção, papai!”

O filho o recebeu com o mesmo ritual com que recebera a mãe: beijos nas mãos seguidos do abraço. Depois, os comentários óbvios: por que não avisou que vinha, como vão seus tios, como vão os estudos...

“Vai tomar banho, homem!” repreendeu a mulher. “O Natinho está com fome e estava só esperando você chegar pra jantar.”

Armando não lhe deu atenção. Puxou uma cadeira e pôs-se a fazer perguntas ao filho. Era assim toda vez que Renato chegava para as férias. O pai tirava os primeiros instantes do reencontro para conversar com o filho. Fazia-lhe sempre as mesmas perguntas e tentava disfarçar o orgulho que sentia do rapaz. Quando este não estava olhando, o homem o contemplava com um sorriso nos lábios. Admirava seu linguajar e seus trejeitos de moço citadino.

Quem os via naquele diálogo, dizia que os dois se davam muito bem. Entretanto, havia uma barreira entre ambos, erigida com a

distância que os separava desde quando Renato foi mandado para a capital do Estado para morar com os tios, estudar, formar-se, ter uma vida diferente da dos irmãos e dar orgulho aos pais. Ao conversar com o pai, Renato não o olhava nos olhos. E Armando também mudava a vista todas as vezes que os olhares dos dois se encontravam. Havia um sentimento de vergonha por parte do fazendeiro de falar na presença do filho, temendo não usar o português tido como correto, coisa a que o rapaz não dava a menor importância. Não com os pais, pois sabia de suas origens e da falta de oportunidade para os estudos, embora fosse, nesse aspecto, um pouco arrogante e até indiscreto com jovens como Corrinha, cujo desinteresse pelos estudos julgava imperdoável.

A noite caiu sobre a caatinga cobrindo-a com seu manto negro. O céu se encheu de estrelas e a Via-Láctea fez-se visível cortando o alto do firmamento. Em baixo, pequenos pontos de luz quebravam a monotonia da escuridão. Eram as lamparinas que deixavam escapar seu lume pelas janelas das poucas casas no alto dos morrinhos afastadas umas das outras. Uma brisa fria soprava as matas e vez por outra se ouvia o pio de um pássaro noturno. O resto era só silêncio e trevas.

Passava das sete e meia e a família de Lauro já havia fechado as portas para dormir. Mariinha lavava os pratos do jantar enquanto a filha passava a vassoura pela cozinha para tirar farelos de cuscuz espalhados pelo piso de tijolo descoberto.

“Quem é?” perguntou Lauro quando ouviu alguém bater na porta da frente. Estava fumando um cigarro *pé-duro* enquanto se balançava levemente numa rede armada no meio da pequena sala, onde, sobre a garupa de uma velha bicicleta encostada na parede, um rádio transmitia a Voz do Brasil.

“É a Corrinha, seu Lauro” respondeu a voz do outro lado.

“Abra aí, Adriano” ordenou o pai.

Adriano estava noutra rede, bem próxima à lamparina. Lia um livro didático de Português da quarta série escolar, que ele ganhou quando se matriculou na escola da Barra. Sabendo que ele largaria os estudos para ajudar o pai na fazenda de Armando, a professora, que desenvolvera um carinho especial por ele, cedeu-lhe um livro da própria escola. “Nunca deixe de tirar um tempinho pra ler, meu filho” aconselhou ela, “Você é um menino muito inteligente”. Desde então, o moço, à noite, costumava deitar-se na sala iluminado pela chama fumegante de uma lamparina para viajar por entre as páginas do livro. Lia os pequenos textos à meia-voz – não sabia ler de lábios cerrados; a presença do pai com o rádio ligado o obrigava àquele tipo de leitura; do contrário, não se concentraria no texto – e, quando não estava muito cansado, abria o caderno e resolvia as atividades propostas após os textos. Pulava as questões de gramática, pois não conseguia entendê-las sem que alguém o ajudasse. Nas noites em que estava muito cansado, limitava-se a admirar as figuras que ilustravam os textos – já se aventurara a copiá-las e era muito bem sucedido na arte de desenhar, embora escondesse para si seus desenhos. No íntimo, guardava um rancor do pai por este nunca lhe ter criado oportunidade para o estudo. Era um bom filho, obediente e trabalhador, mas detestava o trabalho rural, ao qual se curvava passivamente. “Fazer o quê?”

Ao ouvir o pai lhe dizendo para abrir a porta, torceu os lábios vermelhos, levantou-se, pôs o livro dentro da rede cuidando para não amassar a capa, puxou as pernas da bermuda para baixo e foi atender Corrinha.

“Boa noite, Adriano!” sorriu a moça ao vê-lo. A cárie entre os dentes incisivos destacou-se à luz da lamparina. “Já vão dormir?”

“Não” respondeu Lauro. O hálux descalço tocou de leve o pedal da velha bicicleta fazendo a rede parar de balançar. “Fechemo

as porta pra mode o vento não apagar a lamparina nem entrar muriçoca.” E, antes de repor o cigarro na boca: “Entre, Corrinha. A Adelina tá lá dentro mais a Mariinha.”

Adriano abriu a metade inferior da porta para que a moça entrasse. Ela baixou o rosto escondendo o olhar para o peito nu do rapaz e entrou.

“O sinhô viu o fi do padrinho, que chegou de Fortaleza?”

“Não” respondeu Lauro. “Chegou um fi dele, foi?”

“Ah, pai, eu esqueci de contar. Chegou o filho mais novo do seu Armando. Eu trouxe ele do meio da estrada pra casa.”

“Eles mandaram tu ir buscá ele, foi?”

“Não. Ninguém nem sabia que ele vinha. Ê que fui lá na casa do seu Chico deixar o pagamento pelas vassoura que ele fez pra dona Júlia e encontrei com o rapaz na estrada.”

“Ê o Natim” informou Corrinha, sempre sorrindo. “O fi caçula que estuda em Fortaleza. Ê da idade do Adriano.”

Adriano voltou para a rede. Estava só de bermuda e se encabulara na presença da moça, que não disfarçou os olhares para o abdômen liso do rapaz.

“Eu vou lá dentro falar com a Adelina” disse ela, passando ao lado da rede e olhando mais uma vez para o corpo de Adriano.

O moço escanchou-se sobre a rede e puxou o livro para perto dos olhos. A luz da lamparina, posta sobre um tamborete ao lado da rede, mal iluminava o papel, mas dava um tom dourado aos pelos curtos das grossas pernas dependuradas, os pés quase tocando o chão.

Corrinha foi conversar com Adelina, contar-lhe sobre Renato. Quase uma hora depois ela retornou à casa dos padrinhos. Armando conversava com Júlia no alpendre escuro, com os olhos fixos no contorno negro do horizonte.

Ao pisar no alpendre, a moça perguntou pelo rapaz chegado da cidade.

“Foi dormir” respondeu Júlia. “Tá enfadado da viagem.”

“Eu também vou me deitar” disse Corrinha, com um suspiro. “Tô mortinha!...”

“Não sei de quê!” comentou a mulher, depois que ela entrou para dormir. “Passou o dia só ouvindo rádio... E o Natinho ainda trouxe um rádio novo pra ela!”

Corrinha morava com os padrinhos desde pequena, quando seus pais, num período difícilimo, resolveram entregar a filha, então com cinco anos, para ser criada pelos compadres por acharem, e com certa razão, que estes tinham mais condições de oferecer à menina o essencial para uma vida digna. Ela, agora nos seus dezoito anos, nunca fizera outra coisa senão ajudar a madrinha nos afazeres domésticos como uma empregada. Empregadas, aliás, nunca existiram na casa de Armando. Apesar de terem uma casa grande, os dois sempre abriram mão dessa regalia. A família que o fazendeiro contratava para cuidar do gado era suficiente. Júlia era uma mulher trabalhadeira, só não dispensava a ajuda de Corrinha. Esta tinha poucas amigas, não conhecia diversão e nunca namorara; estava numa fase de inquietação sexual: excitava-se com a mera visão de um tórax masculino exposto, o que raramente via, e tudo em que pensava era em arrumar um pretendente. Desde que Adriano veio morar na fazenda que a moça entrara numa fase de turbulência hormonal. Sentia por ele uma atração incontrolável e não estava mais escondendo isso. Por Renato sentia um afeto antigo, mas não suficientemente fraternal para impedi-la de admirá-lo como homem.

Silenciosa, ela caminhou para o quarto onde dormia, ao lado da cozinha. Passou em frente à porta entreaberta do cômodo em

que estava Renato, percebeu uma luz vacilante e parou, curiosa. Espiou para dentro do aposento, viu por entre as tábuas da porta o corpo seminudo do jovem debruçado sobre a cama, mal coberto pelos lençóis.

Cuidadosamente, empurrou uma das bandas da porta e entrou no recinto. Descalça para não fazer barulho. Com ternura, sorriu ao ver Renato a dormir como uma criança, de boca aberta, braços em volta da cabeça. A ternura deu lugar a um desejo ardente quando desceu os olhos sobre as costas nuas do rapaz. Quis tocar-lhe a pele alva e exposta, mas, com esforço, conteve-se. Mas sucumbiu ao desejo de puxar um pouco o lençol e descobrir a região glútea do jovem. Imaginou-o nu, mas ele estava de cuecas. Ao vê-lo assim, a moça sentiu uma comichão percorrer todo seu corpo e suspirou fundo. A voz da madrinha lá fora a fez recobrar a consciência e voltar para o corredor com o mesmo cuidado com que entrara.

2º CAPÍTULO

Adelina acordara cedo. Antes de o sol nascer, a jovem dirigiu-se ao rio Sitiá, que ficava a uns duzentos metros da casa grande. A mãe, Mariinha, ficara em casa fazendo a comida para a sua família, para a família dos patrões e para os peões que Armando contratara para brocar nos terrenos onde pretendia plantar feijão tão logo as chuvas começassem a cair. Lauro fora junto com os peões e Adriano ficara incumbido de deixar o gado nas capoeiras.

O sol já ardia na pele. Adelina, banhada de suor, ensaboava uma calça do irmão quando um assobio vindo dos matos quebrou o silêncio e fez a moça levantar a cabeça, arregalando os olhos à procura do autor daquele silvo.

“Aqui...” cochichou uma voz grossa. “Atrás de tu!”

A moça largou a esteatita com que esfregava o jeans, virou-se e viu os matos balançarem, denunciando a presença do observador. Sabendo tratar-se do namorado, Adelina levantou-se, enxugou as mãos ensaboadas na saia e foi ao encontro dele.

O rapaz estava junto a uma cerca, à sombra de um juazeiro frondoso, bem escondido entre as juremas. Todos o chamavam de Tõe. Era um rapaz de pele muito escura, baixo e musculoso. Usava uma bermuda velha, com alguns remendos nas nádegas e tinha sobre o ombro esquerdo uma camisa de meia, cheia de nódoas de caju.

“Ficou doido?” ralhou a moça, aproximando-se.

“Achei que tu ia ’tar lavano roupa e vim te ver.”

“Devia ’tar trabalhano! Seu Armando não te chamou pra ir pras broca hoje?”

“Chamou, mas eu não fui, não.”

O rapaz pôs os braços fortes em volta da cintura da moça, puxando-a para si e apoiando o corpo na lenha da cerca, que rangeu com o peso.

“Ontem a gente nem se viu...” cochichou ele, soprando um hálito quente no pescoço dela. “Acordei doido pra te ver...”

“Assim tu faz é piorar as coisas entre nós. Papai já tem implicância com tu... Tu devia de aceitar o serviço que te oferecem pra ele não ficar dizendo que tu tem preguiça de trabalhar!”

“Eu vou amanhã... Agora me dá um beijo.” O rapaz pressionava fortemente o corpo de Adelina contra o dele, roçando os grossos lábios no pescoço suado da moça, mordiscando-o, enquanto suas mãos ásperas deslizavam pelas costas dela, parando nas nádegas, espremendo entre os dedos escuros e grossos a carne branca coberta por panos molhados.

A moça rendeu-se às carícias do namorado, recebendo em sua boca a língua úmida e quente do rapaz sedento. Ao sentir o membro duro a pressionar-lhe o ventre, ela projetou-se para trás, interrompendo o beijo.

“Tá bom. Agora vá embora.” Disse ela, ajeitando a roupa fria.

“Só outro beijo...”

“Não. Tenho que continuar o serviço. Tá ficando tarde. Hoje de noite a gente se vê.”

Antônio pôs a mão dentro das calças, ajeitando o pênis que agora relaxara no calor da veste.

“Tu vai lá em casa hoje de noite, não vai?” interrogou a moça, fitando-o.

“Vou.” respondeu ele, com certo tédio.

Olharam-se mais uma vez, deram-se as mãos, apertaram-nas e cada um saiu para um lado.

Ao retornar ao amontoado de pedras em que estavam as roupas ensaboadas, Adelina viu Renato, de pé, à beira do riacho, jogando pedras na água.

“Bonrdia!” disse ela.

“Oi.” ele virou-se para olhá-la.

Não se conheciam ainda, e embora ela já soubesse quem ele era, perguntou:

“O senhor é o filho do seu Armando, que chegou de Fortaleza?”

Renato apenas confirmou com a cabeça.

“E você? Quem é?”

“A filha do morador. Meu nome é Adelina.”

Ela sorriu, mostrando as cáries.

Renato sorriu sem graça.

“O senhor quer tomar banho no ri? Não dá... A água tá muito pouca. Só tem uns canto que tem uns buraco que dá água na cintura.”

“Eu sei. Eu conheço bem isso aqui.”

“Sabe nadar?”

“Não. Quando eu estava aprendendo, fui embora daqui.” disse ele, tirando a camiseta, expondo ao sol a pele alva. O cordão dourado que ostentava no pescoço cintilou, atraindo o olhar da moça.

“O senhor tá precisano tomar um solzinho...”

O moço ignorou o comentário, pondo a camiseta no ombro e olhando a paisagem a sua frente. Quando era bem mais novo e vinha para a fazenda, costumava atravessar o córrego para brincar sozinho num trecho mais adiante, onde havia umas pedras grandes no meio do leito e nas margens.

“Vou andar um pouco por aí, matar a saudade...” disse à moça, antes que ela perguntasse.

Renato pôs os pés na água fria, arrepiando-se todo, atravessou o Sitiá e caminhou por algumas dezenas de metros por sobre o mato seco. Depois, encontrando o local que procurava, sorriu ao lembrar-se de suas brincadeiras solitárias e passou para cima das pedras, pulando de uma para a outra até ficar no meio do riacho.

Naquele trecho do Sitiá, o pequeno rio alargava-se. Havia alguns buracos onde a água ficava retida, como em pequenos tanques. Dava para se agachar dentro e banhar-se.

O moço já ia desabotoando a bermuda quando percebeu a presença de Adriano que naquele trecho do Sitiá, dava de beber a um burro escuro.

O jovem rústico olhava tímido o filho do patrão em pé sobre a pedra. Este, ao percebê-lo, assustou-se. Ficaram por alguns instantes a se olharem, calados. Renato segurou os olhos nos olhos castanhos de Adriano que, ao primeiro passo do outro, baixou a vista.

“Tudo bem?” saudou o estudante, quase sorrindo.

“Tudo.” disse Adriano, sem levantar o rosto.

“Qual é o seu nome mesmo? Eu esqueci...”

“Adriano...”

“Ah! O meu é Renato.”

“Eu me alembro...”

Renato, com cuidado para não escorregar das pedras, aproximou-se do rapaz.

“Esse burro não é do papai, não... É?”

“Não, senhor. É do meu pai... Quer dizer. É meu. Meu pai comprou já faz algum tempo e me deu.”

“Como é o nome dele?” perguntou, pondo a palma molhada no lombo do animal.

“É Iscube.”

“Iscube? Quem deu esse nome?”

“Ouvi um dia por aí, nem sei adonde.”

Renato sorriu, lembrando-se do personagem de desenho animado, Scooby-Doo, que certamente servira de inspiração para Adriano nomear o burro.

Houve um breve instante de silêncio.

“Vamos tomar banho no rio?” sugeriu Renato.

“Não, senhor.”

“Epa! Nada de me chamar de senhor. Eu devo ter a sua idade. Quantos anos você tem?”

Adriano baixou a cabeça, olhando o outro com timidez. Com a voz meio baixa, respondeu:

“Dezessete.”

Tinha uma voz macia que dava a impressão de nunca se alterar, de nunca se impor.

O outro sorriu:

“Da minha idade!”

O camponês esboçou um sorriso, mas conteve-se. De repente, foi tomado por um sentimento de vergonha, achando-se com a aparência mais velha do que o outro e, no entanto, mais novo, muito mais novo por dentro.

“Chame-me de Renato. Só Renato.”

O estudante aproximou-se ainda mais e pôs a mão sobre o animal.

“E por que você não quer tomar banho no rio?” perguntou.

“Tá muito raso... E eu preciso voltar.”

O outro se calou por um instante. Adriano saiu puxando o burro, que já se fartara da água.

“O senhor dá licença...”

“Ei! Senhor não!”

Adriano esboçou novo sorriso e olhou nos olhos do outro, sem dizer nada.

“Você já vai para casa?”

“É.”

“Eu também vou para minha...”

“Não vai mais tomar banho?”

Renato hesitou um pouco.

“Sei lá... Acho que não.”

“Então vamo” disse Adriano, dando passos para frente.

Renato caminhava ao lado dele, tentando puxar conversa.

Mas foi o outro que o fez:

“O senhor... Tu estuda em Fortaleza?”

“É.”

“Tá em que ano?”

“Eu acabo de terminar o Segundo Grau. Vou fazer o vestibular em breve.”

Ao dar a informação, Renato temeu não ter sido compreendido e continuou:

“Vou fazer umas provas para cursar uma faculdade... Meu pai quer que eu seja advogado”, e, depois de uma pausa: “É o sonho do meu pai... Ter um filho advogado. Ou médico.”

“E o senhor... Tu quer ser advogado?”

“Sei lá...”

Deram alguns passos subindo a ladeira em silêncio.

“E você? Estuda?”

“Não. Eu parei...”

“Por quê?”

“Porque não dá pra mim, não... O pai veve se mudando... A gente se matricula e depois abandona. Este ano foi assim” Adriano, pela primeira vez, falou por alguns minutos seguidos, explicando que, no começo do ano, matriculara-se na escola da

Barra, mas que depois teve que deixar os estudos quando o pai se mudou para aquela fazenda. E acrescentou: “O pai diz que homem do mato não precisa estudar muito, não. Basta aprender a assinar o nome ou até fazer um bilhete.”

“Ele diz isso, é?”

“É... Ele nem sabe ler!”

“E você, aprendeu a ler?”

Adriano deu um sorriso, chegando a parar de caminhar.

“Ah, eu sei. Eu gosto é muito de ler. Toda noite eu pego um livro que a tia me deu e vou ler”. Voltou a andar. “Não leio bem assim como tu, mas leio...”

“E você gostaria de ter estudado mais?”

“Gostaria...” Adriano novamente parou de andar. “Eu queria ser formado, que nem tu... Aí eu não ia precisar trabalhar na roça, pegar no pesado... Ia morar na cidade grande...” Olhou para Renato. “É bom morar em Fortaleza? Deve ser bom, né?”

Renato soltou um sorriso sem graça e respondeu:

“É bom quando a gente mora na casa da gente, com os pais da gente... Morar com parentes é muito ruim. É como se não houvesse ninguém para cuidar da gente...” Ficou sério. “Eu sinto muita falta dos meus pais, principalmente de minha mãe.”

Adriano deteve o olhar no olhar de Renato, demonstrando pena. Olharam-se por um longo instante, até ficarem constrangidos e mudarem a vista.

“Eu nunca morei fora de casa...” confessou Adriano.

E continuaram subindo a ladeira em direção ao estábulo afastado alguns metros das casas. A conversa seguiu sem interrupções. Renato ainda comentou sobre Fortaleza, descreveu as praias, o centro da cidade, a vida urbana. Entre uma descrição e outra, desabafou sobre a angústia de viver com os tios conservadores, sobre a falta de amigos. Adriano, atento, perdera

a timidez e fazia perguntas sempre que tinha vontade. Começou a achar bonita e a invejar a forma como o outro se expressava, e tentava, ao falar, não esquecer os esses do plural, para não parecer estúpido. Chegou, em algumas vezes, a pluralizar palavras invariáveis.

Do alpendre da casa grande, Júlia ouvia as vozes dos rapazes, embora não conseguisse, dada a distância, compreendê-las. E ficou feliz por ver o filho conversando com um rapaz da idade dele. Era a primeira vez que via Renato com um amigo nos últimos cinco anos.

Renato nascera ali, mas, ao concluir a quarta série do Primeiro Grau, a tia, que morava em Fortaleza e fora com o marido passar uns dias na fazenda do irmão Armando, persuadiu este a deixá-la levar o menino para continuar seus estudos na capital, uma vez que a escola da Barra do Sitiá só oferecia até a quarta série. Armando animou-se com a ideia de ter um filho formado. Os outros que tivera haviam seguido seus passos. Com lágrimas nos olhos, o menino Renato deixou a casa dos pais, onde a mãe, sentada ao alpendre, não conseguia conter seu pranto.

Os primeiros anos foram difíceis até que ele se acostumou com a nova vida.

A tia com quem passou a morar era uma criatura ranzinza, impertinente. O marido era bancário; quando estava em casa, mal conversava. Nos primeiros anos do casamento, tivera problemas com alcoolismo e, para largar o vício, convertera-se ao protestantismo. A esposa tornou-se evangélica também. Ambos empreenderam mudanças radicais em sua rotina: afastaram-se de muitos amigos, tornaram-se mais caseiros, passaram a dormir mais cedo e a ver menos televisão. “Não quero que meu filho vire crente!” avisou Armando em certa visita à casa da irmã. “Prefiro que ele volte para casa.”

Ela não insistiu, mas não tolerava que o menino saísse para brincar nas ruas nem que levasse amigos para dentro de casa, a não ser uma garotinha filha de uma prima de Armando, que morava na mesma rua. Mas a garotinha depois foi morar noutro bairro e o menino ficou sem amigos. A solução foi se dedicar unicamente aos estudos. Na escola, fora um dos primeiros da turma, mas não fizera muitos amigos. Os colegas consideravam-no irritantemente estudioso e só o tratavam melhor às vésperas dos exames. Agora que terminara o Segundo Grau, pretendia fazer o vestibular na Universidade Federal do Ceará, marcado para meados de janeiro. Embora soubesse da necessidade de se preparar para as provas, não passou por sua cabeça não ir para a casa dos pais com o término do ano letivo. Era ali, naquela casa isolada no meio do sertão, que ele se sentia livre, acolhido pelo carinho dos pais. Em todos esses anos, nunca deixara de ir passar as férias em casa. Quando o mês de julho ou o de dezembro se aproximava, ele já mudava de semblante, exibindo um sorriso, contando os dias para viajar para o interior. Na fazenda, não havia outras crianças, outros meninos com quem brincar, mas ele estava em casa. Acabadas as férias, voltava quase à força e chorava escondido – geralmente quando ia tomar banho – por vários dias. Tímido e inseguro, apesar de seus dezessete anos, nunca namorara nem conhecera alguém que lhe despertasse o desejo do sexo a ponto de ele aventurar-se à procura da realização desse desejo. Tinha, porém, como todo adolescente, o hábito do onanismo, geralmente à hora do banho e sem delongas.

Olhando o filho à distância, Júlia chegou a lacrimejar relembrando cada vez que teve que se separar dele.

O céu cinzento de dezembro quase não deixava perceber o bando de garças que migrava de um lado da mata, também gris, para o outro. Até a igreja da Barra do Sitiá, branca e vistosa de

longe, parecia um vulto pálido que se esvairia com a chegada do meio-dia.

3º CAPÍTULO

Eram 17 de dezembro de 1984. A caatinga, devido à ausência de chuvas típica da segunda metade do ano, mostrava-se cinzenta, espinhosa. As garças, como flocos de algodão, voavam em bandos dispersos sobre o leito quase seco do pequeno Sitiá. O Sol se punha plácido, avermelhado e uma brisa fria varria o alto dos morros onde ficavam as poucas casas, na maioria brancas, com seus alpendres aconchegantes, nos quais costumavam repousar os moradores ao final de um dia cansativo de trabalho.

Aquela era a hora da qual Renato menos gostava na fazenda. O fenecer de um dia, a chegada da noite, o silêncio da mata infligia-lhe uma tristeza que lhe consumia alma, uma angústia profunda que trazia um medo do futuro, da solidão. Era como se a solidão que ele sentia em Fortaleza, na casa dos tios, lhe caísse ali, na casa dos pais. Aquela atmosfera lúgubre ficava ainda mais perturbadora entoada pela cantoria nostálgica que saía do rádio na sala atrás do moço. Àquela hora, as AMs das cidades próximas só transmitiam programas de cantoria, o que Renato detestava. “Fazer o quê?”, pensava ele. Ali não se captava o sinal das FMs de Fortaleza.

“Pode ir tomar bãe, Natinho” comunicou-lhe Corrinha, penteando os cabelos molhados. “O banheiro já está desocupado.”

“Ah! Que bom! Detesto ficar aqui ouvindo esses agouros!”

“Natinho, e as pilha pro radinho que você me deu?”

“Amanhã eu irei à Barra e compro...”

Na casa, havia dois banheiros: um junto ao alpendre dos fundos, no qual Júlia estava a banhar-se. O outro era separado da casa, no quintal. Era um quartinho baixo, construído pelo governo, numa campanha de saneamento básico – Todas as

casas foram beneficiadas com um, inclusive aquela, que já tinha um banheiro. Era construído com finas lajes de concreto, revestidas por folhas de jornal e pintadas de branco. Constituíam-se de dois pequenos compartimentos: um destinado ao banho e o outro, onde havia um bojo cilíndrico de concreto, às necessidades fisiológicas. Ambos tinham portas de madeira pintadas de azul. Atrás, ficava a fossa, um pouco alta.

Renato foi banhar-se nesse quartinho. Levou dois baldes com a água necessária ao asseio e depois voltou para pegar sabonete, xampu e toalha. Toda vez que voltava de Fortaleza, onde se banhava de chuveiro, o rapaz demorava um pouco para se acostumar com o banho de lata. Pior era ter que arranjar um lugar no cubículo para pôr as coisas, inclusive a roupa, a salvo da água.

Corrinha, por trás da porta da cozinha, espiava-o preparar o local para o banho e aguardava o momento em que ele se fecharia completamente nu.

O momento era propício para que ela fosse espiá-lo de perto, por trás do quartinho, onde havia uma saída de ar junto ao teto baixo. Ninguém a veria em seu ato de voyeurismo: a madrinha estava no outro banheiro e o padrinho não se encontrava em casa.

Renato despiu-se e agachou-se para encher a lata d'água. Enquanto Corrinha, trêmula de desejo e na ponta dos pés, tentava em vão enxergá-lo através da escuridão. Nem mesmo via a ponta dos dedos do moço quando este elevava a lata d'água e a vertia sobre a cabeça.

Uma voz interrompeu sua investida.

“Maria do Socorro!” – Era a madrinha, que, terminado seu banho, procurava a moça pela casa.

Nervosa, Corrinha saiu detrás do banheiro e, com cuidados para não ser vista, subiu para o alpendre traseiro – por pouco não escorregou na lama que se formava com a água da pia – e apareceu ofegante na porta da cozinha.

“Que é, madrinha?”

“Que cansaço é esse, menina?”

“Cansaço? Ah! Nada não, madrinha.”

“Cadê o Renato?”

“Tá tomando bãe.”

A mulher, ainda em toalha, encarou a moça na penumbra da lamparina.

“Bote o cuscuz e o leite na mesa.”

Algumas horas depois, como soía acontecer, começavam a aparecer no alpendre as visitas para conversarem sobre os mais variados assuntos, à luz da lamparina. Lauro e Adriano chegaram e, após cumprimentarem os patrões, sentaram-se no parapeito, escorando-se cada um numa das colunas roliças.

“Cadê a Mariinha?” quis saber Júlia.

“Ficou em casa... A Adelina inventou de arrumar um namorado e eu deixei ela pra olhar os dois.”

Pouco depois, chegaram outras visitas: dona Carmélia, mãe da nora de Armando, uma simpática velha contadeira de histórias e rezadeira, que, ao subir os degraus do alpendre, dando seu boa-noite aos da casa, foi logo conduzida à cadeira de pau onde gostava de se sentar; Ricardo, o filho mais velho de Armando, e sua esposa Catarina, que tinham um motivo especial para estarem ali naquela noite: rever Renato, o qual, após escovar os dentes, veio para o alpendre, acompanhado de Corrinha.

Ricardo levantou-se para cumprimentar o irmão, apertando-lhe a mão e dando-lhe tapinhas no ombro.

“Tá forte!” comentou.

“Eu acho ele é magro” disse Júlia. “Parece que não come direito lá...”

“Nada como comer na casa dos pais da gente” observou Catarina.

Armando, que não gostava de tecer nem de ouvir comentários sobre irmã em cuja casa Renato vivia, tratou de cortar o assunto:

“Cadê o menino?”

“O Titico? Desde ontem que ele tá pra casa da mãe dele” respondeu Ricardo.

Titico era um menino de oito anos, sobrinho de Catarina, que costumava passar dias com a tia, que não tinha filhos apesar do casamento de nove anos.

Estavam todos sentados, quase em círculo, no meio do vasto alpendre. A lamparina colocada numa das janelas não era suficiente para iluminar a todos.

Na primeira hora em que todos estavam reunidos, Renato fora o centro das atenções. O irmão o encheu de perguntas. Nunca fora à capital do Estado, por isso queria saber sobre a vida urbana, sobre o mar, sobre o tráfego, acidentes de trânsito, assaltos e tudo o que fosse típico daquele ambiente. Era sempre assim. Às vezes, Renato era solicitado a repetir histórias contadas em outras férias.

Adriano escutava a tudo, calado, admirado com o jeito do outro, e ligeiramente invejoso, sentindo-se inferior por ter a mesma idade e não ter vivido nenhuma daquelas experiências. Não ousaria ali dizer uma palavra sequer. Sabia que o contraste entre ele e o outro seria sentido de imediato. Mantivera-se, por isso, como se não estivesse ali.

Renato silenciava a todos quando falava. Ninguém, exceto o irmão, que não tinha cerimônias para com ele, interrompia-o. O rapaz não repetia muito as palavras, não hesitava nem gaguejava

quando ia construir uma frase, não era reticente nem cometia anacolutos. A solidão na casa dos tios o empurrara para os livros e estes lhe deram a fluência de um orador.

Já cansado e tendo-se esgotado os assuntos, o estudante calou-se, fixando o olhar na escuridão do céu. Um instante de silêncio envolveu a todos no alpendre. Ouvia-se apenas o balançar das cadeiras no cimento.

Com Renato fora do centro das atenções, a velha Carmélia começou a soltar suas histórias. Também tinha muito o que contar sobre Fortaleza, onde, na juventude, em tempos difíceis no interior, fora mandada pelos pais para trabalhar na casa de uns parentes afortunados. A velha não tinha o repertório lexical de Renato, mas era loquaz e sabia prender a atenção da mesma forma. Suas histórias ganhavam graça devido ao tom de exagero que ela punha ao narrar.

Na casa de Lauro, Mariinha se balançava numa rede armada na sala e, de vez em quando, levantava-se e ia à cozinha beber água ou lavar o rosto; caso não fosse, acabaria dormindo, fracassando na árdua missão que o marido lhe confiara: vigiar a filha enquanto esta namorava.

Adelina e Antônio estavam sentados em dois tamboretas, lado a lado, na pequena sala, à luz fraca de uma lamparina. Mal falavam, encabulados com a presença da mulher. Limitavam-se a ficar de mãos dadas sobre a coxa dele.

“Lauro tá demorando...”

“A conversa tá é boa!” disse a filha.

Meia-hora depois, a mulher sucumbiu ao sono. Estava fatigada da luta doméstica e, como tinha o hábito de dormir muito cedo, não resistiu à chegada das vinte horas. Adelina e Antônio, aproveitando-se do sono da mulher, entregaram-se às carícias como dois amantes sôfregos. Certos de que Mariinha só

despertaria com um safanão, os dois ousaram sair da sala e ir para o oitão da casa, na escuridão. De lá, ouviam-se as vozes no alpendre da casa grande e dava para saber quando Lauro estaria de volta com a antecedência necessária para o casal.

O rapaz apertava a moça contra a parede, mordiscando-lhe o pescoço e causando-lhe arrepios por todo o corpo. Ela o abraçava com força, contorcendo-se inteira. Um calor invadiu-lhe as carnes quando o rapaz friccionou a pele contra seu ventre levantando-lhe o vestido com a mão áspera.

“Deixa eu botar a mão, deixa...” sussurrava ele ao ouvido da moça.

“Não...”

“Deixa” – sua voz tornara-se suplicante – “Só um pouquinho...”

“Não” – ela tentava resistir. O peito arfava com o coração acelerado.

“Por quê?”

“O pai pode chegar...”

“Ele não vem agora. Dá pra ouvir a risada dele... Deixa... Deixa...”

O silêncio consentiu pela moça. Trêmula, ela mordeu o lábio inferior ao sentir os grossos dedos do moço invadir suavemente seu púbis, metendo-se por trás do tecido macio da calcinha já úmida. Suas pernas não a sustentavam mais com firmeza e ela se entregava completamente ao abraço do namorado. Este lambuzava o pescoço da moça com sua saliva quente, deslizando a boca em direção à dela e finalmente envolvendo-a num beijo quente, enquanto os dedos lhe comprimiam o sexo.

Adelina, ao ouvir a tosse seca da mãe, empurrou o rapaz, recompondo-se.

“Tá bom” disse ofegante. “Acho melhor tu ir pra casa...”

Sem dizer mais nada, voltou para a sala onde a mãe roncava cansada. Com cuidado, fechou a metade inferior da porta e retirou-se para o quarto.

Antônio enveredou-se pela escuridão da noite, insatisfeito, metendo a mão dentro da calça e massageando o sexo latejante.

Já eram quase dez horas da noite quando Ricardo, Catarina e dona Carmélia resolveram voltar para casa. Lauro ainda permaneceu uns minutos combinando com o patrão atividades para o dia seguinte, enquanto Adriano esperava o pai no meio do terreiro, com as mãos nos bolsos e cabeça vertida para o céu estrelado.

“Adriano...” disse Renato, aproximando-se.

O jovem fez um “hum?” virando-se imediatamente na direção do outro.

“O que você vai fazer amanhã de manhã?”

“Vou com os outros limpar o mato no roçado.”

“E à tarde?”

“Vou buscar o gado... Por quê?”

“Eu queria que você fosse comigo à Barra, comprar umas coisas...”

“Só se for depois que eu truxer o gado.”

“Pode ser.”

Renato postou-se em silêncio, próximo a Adriano. Depois, olhando para a constelação de Órion, que já ia alta no firmamento, perguntou:

“Está vendo aquelas estrelas ali?”

“Quais?”

“Ali... Onde tem aquelas três alinhadas.”

“Ah! As Três Maria.”

“É. Se você notar, elas ficam no centro de um quadrado com uma estrela em cada ponta.”

Adriano tentou visualizar o que o outro dizia. A boca abriu-se quando percebeu a figura de que Renato falava.

“É mermo!”

“Aí você olha para o...”

“Bora, Adriano!” interrompeu Lauro, chamando o filho para casa. “Já tá tarde e o rapaz quer dormir.”

Renato pôs a mão no ombro do outro.

“Outra noite eu te mostro o caçador.”

“Quem?”

“Órion, o caçador. É a figura formada por aquelas estrelas.”

“Ah...”

“Então, amanhã à tarde você vai comigo, não é?”

“É.”

E, apertando o ombro do rapaz, Renato lhe deu boa-noite, ao que o outro respondeu timidamente e saiu acompanhando o pai.

O estudante ainda demorou alguns minutos contemplando as estrelas que formavam o caçador. Era algo que o fascinava quando estava na fazenda. O céu, fosse em noites escuras como aquela, em que todas as estrelas visíveis apareciam, fosse em noites de lua, era sempre um motivo para o rapaz verter os olhos para cima por longos minutos.

“O caçador...”

Órion jazia soberbo em meio ao mar negro salpicado de estrelas. Era a constelação preferida de Renato, para a qual olhava e repetia baixinho, com um sorriso:

“O caçador...”

A Barra do Sitiá era um vilarejo pacato, às margens do rio Banabuiú, isolada no meio da caatinga cearense. Tinha uma população simples e conservadora cujo maior orgulho era a

grande igreja de Nossa Senhora Imaculada Conceição, uma das primeiras do Estado, para a qual costumavam ir caravanas de turistas somente para conhecer a imponente obra do período colonial. O tamanho da igreja, demasiado para as proporções do vilarejo, fazia um grande contraste com as casas em volta e suscitava uma porção de perguntas aos visitantes: “Para que uma igreja tão grande num lugar tão pequeno?”. A população local, acostumada com a presença do enorme templo e desconhecendo a importância histórica da construção, pouco valor lhe dava e pouco empenho fazia para sua conservação, o que deixava alguns visitantes indignados.

A outra atração do lugarejo era o rio Banabuiú, perenizado com a construção do açude de mesmo nome e excelente para banhos. Para ele, nos finais de semana, iam dezenas de pessoas. Sob as árvores à margem do rio, bebiam, comiam carne, farofa e baião-de-dois.

Já era quase noite quando Renato e Adriano atravessaram o rio a cavalo de volta para casa. Havia comprado, numa venda do vilarejo, alguns produtos de higiene e as pilhas para o walkman de Corrinha.

Renato tirara a viagem de ida puxando conversa, tentando derrubar a timidez de Adriano, que, aos poucos, foi-se mostrando tão loquaz quanto o outro, chegando a esquecer o medo de falar as palavras a seu modo.

“Você tem amigos aí na Barra, Adriano?”

“Só uns conhecido. Amigo eu não tenho, não.”

“Por quê?”

“Amigo não existe, não... O caba pensa que pode confiar no outro e depois vê que não...”

“Ora! Mas que besteira! Todo mundo tem amigo!”

“Amigo mermo é só os pais do caba.”

Renato sorriu, compreendendo que aqueles não eram pensamentos do próprio Adriano, mas ideias que ele ouvia constantemente e as tomava como verdades. E sentiu uma certa pena do moço.

“Mas você vem sempre aí no rio?”

“É muito difícil eu vim.”

“Por quê?”

“Não tenho tempo.”

“Nem nos domingos?”

“Domingo eu gosto de ficar em casa, desenhano, cuidando dos meus passarim...”

“Ah, você cria pássaros?”

“Tenho uns...”

“E você não tem pena deles porque eles vivem presos, sem poderem voar?”

“Ma! Se eu soltasse eles, eles talvez morresse mais ligeiro com uma pedrada ou um tiro de espingarda, de baladeira...”

“Mais uma ideia que meteram na cabeça dele”, pensou Renato, enquanto deixou um silêncio de cinco minutos alastrar-se entre os dois.

Sem se reconhecer direito, o estudante sentiu uma curiosidade aguda pela vida do outro. Ele, que sempre foi discreto, lançou uma pergunta que não fizera a ninguém antes:

“E namorada? Você tem?” perguntou, virando o rosto para o companheiro. Queria comparar sua vida com a do outro e, com isso, avaliar se estava em desvantagem naquele campo.

Adriano respondeu que “não” balançando a cabeça.

Renato sentiu uma súbita sensação de alívio. Não era o único, afinal. Sentia-se um pouco mais normal, menos inseguro.

“Mas já teve?”

“Não.”

O estudante respirou fundo.

“Quantos anos você tem?”

“Dezessete.”

Renato sorriu:

“Ah! É da minha idade!”

“Eu sei.”

“Como você sabe?”

“Tu disse quando nós ’tava no ri.”

Renato ergueu as sobrancelhas.

“E nunca namorou?”

“Não.”

“Por quê?”

Houve silêncio.

“Desculpe. Eu estou sendo intrometido...”

“Não... É que eu não saio muito... Aí não conheço ninguém...

Sou muito envergonhado...”

“Tímido.”

“É.”

Os cavalos seguiam lado a lado, vagarosamente. Não havia pressa para voltar para casa. A conversa os envolvia completamente, embora o silêncio se metesse entre os dois de vez em quando.

“E tu?” perguntou Adriano, quebrando outro instante de silêncio. Sua voz deixava transparecer um misto de curiosidade e medo.

“O quê?”

“Tem namorada?”

Renato pensou em mentir, para parecer mais adulto, mais vivido, mas levou em consideração a sinceridade com que o outro se revelava.

“Não.”

Agora era Adriano que experimentava seu momento de alívio.

“Mas já teve?”

Desta vez, Renato hesitou ao responder. Ouviu-se o trote dos cavalos na estrada pedregosa e já escura.

“Não.”

Adriano não esperou muito para lançar a nova pergunta:

“Por quê?”

“Por que o quê?”

“Por que tu nunca namorou?”

“Porque não quis, ora!”

Adriano sorriu e declarou:

“Eu nunca namorei porque nunca deu certo. Aqui quase não tem mulher!”

Renato sorriu mais alto do que o outro.

“Mas lá em Fortaleza!?” questionou Adriano.

“Ah! Namorada, namorada, eu não tive, não. Dessas de ir para a casa delas à noite, ficar sentado ao lado com alguém pastorando o tempo todo como acontece por aqui, não. Mas namoradinhas de escola, aquelas de hora de recreio...”

Adriano ficou levemente invejoso.

“E os pais delas?” perguntou.

“Que têm os pais delas?”

“Eles sabem?”

“Que as filhas namoram na escola? Não sei. Acho que sim.”

Adriano admirou-se dos costumes da cidade. De repente, veio uma curiosidade incontrolável de saber detalhes da intimidade do outro. Chegou a diminuir a cavalgada para perguntar:

“E vocês se beija?”

Renato não quis parar o cavalo.

“Sim.”

“Na boca?”

“Ê.”

Tiveram um longo instante de silêncio. O maior até então.

“Eu nunca beijei na boca”, revelou Adriano, quase sem querer.

Renato sentiu um leve tremor sacudir-lhe o corpo e uma ponta de arrependimento por ter mentido.

O silêncio das matas já escuras foi cortado pelo pio de uma ave noturna.

“É melhor a gente ir mais rápido. Tá ficando tarde!” disse o estudante.

“É mermo!”

E puseram os animais para marcharem com um pouco mais de velocidade. A noite caía e, naquele momento, trazia um medo inexplicável que envolvia aqueles dois corações adolescentes. Tiraram o resto do trajeto calados, assustados. O silêncio só foi quebrado quando chegaram à porteira da fazenda e Renato, para não se agir com superioridade, desmontou para abri-lo. O outro, porém, acostumado a descer do cavalo para fazer aquilo, chegou mais rápido, tocando o anel de ferro que unia as duas partes do portão. Renato, um segundo depois, sem conseguir evitar o gesto, estendeu o braço para fazer o mesmo e acabou por deitar sua mão sobre a mão do outro. O contato das duas mãos causou em ambos os garotos uma sensação de intimidade jamais experimentada. Os segundos em que ficaram assim pareceu extrapolar as barreiras do tempo. O céu crepuscular já se tornara escuro demais.

Adriano baixou a cabeça, sem conseguir tirar a mão de sob a do outro. Este, constrangido, resolveu afastar-se.

“Pois eu quero ser seu amigo,” disse Renato, tentando enxergar os olhos do louro.

Adriano sorriu espontânea e largamente.

“Tá bom.”

“Mas amigo de verdade. Desses em quem você pode realmente confiar.”

O moço continuava com um sorriso nos lábios.

“Tá.”

A casa de Armando já podia ser vista no alto à frente deles. A luz das lamparinas já escapava pelas janelas. No alpendre, Júlia, Armando e Corrinha os esperavam.

“Lá vêm eles,” disse a moça, ouvindo as vozes distantes.

“O Renato agora encontrou um da idade dele para conversar...” observou Armando, com o olhar na estrada diante de si.

“Tadinho!” lamentou Júlia. “Meu filho se sente tão só quando vem para cá...”

“Mas ele gosta de vir pra cá. Se não gostasse, não vinha todos os anos!”

“Ora, ele vem ver os pais dele... Passa o ano todo longe da família!” disse a mulher, quando o marido se calou. “Mas dizer que ele aqui se sente só, isso é verdade. É certo que ele gosta da fazenda, do banho de ri, de comer o quanto quer, de dormir até a hora que quer... Lá ele não faz nada disso! Mas também tem horas em que ele queria ter alguém para conversar...”

“Taí um... Esse Adriano... Eu gosto desse rapaz. Trabalhador, calmo...”

Júlia continuou, com a voz penalizada:

“Já faz tanto tempo que o Renato foi morar em Fortaleza, mas eu ainda não me acostumo... Ai! Dá uma dor tão grande quando as férias acabam e ele tem que voltar... Ele fica tão tristinho... Da última vez, veio me tomar a bênção com os olhos cheio d'água!”

Calaram-se quando os dois moços chegaram a poucos metros do alpendre. Riam como dois velhos amigos de infância. Renato conseguira vencer a timidez de Adriano. Os dois subiram para o alpendre. O estudante retirou as pilhas do bolso e as deu a Corrinha.

“Oba!” A moça não se conteve.

“Pronto!” disse Júlia. “Agora ela não faz mais nada...”

“Deixa, mãe! É bom porque assim ela não obriga a gente a ouvir aqueles agouros!”

4º CAPÍTULO

Quatro dias se passaram. O sol roubara o alvor da tez de Renato, pondo em seu lugar um rubor que lhe dava mais vivacidade. Após a tarde em que ele e Adriano foram juntos à Barra, a amizade entre os dois tornou-se mais intensa. Renato acompanhava o outro com assiduidade. Ia com ele deixar a merenda dos trabalhadores na roça, banhar os equinos no Sitiá, buscar e dar água ao gado, enfim, os dois eram frequentemente vistos juntos, conversando o tempo todo, tirando brincadeiras que já eram pueris demais para a idade deles, mas que os faziam rir como duas crianças.

Nas horas de repouso, como no fim da tarde e à noite, lá estavam os dois inventando formas de passarem o tempo. Renato, ao descobrir a sede de conhecimento que o amigo tinha, pôs-se a lhe ensinar coisas. Momentos de conversa fiada se tornaram verdadeiras aulas. E não havia quem ousasse a interrompê-los; ao contrário, os pais admiravam-se dos dois e faziam gosto por aquela amizade.

Adriano também ensinara algumas coisas a Renato. Coisas que talvez este jamais fosse precisar na vida, mas que lhe despertavam o interesse e a que ele se dedicava com o mesmo afinho do outro. Aprendera com Adriano a atirar com baladeira, a caçar com arapuca, a laçar um animal, a montar com desenvoltura e teria aprendido a nadar se houvesse mais tempo para isso.

Os dois eram divertidos quando estavam juntos e divertiam os outros com suas teimas. Quando um demorava a aparecer, o outro já se sentia só.

Corrinha, enciumada, entretinha-se com o walk-man, de modo a fazer os padrinhos gastarem dinheiro comprando novas pilhas.

Chegara a antevéspera do Natal. O clima na caatinga havia mudado desde novembro. Fazia dias abafados em que o céu se enchia de nuvens e ameaçava chover.

Era domingo. As nuvens ocultavam o Sol impondo um clima profundamente melancólico. Os sertanejos gostavam de dias como aquele. “*Dá vontade de passear pelas estrada*”, diziam. Como não tinham nada para fazer, Renato e Adriano ganharam as matas onde dois dias atrás haviam armado arapucas para pegar passarinhos. Foram verificar se haviam funcionado.

“Aposto como a tua arapuca não prestou!” disse Adriano, andando à frente do outro, pelos caminhos estreitos e cheios de garranchos. “Ali não é lugar de armar arapuca, não! Eu falei pra tu colocar noutro lugar.”

“Pois eu garanto que na minha tem um passarinho!”

“Vamo ver!”

Adriano acelerou o passo ao avistar a arapuca por ele armada.

“Tá ali a minha!”

Aproximaram-se e viram que a arapuca continuava armada, intacta, porém, sem vestígio de isca.

Renato não conteve o riso e desmanchou-se em gargalhadas. Adriano, decepcionado, apenas torcia os lábios vermelhos.

“Diacho!” resmungou, chutando o artefato de varas.

“Bem feito! Quer ser o rei da caça!”

“Ora! Se a minha não funcionou, avalie a tua! Talvez esteja até desarmada, mas sem nada dentro!”

“Vamos apostar?” desafiou Renato, parando o riso.

“Vamo!” aceitou o outro, sem hesitar. “Apostar o quê?”

Renato ficou sério.

“Se a minha tiver algum pássaro, eu terei o direito de pedir qualquer coisa a você e você terá de cumprir. Se não tiver, você é que terá o direito de me pedir qualquer coisa.”

“Qualquer coisa mermo?”

“Qualquer coisa.” assegurou Renato.

“Beber ovo cru, pisar em brasa, apanhar merda mole de vaca com as mão...?”

“Ou coisa pior!”

“Mas o outro tem de fazer mermo!”

“Sim! Tem de fazer.”

“Combinado” – Adriano estendeu a mão para o amigo e este a apertou firmemente. Depois, fora ao local onde Renato armara a arapuca.

A armadilha fora posta ao tronco de um frondoso juazeiro do outro lado do pequeno Sitiá, que corria em finas e lentas porções de água. Os dois atravessaram o córrego e, para surpresa de Adriano e triunfo de Renato, um belo corrupeirão saltitava incansável e assustado dentro da arapuca.

“Ganheil!” gritou Renato!

“Que diacho é isso? Ah infeliz de sorte!”

Renato riu do paradoxo e disse:

“Eu não falei? Você fica aí se sentindo o tal, o experiente, o isso, o aquilo, mas olha quem fez a caçada: eu!”

Adriano calou-se, encostando-se ao tronco do juazeiro.

Era um juazeiro grande, velho, de caule grosso e reto até uns dois metros de altura, a partir daí, seus galhos se retorciam e se espalhavam em todas as direções.

“Agora eu vou fazer meu pedido,” avisou Renato.

Adriano sorriu um pouco temeroso. Dera sua palavra. Aprendera com o pai *“que palavra de homem não deve voltar atrás”*. Agora temia pelo que teria que fazer. O coração chegou a bater forte dentro do peito.

“Cuidado, viu? Não vá exagerar, hem?” suplicou antes que Renato lançasse seu pedido.

O da cidade ficou sério. Desapareceu de seu rosto qualquer vestígio de brincadeira. Seus finos dedos alvos tremiam, assim como seus lábios vermelhos. Deu um passo para frente, aproximando-se do outro, tocando-o quase, olhou no fundo dos olhos claros, encheu os pulmões de ar e o peito de coragem e deixou escapar à meia-voz:

“Eu quero um beijo.”

Adriano ficou estático. Subiu-lhe um arrepio que impulsionou seu coração a bater ainda mais forte. Nunca sentira aquela sensação antes; nunca ouvira, nem imaginara ouvir, tal frase. Diante do pedido, mil ideias lhe passaram pela cabeça. Pensou em empurrar o outro para trás e cobri-lo de socos, esbofeteá-lo, esmurrá-lo até que sua boca não pudesse mais pronunciar uma só sílaba. Depois o chutaria severamente para que se arrependesse do que pedira, criasse vergonha e nunca mais ousasse fazer tal proposta a outro homem. E depois ainda contaria para todo o mundo. E todo o mundo iria admirar sua atitude. “*Isso! É assim que um cabra macho faz!*”. E o outro? O outro passaria a maior vergonha de sua vida. Talvez até levasse uma surra do pai.

Pensou também em não fazer nada disso. Poderia tomar aquilo como uma brincadeira de mau gosto e cair na gargalhada mesmo assim. Ou cair na gargalhada simplesmente para debochar do outro, como a lhe mostrar surpresa pela descoberta de um defeito seu, e humilhá-lo até ele fugir com vergonha.

Quicá não seria melhor apenas dar um sorriso mostrando que achou a brincadeira engraçada, e lhe pedir que falasse sério. Ah! Deixa de brincadeira! Peça logo!...

Tudo se misturava em sua cabeça e ele não teve reação nenhuma. Permaneceu imóvel, recostado ao tronco da árvore, sem sentir as pernas. Seus olhos se encheram d’água e ele baixou a cabeça.

Renato ergueu a mão para tocar o queixo do outro, que subiu o olhar quase verde, brilhante, raso d'água. Os lábios vermelhos tremeram levemente e ele cerrou as pálpebras quando sentiu o da cidade aproximando o rosto. Sentiu a respiração do rapaz, o calor de sua face... O nariz de um roçou no do outro, vagarosamente, e os lábios dos dois moços se uniram num beijo suave.

Paralisado, Adriano sentia os lábios de Renato se contraírem sobre os seus, a princípio, cheios de carinho, depois tomados de desejo. Foi quando o beijo se tornou quente, agressivo, cheio de volúpia. Embora tão inexperiente quanto o amigo em se tratando de gestos sensuais, o estudante, conduzido pelo desejo, colocou totalmente seu peito no do outro, acomodando-se em seu corpo, apertando-lhe a cintura. A respiração de ambos acelerou. Os corações, juntos, pulsavam a um só ritmo. Chegaram a soltar um gemido de prazer. Uma leve brisa sertaneja acariciou os cabelos dos moços e as folhas do juazeiro; o vento que se seguiu sacudiu os galhos mais finos e zuniu pela caatinga afora. Uma breve sinfonia de aves nordestinas misturou-se com o farfalhar das folhas secas por entre as quais deslizavam lagartixas. Uma tontura de prazer esmoreceu o corpo de Adriano, deixando-o de pernas e braços lânguidos. A inocência violada parecia escorrer pelos poros, expulsa por uma sensação avassaladora que causava arrepios de febre. O polegar de Renato deslizou suavemente pela tez eriçada de Adriano e, neste instante em que o mundo parecia rodopiar, o moço teve a sensação de ouvir a voz do pai. Era só uma impressão, mas forte o bastante para assustá-lo e retirá-lo do transe em que se achava. Caindo em si, o moço louro empurrou bruscamente o outro para trás.

Renato por pouco não foi ao chão.

Ficaram se olhando por um breve instante, com o peito arfando, como se houvessem travado uma luta corporal. O de

óculos abriu a boca para dizer alguma coisa. Não deu tempo. O outro correu em disparada para casa.

Renato ergueu o rosto para o céu, levando as mãos à cabeça, desesperado. Tremia. Nunca fora tomado por tamanha emoção. Rodou um pouco o corpo sob a copa do juazeiro e parou inerte olhando para a arapuca a seus pés. Agachou-se e, com cuidado, meteu a mão na armadilha e segurou o pássaro, erguendo-o diante de seus olhos.

O pássaro, assustado, mexeu a cabeça para um lado como se encarasse o rapaz. Este sorriu acariciando as plumas alaranjadas.

“Canta para mim... Canta...”

O pássaro não tinha canção para o moço. Só olhares assustados.

O rapaz pôs-se de pé, sorriu como se se despedisse de um amigo e abriu a mão, libertando a ave, que voou para os galhos do juazeiro e dali para o céu.

Adriano desistiu de entrar em casa assim que avistou o pai no oitão, tirando a barba. Resolveu refugiar-se. Não queria ver ninguém. Sentia-se nu, como se o que fizera estivesse estampado no rosto e devesse ser escondido. Conhecia um lugar onde se esconderia por algum tempo. Era uma casa antiga, abandonada no meio da mata, à beira do que antes era uma estrada, mas que agora mal dava passagem a um homem montado num jumento. Foi para lá.

A casa tinha uma calçada alta, cheia de rachaduras no cimento. Galhos de juremas avançavam para a construção em cujas paredes, escuras e sujas, arrastavam-se velozes lagartixas. Adriano não se importou com elas. Subiu na calçada, agachou-se e encostou-se na parede, abraçando-se aos joelhos e vertendo

a cabeça sobre os braços. Depois, sem controle, caiu num choro profundo.

Chorava como uma criança perdida. Em sua cabeça, passavam mil pensamentos confusos. Ele nem mesmo sabia por que chorava. Queria sumir e nunca mais ter que olhar para alguém. Pudesse, transformar-se-ia numa lagartixa e ia brincar com as outras, pelas paredes daquela velha casa, para sempre. E chorava como quando em criança, quando o pai o tirou da escola pela primeira vez. Quando a mãe o castigou com um galho verde devido a uma briga dele com a irmã ainda menininha. Soluçava e as lagartixas balançavam a cabeça assustadas.

E depois de verter todas as lágrimas, resolveu levantar a cabeça e abrir os olhos para o mundo. Diante de si, só arbustos secos e de troncos retorcidos. Lembrou-se das brincadeiras de criança, quando, sem ter com quem brincar, ia sozinho para as matas e das pedras fazia seu gado. Retirava as folhas do chão, construía com gravetos pequenos currais e montava sua fazenda, onde as vacas, os bois e os bezerros eram as conchas vazias dos aruás que ele recolhia à beira dos açudes e dos riachos. Só escolhia aquelas em que a natureza mostrou-se uma exímia escultora. Chegou a ter um saquinho cheio de conchas. Havia entre elas uma enorme, sua preferida, que ele não aproveitava nunca em suas brincadeiras por considerá-la grande demais. Até que cresceu e seu pai lhe roubou o tempo de brincadeiras. Ou a própria vida o fez. Queria ele retornar àqueles tempos. O tempo da inocência. Lembrou-se do beijo. E levou a mão à boca. Ainda sentia o calor dos lábios de Renato roçando contra os seus. Deslizou a ponta do indicador pela superfície macia do lábio inferior e seu corpo estremeceu. Nunca havia sido beijado. Só vira um beijo uma única vez quando teve a oportunidade de assistir a uma cena de telenovela. Foi no início da adolescência,

numa noite em que o pai levava a família para o 7 de Setembro em Ibicuitinga. Lembrou-se da excitação que sentiu quando viu o *close-up* no rosto dos amantes no momento em que colavam os lábios. A cena nunca mais saiu de sua memória. Oportunidades para praticá-la nunca lhe surgiram. Era um rapaz extremamente solitário e tímido.

Uma vez o pai insinuou que ele já estava na idade de arranjar uma namorada. “*Eu se casei com vinte ano*”, disse. Mas o corpo ainda não lhe impunha vontade suficiente para ir à procura de namorada. Impunha-lhe medo, isso sim. Medo. Era tudo o que ele sentia naquele instante. “*Como é que eu vou olhar pra ele de novo?*”, perguntava-se. Sentia-se tão pequeno, tão indefeso, que desejou ter de volta aquela concha de aruá. Acreditou que poderia esconder-se lá dentro. “*Que fim levava aquela concha? Não sei. Acho que papai deixou ela cair de propósito, não lembro.*”.

Do outro lado da velha casa havia um alpendre de cujo telhado restava pouca coisa. Cipós haviam se enroscado nas colunas e morreram secos quando as chuvas pararam de cair. As plantas rasteiras e trepadeiras da caatinga ocuparam o antigo piso abandonado e jaziam secas sobre o tijolo nu.

“Quantas histórias essa casa não teria para contar?” Perguntou-se Renato, que, também não querendo ver ninguém, resolvera, por um caminho diferente, visitar a velha casa, de cuja existência ele tinha conhecimento desde criança. Foi a casa onde seus avós maternos moraram, criaram os filhos e morreram. A mãe nunca quis que o marido, Armando, a demolisse. Mas também não zelava mais por ela como nos primeiros anos depois que os pais se foram. Aliás, havia anos que ela não pisava ali. A construção atravessava os anos agora completamente abandonada.

O jovem pré-universitário adentrou o velho alpendre, olhou curioso para o interior da casa e só viu a escuridão. Teve medo

de entrar, poderia haver cobras ali. Resolveu sentar-se ao velho parapeito. Antes soprou com força sobre o cimento para espantar a poeira acumulada desde a última chuva. Sentou-se e encostou-se na coluna, abraçando-se aos joelhos e vertendo a cabeça sobre os braços. Depois, sem controle, caiu num choro profundo.

Adriano, do outro lado da velha casa, ouviu o soluçar do rapaz. Assustou-se. A casa poderia ser assombrada! Enxugou suas lágrimas, apurou os ouvidos. Havia mesmo alguém chorando ali próximo. Teve medo. Levantou-se com cuidado, armou-se de uma banda de tijolo e deu passos em direção ao outro lado da casa, encostado à parede do oitão. O choro se tornava mais audível. Adriano sentia que o coração ia sair pela boca. Ao atingir a quina da parede, inclinou vagarosamente a cabeça para frente. Seu semblante transfigurou-se quando percebeu que era Renato que para ali também viera verter seu pranto.

O moço chorava profundamente. Adriano sentiu uma dor no peito e uma vontade de também, e novamente, chorar. Deixou cair o tijolo, assustando o outro.

Ficaram os dois a se olhar, com os olhos rasos. Permaneceram assim por um longo minuto, até que Renato saiu de sua postura e fez que ia ao encontro de Adriano. Este deu um passo para trás, como a preparar-se para fugir, mas ficou. O outro foi até ele e o olhou sério, sem choro, sem piscar.

Adriano baixou a cabeça. Renato a reergueu pondo-lhe a mão no queixo.

“Vamos pra casa,” disse. “Já está tarde. Já passa da hora do almoço.”

O outro concordou balançando a cabeça.

Renato pulou o parapeito, juntando-se ao amigo no oitão da velha casa. Calados, ambos deram passos vagarosos por cima das folhas e cipós secos. Já se afastavam da construção em ruínas quando Adriano perguntou:

“O que tu fez com o passarim?”

“Soltei...”

“Devia ter trazido para eu criar...”

“Eu tinha que retribuir a ele com a liberdade...”

“Tinha o quê?”

“Nada...”

Mas alguns passos adiante, Adriano segurou o braço do amigo.

“Tu não vai contar pra ninguém, né?” perguntou, muito sério.

Renato soltou um sorriso breve.

“Você lembra quando eu disse que queria ser seu amigo?”

“Amigo de verdade, desses em quem a gente pode confiar.”

Adriano repetiu as palavras do outro, nas quais ele pensara muitas vezes.

“Pois é... Esse é o nosso primeiro segredo.”

5º CAPÍTULO

“Ponha essas velas ao lado da imagem, Corrinha!”

Júlia entregou à afilhada dois antigos pires, cada um com uma vela acesa fixada no centro. A moça os pôs ao lado de um pequeno quadro representando o nascimento do Menino Jesus. Atrás do quadro, três jarros com flores extraídas das plantas do quintal enfeitavam o altar montado sobre uma mesinha na sala para a novena de Natal que aconteceria naquela noite. Era assim todos os anos. Júlia convidava todos os moradores das redondezas para celebrarem o Natal. Na noite seguinte, 24 de dezembro, todos costumavam ir à missa celebrada na grande igreja da Barra.

“Tá bonito, madrinha!...”

“Tá” concordou a mulher, pondo-se diante do altar, conferindo os adornos. “Agora vamos pôr as cadeiras em roda. Vá buscar as cadeiras da mesa lá dentro. Só essas da sala não vão dar.”

Armando e Júlia eram, em comparação com os vizinhos, um casal de posses. Entretanto, não tinham a casa cheia de móveis luxuosos. Não eram dados à pompa e ao luxo. Não possuíam sofás nem confortáveis poltronas. Na ampla sala, apenas quatro grandes cadeiras de balanço, feitas com madeira trabalhada, cheia de detalhes, espaldar feito de finíssimas tábuas entrançadas diagonalmente, herança dos pais de Júlia. No centro da sala, a mulher tinha uma mesinha baixa da mesma cor das cadeiras e com a superfície toda de vidro sobre o qual ficava um jarro de flores e alguns bibelôs. O piso era de cimento tingido de vermelho. Já fora de madeira, mas Armando mandara trocar por cimento, para dar mais modernidade à residência. Corrinha detestava, pois era ela quem passava o pano sobre aquela superfície todas

as manhãs. O alpendre da frente e os laterais também tinham o piso de cimento tingido. O restante da casa ainda conservava o antigo: madeira nos quartos e na cozinha, tijolo descoberto no alpendre traseiro.

Naquela noite, o lampião seria aceso – o que só acontecia em ocasiões como aquela. Nas demais noites, preferiam-se as lamparinas.

Corrinha estava animadíssima. Dificilmente acontecia algo diferente naquela casa. Todos os jovens das redondezas, sob o pretexto de assistirem à novena, fazer-se-iam presentes naquela noite e, não obstante as repreensões dos mais velhos, as mais diversas brincadeiras aconteceriam.

Renato estava felicíssimo, não com a novena, mas com o ocorrido durante seu passeio com Adriano. Não parava de pensar no que houve. O sorriso só lhe abandonava os lábios quando ele ouvia a voz do pai.

Tinha tomado banho, perfumara-se, vestira uma de suas melhores roupas e, após jantar e escovar os dentes, foi sentar-se no alpendre e esperar as visitas, embora só uma lhe interessasse.

Adriano pusera sua melhor camisa naquela noite.

“O Didi parece que vai pr’uma festa!” comentou Adelina, chamando o irmão por seu apelido de infância.

“E você, dona Adelina,” repreendeu Mariinha, “vê se assiste à novena! Nada de namoro com aquele nêgo na frente do povo, viu?”

“Possa ser! Possa ser!” exclamou Lauro, fechando a porta. Estavam de saída para a casa grande.

A lua crescente derramava sua claridade sobre as matas, deixando o sertão com um brilho quase onírico. Dava para caminhar despreocupadamente pelas estradas, alvos traços que serpenteavam por entre a floresta de arbustos.

“É bonito demais...”

“O que, Natim?” perguntou Corrinha, ao ouvir a frase que o moço deixara escapar.

“O luar, Corrinha... O luar.” respondeu ele, sorrindo e olhando para a Lua prateada.

Nesse momento, a família de Lauro adentrou o alpendre, e cada um dos quatro deu seu boa-noite.

O coração de Renato se encheu de alegria com a presença de Adriano, que já foi a seu encontro.

“Do que é que ’cês tão rindo?” quis saber a curiosa Corrinha quando os dois se puseram um na frente do outro.

“Ninguém está rindo aqui...” disse Renato. “Estamos sorrindo, é diferente.”

“Sorrindo de quê?” insistiu a moça.

“Você vai ler na novena?” perguntou Adriano, ignorando a existência da garota ao lado deles.

Renato fez cara de quem faria algo por obrigação.

“Vai sim!” Intrometeu-se Corrinha. “A madrinha bota ele pra ler toda novena de Natal!”

“Ah! Se eu subesse ler direito, eu fazia questão de ler pra todo mundo!” confessou Adriano, sem perder o sorriso.

“Não gosto porque fica todo mundo olhando para mim.”

Ainda ficaram os três por um bom tempo naquele canto do alpendre, até que as visitas foram chegando e lotando o espaço. Alguns formavam círculos em pleno terreiro para conversar e rir. Crianças já corriam brincando de pega-pega ou de esconde-esconde em volta da casa ou pelo terreiro enluarado.

Quando a novena começou, predominavam as vozes femininas cantando antigos louvores de natal. Vez por outra, ouvia-se um “psiu” de repreensão sobre algum grupo de jovens que cochichavam num canto.

Uma senhora ex-professora comandava a leitura do folheto com voz de autoridade, e todos a obedeciam quando eram solicitados a repetir alguma fórmula católica.

“Vamos ouvir agora a leitura do evangelho,” anunciou a mulher, procurando Renato entre as pessoas.

Todos na sala fizeram o *pelo-sinal* e Renato surgiu ao lado da senhora professora, que lhe passou o folheto da novena. O silêncio se fez instantaneamente, ouvia-se apenas o chiado do lampião aceso.

“Evangelho segundo São Mateus...” leu o pré-universitário, impondo sua voz grave.

Adriano, por trás de uns senhores, esticava o pescoço para ver o amigo. Nos lábios vermelhos, um sorriso de admiração, sentimento compartilhado pelos anfitriões, Júlia e Armando, que enchiam o peito, orgulhosos do filho quase formado.

Terminada a novena, somente senhoras ficaram na sala. Umas dirigiram-se para a cozinha, cheias de intimidade com a dona da casa, que lhes servia café auxiliada pela afilhada. Esta, indignada com a tarefa, sorria forçosamente, disfarçando a impaciência. Queria estar livre, lá fora, conversando com os de sua idade. Os homens acompanharam Armando para o alpendre e acomodaram-se nos assentos disponíveis. Toda a extensão do parapeito estava ocupada. A partir de então, conversar-se-ia sobre os mais diversos assuntos.

No terreiro, banhados pela lua, os jovens fizeram uma grande roda. Uma moça, que organizou a brincadeira, passou por cada um sussurrando um número ao ouvido. A brincadeira chamava-se “caí no poço”.

“Caí no poço!”

“Com água onde?”

“No pescoço!”

“Que número tira?”

“Dezoito.”

“Com o quê? Pó, ruge ou batom?”

“Pó” era um simples aperto de mão, “ruge” significava um abraço e “batom”, um beijo. Havia ainda a opção de dar-se uma volta de braços dados pelo terreiro, afastando-se do grupo. Nesse caso, o beijo só seria dado quando o casal estava distante.

Quando acontecia de um rapaz chamar um número que correspondia a outro rapaz, a gargalhada era geral; o mesmo não acontecia entre duas moças, apenas risinhos de decepção, e ambas, dependendo do grau de intimidade, davam-se ao abraço, ou até ao beijo no rosto, sem o menor constrangimento.

Era em brincadeiras como aquelas que se costumava arranjar namorado.

Renato e Adriano abstiveram-se da brincadeira.

“Você não vai brincar?” perguntou Renato.

“Eu não...”

“Então vamos sair por aí... A lua está clara...”

Inventaram uma desculpa e Adriano foi pedir a chave da casa ao pai.

“Vamos jogar dominó... Aqui tá muito cheio de gente.”

Desceram em direção ao casebre, entraram, trancaram a porta à chave. Acenderam uma lamparina para que vissem a luz pelas brechas do telhado.

Adriano estava nervoso. Calou-se, encostando-se na parede da sala. Renato aproximou-se dele. Não haviam combinado o que fariam nem tocado mais no assunto do beijo dado sob o juazeiro.

Renato pôs as mãos na cintura do amigo, depois deslizou a direita sobre o peito dele.

“Seu coração está quase saindo pela boca...” comentou quase sussurrando e sorrindo.

Adriano conferiu o peito do outro.

“O seu também...”

Fecharam os olhos e uniram as bocas. Beijaram-se ternamente, com movimentos suaves de lábios e línguas. Os corpos começaram a remexer-se procurando ajustar-se um ao outro. A respiração tornou-se ofegante e um ardor invadiu-lhes as carnes, enchendo-os de volúpia. O beijo tornou-se violento.

Descolaram os lábios para respirar, mas não os corpos. Abraçaram-se. Depois se encararam tácitos, sérios, ofegantes. Deram-se conta da excitação que dominava seus membros. Afastaram-se um pouco, com os rostos voltados para baixo.

Renato, vagorosamente, levou a mão ao púbis do outro. Quando sentiu o volume e a rijeza do pênis sob os tecidos, prendeu o fôlego.

“Por que é que eu tô assim?...” perguntou Adriano, com a voz carregada de medo.

“Eu também estou assim... Olha...”

Massagearam-se trêmulos.

“Desd’aquela hora que eu só penso na gente...” confessou Adriano.

“Eu também...”

“E eu fico assim toda vez que eu penso...”

“Eu também...”

Adriano tremeu a voz:

“Eu tenho medo...”

“De quê?”

“Sei lá... Se o papai des...”

Renato soltou um longo e quase silencioso “psiu”. Sem tirarem as mãos de sobre os membros latejantes, entregaram-se a novos abraços e beijos. O pré-universitário, afastando o rosto, tocou o botão da calça do semianalfabeto. Este, apoiado só com o alto das

costas na parede, olhava tenso para as mãos coradas pela tênue luz a lhe desabotoarem a veste. Mas, antes que o primeiro botão fosse retirado de sua casa, vozes vindas do terreiro agitaram os dois moços. Afastaram-se um do outro assustados, com olhos arregalados e bocas abertas.

“É a Corrinha e a Adelina...” disse Adriano, num cochicho nervoso.

“Eu vou abrir a porta” apressou-se Renato.

Descerrada a metade superior da porta, o rosto de Corrinha surgiu sorridente do outro lado. Atrás dela, Adelina e o namorado observavam os rapazes com olhares curiosos.

“Pra que essa porta trancada?” perguntou Corrinha, franzindo o cenho.

A resposta demorou um pouco a sair.

“Pra mode num apagar a lamparina” explicou Adriano, disfarçando a emoção.

A moça abriu a parte inferior da porta e adentrou.

“Ai vai! ‘Cês num dissero que iam jogar dominó? Cadê o dominó?”

“A gente já terminou, não foi, Adriano?”

Adriano confirmou balançando a cabeça.

“E a gente já ia voltar...” continuou Renato.

Adriano apagou a lamparina, pôs a mão dentro da calça para ajeitar o membro que agora relaxara e acompanhou os outros que já estavam no terreiro. Fez-se um silêncio enquanto o rapaz fechava a porta da casa.

“Bora!” disse ele, assumindo a frente do grupo.

Os cinco seguiram subindo a ladeira que os levava de volta à casa grande, onde a maior parte das pessoas já haviam ido embora.

6º CAPÍTULO

Os galos começaram a cantar tecendo o amanhecer no sertão. A Lua já se pusera, mas o céu ainda estava cheio de estrelas.

Numa rede armada na sala, Adriano olhava para as telhas. Mergulhado em pensamentos, não conseguira dormir. Nem o ronco do pai o incomodava. Só se importava com o que lhe acontecera durante aquele dia. Relembrou por diversas vezes tudo, as palavras de Renato não lhe abandonavam a mente, nem seu beijo, nem seus toques, nem seu cheiro, nada.

Algum tempo depois que todos se recolheram para dormir e ele se viu completamente a sós na sala, dedicou-se a lembrar seus momentos eróticos ao lado do amigo. Excitou-se novamente com a mesma intensidade. Olhou para trás para se certificar de que não havia mais ninguém de pé em casa e então se livrou por completo das roupas.

Tremia só de imaginar o outro ali, tocando-o, acariciando-lhe a pele. O coração batia forte e a respiração se tornara ofegante. Costumava onanizar-se – era a única forma de prazer que conhecia – mas nunca sentira tamanha excitação.

Relembrando os beijos do amigo e imaginando até que ponto teriam ido se ninguém os tivesse interrompido, apertou o membro inchado e lhe aplicou um sacolejar cada vez mais veloz. Resolveu dar mais realismo à fantasia pondo-se de pé encostado no mesmo local da parede contra a qual Renato o apertara horas antes. Seu rosto contraía-se como para um choro e ele chegou mesmo às lágrimas quando o orgasmo veio e o esperma jorrou torrencial a quase dois metros de distância, junto ao pneu traseiro da bicicleta velha que o pai guardava na sala. Seus lábios tremiam

deixando escapar o ar quente dos pulmões, o peito arfando como após uma corrida.

Passado o clímax do prazer, encostou a cabeça na parede e deixou cair a mão lambuzada de sêmen. Sentiu uma grande vontade de chorar e uma angústia enorme invadiu seu coração.

Voltou para a rede, vestiu-se e pôs-se a pensar na vida. Imagens mudas e lentas se sobrepunham umas sobre as outras em sua mente transtornada. Via o pai a lhe dar ordens, a mãe a trabalhar pelo meio da casa, a irmã a implicar com ele... Como reagiriam se soubessem? Confusas, piadas carregadas de preconceito que ele ouvira em rodas de homens ecoavam em sua cabeça... O medo foi tomando conta dele. Não sabia o que fazer com o que estava sentindo. Ninguém fora tão carinhoso com ele quanto Renato, mas o que estava acontecendo entre ambos de repente não lhe parecia mais certo, revestira-se de pecado, turvara-se e agora o enchia de pavor. Um sentimento de culpa o fez fechar os olhos e mexer a cabeça várias vezes. Chegou a prometer que nunca mais deixaria aquilo acontecer e, se fosse o caso, nem falaria mais com Renato. Tranquilizou-se com a decisão que tomou. Quando o sono veio, já era dia e o pai apareceu para acordá-lo.

Renato também não dormiu direito. Estava cheio de felicidade, mal cabia em si. Fazia planos para ele e Adriano, pensava em formas de os dois se encontrarem sem chamar a atenção de ninguém. Entre um pensamento e outro, a figura dos pais lhe surgia de chofre e ele sentia um ardor no peito. Era medo. Tratava logo de afastar o pavor que sentia evocando à memória o sorriso de Adriano. Quando o sono o pegou, ele teve um sonho confuso e acordou assustado. Pensou durante um outro pedaço de tempo e dormiu de novo. E sonhou de novo. Adriano estava no sonho, os dois brincavam pelas matas prendendo passarinhos, mas não se lhes ouvia o canto. Não havia canção alguma. O sonho se tornou

pesadelo e ele novamente despertou, desta vez com uma sensação ruim a consumir-lhe o coração. Não dormiu mais. Viu o dia clarear e ouviu os primeiros movimentos das pessoas pela casa.

O Sol apenas apareceu e logo foi ocultado por grossas nuvens de chuva. Por volta das sete da manhã, uma neblina persistente molhou toda a caatinga, mas a chuva grossa só veio mais tarde, deixando Armando extasiado.

O homem se dirigiu para o alpendre e gritou saudando a chuva.

“Deixa de espetáculo, homem!” ralhou a esposa, encolhendo-se com frio.

Renato apareceu atrás dela, com os braços em volta do próprio corpo. Sorriu ao ver o pai alegre com a chuva.

Em volta do alpendre, a água que caía do telhado formava uma cortina prateada detrás da qual só se via o palor da chuva.

“Amanhã vou mandar o Lauro consertar a bica e colocar de novo aqui,” disse o fazendeiro, quase aos gritos.

Foi uma chuva forte e demorada. Depois, seguiu-se até perto do meio-dia uma nova neblina durante a qual ninguém saiu de casa.

Renato estava impaciente. Queria ver Adriano. Não arredara o pé do alpendre, donde observava o casebre um pouco afastado. Corrinha, Sabendo-o ansioso, resolveu puxar conversa:

“Vamo pra missa na Barra hoje, né?”

“Quem vai?”

“Todo mundo vai. É a missa de Natal.”

Renato nada disse. Pegou os óculos para limpá-los na malha da camisa. Seu tédio era evidente.

“Tá de calundu...” disse a moça, como para si. “Ê porque não viu Adriano ainda hoje...”

O rapaz a ouviu, mas a ignorou. Ela continuou:

“Cês ’tão que é um grude só!”

“E daí? Não tem com quem conversar nessa merda!”

“Tem. Eu.”

“Você é muito besta... Só conversa besteira!”

Corrinha torceu bruscamente a cabeça, cruzando os braços.

“Antes o Adriano era muito amigo d’eu.”

“De mim!” corrigiu Renato.

“Agora mal fala com eu!”

“Comigo!” – ele emendou logo em seguida. “Vai ver é porque também acha você besta...”

A moça encheu os olhos d’água e tremeu o queixo. Renato, percebendo que fora indelicado, resolveu desculpar-se.

“É não, Corrinha... Desculpe, eu não quis ofender... É que rapazes fazem amizade melhor com outros rapazes.”

“Eu não queria ser amiga dele...”

“Não? E por que então esse ciúme?”

Corrinha sorriu, baixando a cabeça.

“Eu queria era namorar mais ele...”

Renato teve um susto.

“Ele é bonito demais...” prosseguiu a moça, suspirando.

“E ele?”

“O quê?”

“Ele quer namorar você?”

“Sei não... Às vez eu acho que sim.”

Júlia, da cozinha, chamou pela afilhada, interrompendo a conversa. Renato ficou sozinho no alpendre, agora ainda mais chateado.

No casebre, a janela do oitão se abriu e Renato pôde ver a figura de Adriano. Soltou um “ei!” que o outro fez que não ouviu e fechou de novo a janela.

O rapaz do alpendre sentiu um aperto no peito. O que teria mudado durante as horas em que não se viram?

A mãe chamou Renato para o almoço e ele mal provou na comida.

“Estou sem fome.”

“É porque não fez nada hoje, passou a manhã em casa, sentado...” explicou Júlia.

O Sol voltou a brilhar depois do meio-dia. A terra molhada exalava um aroma a que se aspirava com gosto. O assunto principal durante a tarde foi a chuva da manhã.

Adriano não quis aparecer no alpendre, evitava ver Renato. Este, impaciente, foi à casa do outro.

“Ele foi dar água àquele burro dele...” informou Mariinha.

Renato agradeceu e saiu descendo a ladeira em direção ao riacho Sitiá.

Encontrou o amigo sentado solitário à beira do córrego. O burro estava amarrado a um toco. Ao ouvir passos em sua direção, Adriano olhou para trás, mas logo voltou a olhar para o riacho, continuando a atirar pedrinhas na água.

Renato agachou-se ao seu lado, pondo a mão no ombro no rapaz. Este, sem olhá-lo no rosto, fez um movimento brusco no braço, livrando-se daquela mão.

“O que foi?” quis saber Renato, franzindo a testa.

Adriano permaneceu calado.

“Está com raiva de alguma coisa?” insistiu o outro.

Só ouviu o barulho da pedra mergulhando no riacho, cujas águas deslizavam mais rápidas devido à chuva.

Renato apertou os olhos negros por trás das lentes. Sua voz quis sumir quando ele insistiu na conversa:

“O que foi que eu fiz?... Hein?”

Não obtendo resposta, permaneceu calado por alguns minutos. Procurou um motivo para aquele comportamento de Adriano. Talvez fosse porque os dois tivessem passado a manhã sem se verem... Renato sorriu, e novamente arriscou pôr a mão no ombro do amigo ao mesmo tempo em que comentou:

“E ontem à noite, hein?”

Adriano levantou-se de chofre.

“Eu não sou viado!” disse, com raiva.

O outro teve um susto e pôs-se de pé. Já ia abrindo a boca para falar algo quando foi interrompido:

“Entendeu? Eu não sou viado! E nem quero ser!”

Adriano afastou-se, desamarrou o burro e pegou o caminho de casa, sem olhar para trás.

Renato agachou-se novamente, quase sem sentir as pernas. A dor no peito era imensa. Viu toda a alegria que o animara esvaecer, como a marca da pedra que caiu na água do Sitiá. Uma lágrima fina escorreu de cada olho e seus lábios tremeram. Um misto de decepção e vergonha o fez querer desaparecer, voltar para a cidade. Mas ainda tinha um bom tempo das férias pela frente.

Antes de fazer a curva no caminho, Adriano olhou para trás. Tinha o olhar carregado de tristeza. Não era assim que achava que se sentiria depois de dizer aquilo a Renato. Apertou os olhos claros ao ver o outro agachado ao pé do córrego. Quis voltar, mas se convenceu de que seria melhor seguir seu rumo, esquecer o que houve.

Já era quase hora de o Sol se pôr quando Renato criou forças para voltar para casa. Deu uma longa volta pelo mato para não ter que passar em frente à casa de Adriano. Não queria mais vê-lo e estava decidido a não mais manter conversas com ele. Todos

perceberiam o afastamento dos dois, quereriam saber o motivo, seria tudo muito desagradável, mas estava decidido a atravessar essa fase.

Depois do jantar, toda a família desceu o alpendre. Estavam arrumados para a missa na igreja da Barra.

“Nós vamo a pé?” perguntou Corrinha, eufórica.

“Eu, o Armando e o Renato vamos na charrete,” informou Júlia . “Você, o Adriano e a Adelina vão na carroça.”

Renato sentiu um ardor no peito ao ouvir o nome de Adriano. Corrinha animou-se mais ainda. Nem se importou com o fato de na fazenda não ter duas charretes. Estaria sentada ao lado de Adriano. Deixaria Adelina na ponta do banco para ficar junto ao moço.

“Seu Lauro e dona Mariinha não vão também, mamãe?”

“Não... A Mariinha disse que tá enfadada. O Lauro acha melhor ficar aqui do que deixar as casas sem ninguém.”

Armando comentou:

“Tá certo...”

“E onde estão os dois?” perguntou Renato, enquanto o pai preparava a charrete.

Mal fechou a boca, ouviu os passos de Adriano e Adelina em direção ao terreiro. A lua crescente os banhava com sua luz prateada. Vestiam as mesmas roupas da noite anterior.

Quando Adriano se aproximou, dando boa-noite, Armando lhe indicou a carroça, já pronta para a viagem. O rapaz não dirigiu o olhar para Renato, causando imediato estranhamento aos demais.

Como planejara, Corrinha sentou-se entre Adriano e Adelina, desfazendo-se em sorrisos. Raramente ia à Barra à noite. Era uma oportunidade de ver pessoas, de rever os colegas que fez na escola e, principalmente, de passar um bom tempo junto do

moço por quem ela nutria um especial interesse e uma irresistível atração física.

A charrete saiu na frente, mas logo depois a carroça se punha bem atrás. As duas conduções seguiram pela estrada sinuosa, branca de luar, em direção ao vilarejo distante.

Sete horas depois, Adriano não sabia mais o que fazer para pegar no sono. Experimentara todas as posições dentro da rede para relaxar e adormecer, mas nenhuma lhe parecera confortável. Enrolara-se debaixo do lençol e se desenrolara dezenas de vezes. O motivo de sua insônia era um ciúme enorme dilacerando seu peito.

Logo que chegaram à igreja da Barra, Renato reencontrou Maria Luísa, filha de uma prima de Armando. Era um ano mais nova do que ele e, assim como ele, estudava em Fortaleza e estava ali de férias. Os dois se cumprimentaram calorosamente com abraços e beijos do lado do rosto. Conheciam-se desde criança, quando ela costumava visitar a casa dele acompanhada dos pais, que depois se mudaram para a capital do Estado, chegando a morar justamente na mesma rua em que os tios do rapaz viviam. Posteriormente, mudaram-se de bairro, de modo que Renato e ela só se encontravam ocasionalmente. Já havia ocorrido por três vezes a coincidência de viajarem juntos, de férias.

Tendo-se reencontrado ali, deram-se a uma conversa que se prolongou até o início da missa, quando os dois entraram na igreja e sentaram-se lado a lado. Saíram depois de mãos dadas e continuaram a conversar na calçada, em cuja beira sentaram-se por um bom tempo, aproveitando que Armando e Júlia faziam visitas a conhecidos e parentes no vilarejo.

Corrinha e Adelina perambulavam feito loucas por entre a multidão. Nem assistiram à missa. Não tinham paciência. Era do lado de fora da igreja que ficava a juventude inquieta, ávida de gente.

Adriano, após a missa, recolheu-se de pé junto à carroça que o trouxera até ali, deitou os braços sobre as grades e a cabeça sobre os braços e assim ficou por todo o tempo em que duraram as visitas e as conversas. De lá, com o olhar sério, observava o casal Renato e Maria Luísa a conversar na calçada da igreja. A distância e o frêmito das pessoas não permitiam que ele os ouvisse, e o luar fazia do casal apenas dois vultos embaçados, perdidos entre tantos outros.

Assim que Adelina e Corrinha apareceram, o jovem camponês não perdeu tempo. Desamarrou o burro e sentou-se no banco da carroça, ordenando que as duas fizessem o mesmo. Elas relutaram, alegaram que ainda era cedo, que Armando e Júlia ainda iam demorar, que poderiam ficar um pouco mais, mas o rapaz ameaçou deixá-las a pé se não fossem com ele naquele instante. E tirou todo o percurso de volta para casa sem dar uma palavra sequer, a não ser para dizer que estava com dor de cabeça.

Agora rolava na rede, insone, ainda louco de ciúmes, um sentimento cuja origem ele desconhecia, ou não aceitava.

Pesados pingos de chuva começaram a cair sobre o telhado, fez frio.

Adriano meteu-se debaixo do lençol, encolheu-se todo e, algum tempo depois, foi vencido pelo sono.

Amanheceu. O sol brilhava aquecendo a terra molhada. Os arbustos, embora cinzentos e sem folhas, já mostravam um viço que parecia tê-los abandonado por meses.

Renato acordou tarde naquela manhã. Já eram quase nove horas.

“Eita, bichim!” exclamou Corrinha, ao vê-lo espreguiçar-se aproximando-se da mesa.

“Dormiu bem, meu filho?”

“Hum!” o rapaz fez sim com a cabeça. “Choveu de madrugada?”

A mãe, pondo-lhe leite numa xícara, informou que caíra uma chuva rápida, mas que ela nem vira.

“Seu pai tem um sono pesado, mas se cair uma gota d’água no telhado, ele acorda! É doido por chuva! Nunca vi!”

Corrinha, que passava nata nas tapiocas, comentou sorrindo:

“Tava namorando ontem, hem, Natim?”

O rapaz, com a boca cheia, apenas balançou a cabeça, em sinal negativo.

“Ora... E aquela conversa toda na calçada?” insistiu a moça.

“Para vocês aqui no sertão, um rapaz não pode conversar com uma moça, que já é namoro!” observou Renato, antes de levar a xícara à boca.

“A Corrinha disse que viu você e a Maria Luísa de mãos dadas...”

“Deve ter visto mesmo!”

“E não estavam namorando?”

“Não... Apenas conversávamos... Falávamos dos estudos. Ela pretende cursar Medicina quando terminar o Segundo Grau.”

“Que bom!” exclamou Júlia. “Vai dar orgulho aos pais.”

Corrinha, apoiada nos cotovelos, observava o garoto comer, sem desistir de amolá-lo com o assunto do namoro.

“E tu?” perguntou Renato.

“O que é que tem eu?”

“Sumiu no meio do povo, hem? Nem assistiu à missa!”

Júlia, dirigindo-se para a cozinha ao lado, deu uma risada de deboche.

“E essa aí lá quer saber de missa?”

“Eu quero sim... Só que ontem eu não tava com vontade...”

“Pois vá varrer a casa!” ordenou a madrinha, entregando-lhe a vassoura.

Renato terminou de tomar seu café, foi ao banheiro, pegou creme dental e escova e debruçou-se sobre o parapeito para escovar os dentes. O papagaio o olhava de lado, dizendo coisas incompreensíveis.

“Vou dar uma volta por aí, mãe... É bom demais andar pelo chão molhado.”

“Vá... O Adriano hoje tem mais tempo para você. É dia santo.”

“Não, eu vou sozinho mesmo.”

Renato guardou sua escova e o creme dental, enxugou as mãos e desceu o alpendre, passou pelo quintal, desviando-se da lama e das fezes de galinha e pato, abriu o pequeno portão de madeira e enveredou-se pela mata atrás da casa.

Lembrou-se de uma represa que existia a muitos metros dali, aonde não ia desde as últimas férias. Sabia que a água do Sitiá não estaria banhando as pedras da barragem como no julho passado, mas quis ir até lá para rever o local que ele achava tão bonito.

Era uma represa antiga, toda de pedra e cimento, construída para reter por mais tempo a água do pequeno Sitiá. Tinha um metro de largura e um e meio de altura. Em cada extremidade, ainda se sustentavam uns dois metros do que sobrara de antigas paredes de tijolo vermelho. Com o tempo, a água acumulada encontrara furos e fendas entre as pedras e por eles escorria, deixando um rastro de lodo e um murmúrio audível apenas aos que se colocavam sobre as grandes pedras espalhadas no leito do riacho. Quando chovia muito e o riacho engrossava, toda a extensão da represa desaparecia sob a água corrente formando uma maravilhosa cachoeira aonde os moradores mais próximos se dirigiam para tomar divertidos e demorados banhos.

Mas Renato gostava dela como estava, quase seca, com aspecto de ruínas de uma civilização perdida. Achava-a romântica. Pudesse, tiraria várias fotografias e as levaria consigo quando retornasse a Fortaleza.

O moço sorriu assim que viu a barragem deitada sobre o leito do riozinho. Subiu as pedras com agilidade e passou para o alto da represa, donde podia ver de um lado uma lagoa e, do outro, a água que, após vencer as pedras, reunia-se novamente e escorria lenta desaparecendo numa curva metros depois.

As juremas às margens já exibiam minúsculas folhas, pontinhos verdes que surgiram depois das neblinas recentes. Algumas garças caminhavam pelos trechos mais rasos. O silêncio era quase absoluto.

Renato lembrou as muitas vezes em que, na sua infância, estivera ali com toda a sua família, inclusive seu pai, a banharem-se alegremente.

Agachou-se, tocando as pedras da represa. Pouco depois, cansado de estar sobre as pernas, sentou-se e ficou a pensar sobre a vida. A imagem de Adriano veio de chofre à mente e o moço baixou à cabeça, triste. Uma ponta de arrependimento brotou em seu peito.

De repente, ouviu passos atrás de si. Virou-se e teve um susto. Ou uma surpresa. Era Adriano.

Sem dizer nada, o louro havia subido na represa e caminhava para junto do outro, parando de pé ao seu lado.

O coração de Renato encheu-se de alegria, mas ele procurou não demonstrá-la.

“Sua mãe me disse que você tinha saído para dar um passeio... Achei que você pudesse ter vindo pra cá.”

Renato manteve-se em silêncio.

Adriano ficou de cócoras.

“Quando eu vim morar aí, a Corrinha me falou dessa represa... Um dia eu ’tava caçando e cheguei aqui por acaso... Achei isso bom demais...”

O outro, sem mexer a cabeça, comentou:

“Eu gosto daqui.”

“É bonito mermo...”

“Você precisa ver quando o rio sobe. É um espetáculo.”

O silêncio se instalou entre os dois.

Adriano estava um pouco atrás de Renato. E, enquanto este tinha o olhar fixo na paisagem, o louro o observava calado, admirando o brilho de seus cabelos negros. Ficaram um bom tempo assim, até que Adriano se sentou, com as pernas arqueadas e pôs-se a tocar um risco vermelho em sua coxa alva.

“Ai...” gemeu, apertando os olhos.

Renato virou-se para ele e notou o arranhão em sua pele.

“O que foi isso?”

“Acho que encostei em alguma urtiga...”

“Deixa ver...”

Adriano usava uma bermuda azul-marinho, um pouco curta, que deixava à mostra toda a extensão da coxa grossa. A cor do tecido contrastava com a cútis alva, levemente avermelhada. Sobre a pele que revestia o músculo femoral, via-se uma mancha vermelha, irritada.

As pupilas do moço da cidade dilataram-se à visão da perna do outro. Era uma perna grossa, alva, com curtíssimos e ralos pelos de brilho dourado à luz do sol.

“Foi urtiga...” confirmou Renato, encostando as pontas trêmulas dos dedos bem junto à região afetada, próxima ao joelho.

Ouviram-se o ar chiando na boca de Adriano quando o outro lhe tocou a pele ferida.

“Tá doendo?” perguntou Renato, com o mesmo tom com que pedira o beijo sob o juazeiro.

“Arde...”

Com carinho, Renato pôs-se a remover os minúsculos espinhos da urtiga que restavam na perna do amigo. Este, imobilizado, inclinou-se para trás, apoiando as mãos nas pedras.

O jovem de óculos, após livrar a pele do outro dos espinhos, ousou deslizar os dedos pela coxa alva, acalmando o ardor causado pela urtiga, mas lhe infligindo ardor maior por toda a carne.

Com os lábios lânguidos, entreabertos, e com o olhar fixo acompanhando o movimento vagaroso dos dedos de Renato, Adriano sentiu o sexo encher-se de sangue e inchar por debaixo da malha das vestes. Seu coração acelerou quando os dedos do amigo roçaram pela coxa rumo à virilha, enfiaram-se atrevidos por baixo do tecido até tocarem os pelos quentes na raiz da perna.

O louro fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás quando o de cabelos negros mergulhou toda a mão sob o tecido escuro já quente devido à exposição ao sol e envolveu o membro viril do outro, apertando-o vagorosamente.

Adriano fez o ar chiar entre a língua e os alvéolos, transpirando desejo.

“Deita...” sussurrou o de cabelos pretos, inclinando-se contra o tórax do amigo.

Adriano rendeu-se, estendendo-se sobre as pedras da represa. Renato deitou-se ao lado dele e o beijou na boca, como na última vez em que o fizeram. Depois, colocou-se por cima de seu corpo, fazendo-o os dois pênis se apertarem um contra o outro completamente endurecidos. Adriano o envolveu num forte abraço e ambos se entregaram a um novo beijo, desta vez violento, uma luta de línguas e lábios que os levou a apertarem-se ainda mais

comprimindo as carnes trêmulas. Nuvens cinzentas esconderam o sol, o vento soprou mais forte, os pássaros mudaram de galhos, o murmurinho da água escorrendo entre os seixos adquiriu um tom mais alto, piabas agitaram-se sob a água cristalina. Os dois enamorados afastaram-se abruptamente para respirar. Pareciam haver corrido léguas.

Renato sentou-se sobre as coxas do outro e tirou a camiseta, expondo a pele alva e os pelos negros do tórax pulsante. O cordão de prata com o crucifixo reluziu balançando no ar. Adriano encheu-se de coragem e fez o mesmo. Seus mamilos vermelhos e pontudos enrijeceram-se com a brisa leve. Abraçaram-se e se beijaram novamente, friccionando pela primeira vez as peles despidas. Após muitos apertos e beijos, puseram-se de pé para tirarem o resto das vestes. Estavam apressados, impacientes, puxando os tecidos como se os odiassem. Finalmente estavam nus. Pararam de repente, frente a frente, admirando um o corpo do outro. Os pênis hirtos pulsavam no ar. Ergueram as mãos para se tocarem e o fizeram sem pressa, com a calma de quem quer reconhecer algo pelo toque. Encararam-se e se aproximaram um pouco mais, até que as duas glândes se chocaram, provocando gemidos e arrepios.

Ficaram por um longo instante cabisbaixos, vendo os dois membros juntos, como duas espadas num confronto, duas bombas prestes a explodir.

“Vamos lá pra baixo...” sugeriu Renato, ao ouvido de Adriano.

O moço aceitou calado a sugestão e os dois desceram a represa, pisando descalços sobre as pedras do riacho. Bem no meio do leito, havia uma pedra mais alta do que eles, cuja face voltada para a represa era reta como uma parede. Os dois moços, nus, pisaram na água e caminharam, apoiados um no ombro do

outro, em direção à tal pedra, onde a água cobria até a metade das coxas.

Renato encostou-se na superfície ainda fria e Adriano encostou-se nele, sendo envolvido por seus braços. As mãos do citadino acariciavam a barriga lisa do camponês e apertaram-lhe o pênis que readquiria a ereção perdida quando caminhavam sobre as pedras. Com a boca a morder o ombro e a nuca do amigo, Renato pôs-se a manipulá-lo, a princípio com movimentos lentos, depois com tal vigor que o outro se contorcia todo, esfregando os grandes glúteos contra o membro duro.

Prestes a ejacular, Adriano virou-se. Queria manipular o outro também. Suas bocas se colaram num beijo ávido enquanto as mãos trabalhavam incansáveis em movimentos cada vez mais céleres.

De repente, interromperam o beijo e um deitou o queixo no ombro do outro. As pernas perderam as forças e os adolescentes cambalearam dando urros de prazer. O sol irrompeu por trás das nuvens enchendo a mata de luz, a superfície reluzente do riacho encrespou-se com uma rajada de vento que rasgou o silêncio da mata, pequenos répteis escorregaram acelerados por sobre as pedras da represa, o canto dos pássaros misturou-se com o agitar dos galhos das aroeiras. Garças pousaram nas margens do riacho. Simultaneamente, dois abundantes jatos de sêmen banharam os ventres nus.

Exaustos, com as mãos úmidas e a respiração forçada, os dois efecos ficaram um diante do outros, admirando o leite derramado em seus corpos. Era a primeira vez que cada um via o produto mais íntimo de outrem. Silenciosos, agia um como o reflexo do outro, movidos por curiosidade e volúpia. Um levantou o indicador para tocar o sêmen alheio; o outro fez o mesmo. Passaram os dedos lambuzados pelas porções lácteas que escorriam por seus corpos

adolescentes, sem nojo, sem vergonha. Sorriam, cheiravam-se, acarinhavam-se, até que se afastaram recostando-se na pedra.

“Quem era aquela menina?” perguntou Adriano, ainda ofegante, virando o rosto para Renato e abrindo os olhos quase verdes.

“Ãh?” o outro franziu o cenho.

“Aquele menina da missa... Lá na Barra...”

“Ah... É uma parente minha...”

“Eu fiquei morrendo de ciúme...”

Renato sorriu, com certa vaidade e satisfação.

“Passei a noite acordado...” continuou Adriano. “Tu nem ligou pra mim...”

“Mas você... Você nem falava comigo!”

Adriano pareceu que ia chorar.

“É que eu não sei o que fazer!” lamentou-se. “Eu só penso em você... O tempo todo...”

“Eu também só penso em você...”

“Mas tá errado!” – disse Adriano, com a voz trêmula.

Renato desesperou-se.

“Por favor...” suplicou, aproximando o rosto do ombro do outro.

“Tu não acha que tá errado?”

Renato balançou a cabeça, negativamente.

“Mas tá...”

O de cabelos pretos posicionou-se diante do louro, colocou a testa na dele e disse:

“Olha... Quando estou com você, parece que o mundo todo se endireita...”

Adriano fez um “ahã” concordando, enquanto suspirava nervoso.

“Mas se pra você tudo isso tá errado... Se você estiver sofrendo por causa disso... Se não quer mais... Eu vou me afastar de você, tá entendendo? É só você dizer, que eu me afasto, tá entendendo?”

“Tu vai se afastar de mim?” Adriano empurrou um pouco o outro para olhar em seus olhos. Suas sobrancelhas arquearam-se e seus olhos ficaram inundados.

“Vou...” respondeu Renato, também com os olhos rasos. “Se você não quer mais isso, eu vou. Eu volto pra Fortaleza amanhã mesmo... Digo ao papai que preciso estudar pro vestibular, que não trouxe os livros necessários...” Afastou-se ainda mais, abrindo os braços. Sua voz tremeu e as lágrimas escorreram quando ele continuou a falar: “Eu não posso é ficar aqui... Vendo você todo dia... Sem poder chegar perto... Sem poder tocar em você, mesmo sendo às escondidas... Eu vou embora! Aí a gente não se vê mais, tá entendendo?”

Adriano agarrou-se ao amigo, num esforço para conter as lágrimas. Abraçaram-se com força, como se pudessem fundir-se num só. O sentimento que movia ambos parecia muito maior do que eles e os assustava, dando-lhes a sensação de estarem perdidos.

Mais garças pousaram na beira do riacho e uma camada espessa de nuvens cinzentas ocultou o Sol. Os dois rapazes não saberiam nunca, mas o mesmo corrupção que caíra na arapuça armada por Renato pousara num galho de jurema e, como se reconhecesse os dois, manteve-se imóvel a contemplá-los.

7º CAPÍTULO

O dia esteve nublado até o final da tarde. Sem o brilho do Sol, tão marcante durante quase todo o ano, a caatinga ganhava um ar extremamente melancólico. As próprias nuvens pareciam ter parado no ar, preguiçosas, recusando o destino fatídico de sua existência efêmera.

Armando passara o dia a passeio, visitando a casa de parentes e amigos que moravam nas comunidades vizinhas. Saíra cedo em seu cavalo branco. Ao passar pela residência de algum conhecido, parava o cavalo e acenava da estrada, sempre dizendo a mesma frase:

“O inverno já começou, hein?”

Se os moradores mostravam receptividade, ele se demorava mais um pouco, mas não chegava a desmontar.

Almoçou em casa de Arlete, sua irmã mais nova, casada com um fazendeiro de Morada Nova. O casal residia numa fazenda na Lagoa dos Tapuias, um vilarejo constituído de algumas casas espalhadas a léguas do pequeno Sitiá. Havia pensado, antes de sair de casa, em acordar Renato e levá-lo consigo para ver a tia, mas o garoto dormia profundamente. Melhor não tê-lo feito, pois o adolescente, com o coração tomado de uma paixão intensa, não vinha dormindo direito e talvez não demonstrasse paciência com as repetidas paradas do pai ao longo do caminho.

Quando Armando retornou a casa, já ia anoitecer. Naquele dia de Natal não se viu o pôr do sol, as nuvens não o permitiram.

O fazendeiro encontrou a afilhada com os cabelos molhados, sentada com o walk-man sobre as pernas e os fones metidos nas orelhas. Podia-se ouvir o ruído da música.

“Vai ficar mouca!” advertia a madrinha, que acabava de sair ao alpendre. Tinha tomado banho e viera pentear os cabelos ao vento.

“Onde está Renato?” perguntou Armando, sentando-se.

“Está no rio, com o Adriano e o Lauro. Foram tomar banho. Saíram daqui faz pouco tempo.”

“A Arlete ficou doida pra ver ele.”

“Já faz tempo que ela não vê ele,” Júlia sorriu. “Quando ele era pequeno, ela vinha pra cá só pra brincar com ele... Dizia que, quando se casasse e tivesse um filho, queria que ele fosse que nem o Renato... Tadinha... Teve foi duas meninas!”

“Eu ainda quis levar ele, mas... Ele tava dormindo... Não quis acordar...” Armando sorriu. “Júlia, acho que o Natim adormeceu escrevendo! Tava lá, deitado em cima do caderno, dormindo como uma pedra...”

Júlia ergueu as sobrancelhas.

“Ora! Se tu visse a marca na barriga quando ele se levantou!...” A mulher lembrou-se do filho aparecendo na cozinha, com os cabelos assanhados, exibindo para a mãe a marca do espiral do caderno ao longo da pele branca do abdômen. “Vai fazer vestibular daqui a uns dias... Deve estudar pra não se esquecer das matérias... Tá lembrado que hoje o Ricardo vem jantar aqui? Vá tomar banho, trocar essa roupa que deve 'tar podre de suor.”

A noite chegou. Uma lua chorosa brilhava por trás de tênues fiapos de nuvens formando um grande círculo amarelo em volta.

“Vai chover mais...” disse Armando, ao ver a ilusão de ótica. “Olha a lagoa no céu!”

Renato sorriu, achando o comentário engraçado.

Já haviam jantado e, como soía acontecer, recolhiam-se agora ao alpendre para conversarem. O dono da casa sentou-se em sua cadeira de balanço. Ricardo, numa cadeira de mesa, ao lado de

Catarina, a esposa. Noutra cadeira de balanço, dona Carmélia, que não gostava de ficar de costas para o terreiro. Ao lado dela, apoiando-se manhosamente sobre o móvel, estava o neto Titico. Júlia armou uma rede para Renato e deitou-se nela com ele. Corrinha estirava as pernas no parapeito, recostada a uma coluna. Àquela hora, ela não tinha música para ouvir. Todas as AMs estariam transmitindo a Voz do Brasil.

Lauro e Adriano chegaram para se juntar ao grupo. Disseram “boa noite” e se acomodaram pelos parapeitos, recusando as cadeiras.

“Vai buscar na cozinha cadeira pro Lauro e pro Adriano, Corrinha!” ordenou Júlia.

“Não precisa, não, dona Júlia. Tamo bem aqui mermo.”

Comentaram sobre o tempo, citando o horário de cada neblina e de cada ameaça de chuva. Depois, falaram da novena da noite anterior e, em seguida, da missa na Barra, dos conhecidos que eles reencontraram no vilarejo, das situações engraçadas.

“Vamos jogar baralho, Adriano?” sugeriu Renato, levantando-se da rede, cansado das conversas.

Adriano não respondeu, simplesmente acompanhou o outro, dirigindo-se para a sala onde acenderam uma lamparina.

“Se eu soubesse que ia ter com quem jogar aqui, eu teria trazido meu jogo de xadrez...”

“Xadrez? Como é esse jogo?”

“Ah! Não dá para explicar, mas é muito legal.”

“Legal?”

“Sim. Bom. Mas tem que ser muito inteligente para jogar, porque é cheio de regras.”

“Então não dá pra mim.”

Renato sorriu e compreendeu o amigo.

“Você é inteligente, ora! Ia aprender tudo rapidinho. Olha, quando eu for fazer o vestibular, eu vou trazer, certo? Ai você vai ver o que é um jogo bacana!”

Ao dizer aquilo, Renato lembrou-se de que, antes de viajar para a casa dos pais, planejara tirar as férias estudando para as provas, o que simplesmente não havia feito durante todo aquele tempo em que estava no sertão. Confiava, porém, em seu conhecimento acumulado. Não achava possível que, depois de tanta dedicação aos estudos, ainda precisasse rever tudo para fazer os exames. Pela primeira vez, questionou-se se realmente queria voltar para a cidade.

“Que foi?” perguntou Adriano, vendo-o com o olhar perdido.

“Nada” sorriu o outro; depois, embaralhou as cartas e as distribuiu. Em silêncio, o menino Titico, tímido, os observava ao pé da porta, escondendo metade do corpo.

Jogaram por uma meia-hora. No início, estavam empolgados com o jogo, mas depois perderam o interesse. Estavam sentados no chão. Adriano, com as pernas dobradas para dentro, inclinara o corpo para trás, apoiando as mãos no cimento frio. A luz vacilante da lamparina cobria de sensualidade a pele exposta.

“Tira esses óculo...” pediu ele, quase sorrindo.

“Por quê?”

“Quando eu olho pra tu, vejo o reflexo da lamparina nas lente...”

Renato retirou os óculos e apertou os olhos.

“Tu não enxerga bem sem eles?”

“Enxergo... Quer dizer, melhor com eles... Já me acostumei.”

“Estragou a vista lendo, não foi?”

“Não sei... Acho que sim.”

Renato lembrou-se da tia a reclamar da luz acesa em seu quarto até tarde da noite. Para não mais aborrecê-la, ele passou a abrir a janela do quarto por onde entrava a luz amarela do poste na calçada. Foi o hábito de ler à luz do poste que deve ter danificado a vista. A lembrança o fez morder o lábio.

“Deixa eu ver como é que fica n’eu.”

O outro sorriu com aquele jeito de falar. Se fosse uma frase de Corrinha, consertaria o equívoco pronominal; mas Adriano parecia prescindir de tais atitudes suas. Entregou os óculos ao amigo e este os pôs no rosto.

Renato olhou para os lados – não viu o menino a espiá-los –, inclinou-se um pouco e sussurrou:

“Bonito.”

Adriano sorriu. Seus dentes não exibiam cáries como os de Corrinha e os de Adelina.

“Mas quase não têm grau” comentou o louro, devolvendo os óculos.

Renato os recebeu imóvel, com o olhar fixo no rosto do outro, até que o intimidou, fazendo-o enrubescer e baixar a cabeça.

“Bonito demais...” disse, num cochicho, depois sugeriu que fossem à cozinha, beber água. Levantaram-se e foram, levando a lamparina.

Renato pôs a luz sobre a mesa, pegou dois copos, mergulhou-os no pote no canto da parede e deu um ao companheiro.

“Você já bebeu água gelada?” perguntou o pré-universitário, após alguns goles.

“Não.”

Esvaziados os copos, já iam os dois adolescentes voltando para a sala quando Renato segurou Adriano pela mão.

“Um beijo...”

“Aqui?”

“Sim...”

“Alguém pode ver...”

“Eles estão todos entretidos lá fora...”

Adriano reteve-se paralisado enquanto o outro o enlaçava pela cintura e colava seus lábios nos dele. Completamente excitados, não resistiram ao desejo de sentir a fricção entre os dois membros latejantes. Apertaram-se num abraço demorado enquanto se beijavam com ardor, e o menino Titico, como olhos esbugalhados, observava-os da ponta do corredor, cheio de admiração.

“Vamo voltar...” disse Adriano, ao afastar o rosto do de Renato.

“Tá bom.”

Separaram os corpos, mas ainda ficaram de mãos dadas até Renato pegar de volta a lamparina e dirigir-se para a sala. Titico já havia corrido para o alpendre, onde, silencioso, chupava o próprio braço como a imitar o que acabara de ver.

Na casa de Lauro, Mariinha cochilava na rede armada no meio da sala, onde depois Adriano deveria dormir. Armara a rede e nela se deitara para vigiar o namoro da filha com Antônio, para evitar os excessos de carícias.

Todos os pais faziam isso. Quando um rapaz arranjava uma moça para namorar, já sabia o que teria pela frente: teria que ir às noites para a casa da jovem, onde ficaria com ela sentado, lado a lado, em sala ou alpendre, tendo um membro da família por perto, para evitar que os dois tivessem maiores intimidades. Quando a moça tinha irmãos crianças, estes eram as presenças incômodas a brincarem aos pés do casal de namorados. Quando não, geralmente a mãe ficava de vigília, de modo que os jovens enamorados raramente tinham um momento a sós. Haviam de se contentar em ficar com as mãos enlaçadas, mudos na maior parte do tempo, pois lhes faltavam oportunidade e privacidade para falarem o que quisessem. Um beijo no rosto na presença

de alguém era uma ousadia. E assim os namoros atravessavam semanas, meses, às vezes anos, até o casamento. Ou então até rompimento, quando o tédio finalmente vencia o casal.

Antônio era resistente às tradições. Com a testosterona em alta, o rapaz não estava exatamente interessado em seguir o destino dos outros moços.

Vendo que a possível futura sogra mergulhara num sono profundo, o rapaz não perdeu a oportunidade e sugeriu que fossem para fora.

Encostaram-se de pé ao oitão da casa, protegidos do luar, e entregaram-se aos apertos. Com seus braços fortes, o moço arrochava a cintura da moça, fungando em seu pescoço, mordiscando-lhe a pele, arrancando gemidos que o excitavam ainda mais. Adelina ardia de desejo e esfregava-se toda contra o namorado, deleitando-se ao contato lascivo com o sexo masculino inchado.

Antônio, prestes a explodir de desejo, afastou o corpo da moça, abriu os três botões da calça e pôs para fora o membro duro e grosso.

Adelina estremeceu.

“Pega nele...” solicitou o rapaz, empurrando o ventre para frente. A glândula tocou o vestido da moça, erguendo o tecido mole.

“Tá doido?” perguntou ela, sussurrando, trêmula.

“Vai...”

Ela, com as mãos suadas, agarrou repentinamente o pênis quente e pulsante. Solto um gemido quando sentiu o sangue latejar no membro ereto e empurrou o prepúcio para trás, deixando o pulso umedecer-se de esmegma.

Antônio, ensandecido de prazer, levantou o pano do vestido e meteu a mão áspera no púbis úmido da moça, esfregando com violência os dedos em seu clitóris.

“Delina?” – a voz da mãe ecoou na sala.

A moça apavorou-se, lançando-se para trás e recompondo-se.

“Tô indo, mãe.”

Trêmula e pálida, ela se mostrou à porta.

“O Tõe acabou de sair...” disse, tomando ar. “A senhora ’tava dormindo... Eu vim dar um beijo de despedida nele.”

“É pra beijar ele aqui na sala mermo. Se teu pai sabe disso, te mata duma pisa!”

“Oh besteira, mãe!”

A mulher, sentada na rede, despenteada, encolhia o rosto contra luz.

“Teu pai ainda não vei?”

“Não... Ainda tá de conversa lá no alpendre.”

“E o Tõe já foi por quê?”

“Sei lá... Acho que tava com dor de dente.”

Adelina entrou e foi para a cozinha onde tomou um pouco d’água. As pernas ainda vibravam e o coração continuava acelerado.

Do lado de fora, Antônio, ainda recostado à parede, massageava o sexo dolorido. Iniciou uma masturbação, mas entediou-se... Queria satisfazer-se de outra forma. Saiu descendo a ladeira em direção ao riacho, a cujas margens deitavam-se alguns muare e asininos. Todo caba faz isso! pensou ele, aproximando-se dos animais.

Balançando-se pacientemente na cadeira de pau, a voz vagarosa e o olhar fixo no luar derramado no terreiro, dona Carmélia relatava histórias que, dizia ela, eram a mais pura verdade.

“Quando eu era menina, conheci um caba que não gostava muito de trabalhar, não queria saber de casamento, vivia de bodega em bodega, bebendo e fumando. Era viciado em jogo de sinuca.”

“Snooker” disse Renato, da sala, mas só Adriano o ouviu.

“O quê?” perguntou o louro.

“Nada...”

Os dois agora folheavam um livro de Estudos Sociais, de quando Renato fazia a 4ª série. O garoto ensinava ao amigo a reconhecer os estados brasileiros no mapa. Dera-lhe o livro para que, em cinco minutos, o louro memorizasse a localização dos estados. Agora, com um mapa em branco, que era dado numa página de atividades, o dedo de Renato apontava espaços no papel enquanto Adriano dizia o nome do estado correspondente.

“Sergipe.” disse ele, após certa hesitação.

“Não,” corrigiu Renato. “É Alagoas. Eu também demorei a reconhecer qual era qual.”

“Se você me der esse livro para eu dar uma olhada, eu juro que amanhã à noite eu não erro mais nenhum.”

“Quando entrava num forró,” prosseguiu a velha, “dançava até ficar todo molhado de suor. Dava até íngua nas virias!”

“Vixe Maria!” admirou-se Júlia, sentada na rede.

“Não havia nessa Barra do Sitiá quem não conhecesse esse rapaz. Um dia ele ’tava bebendo com uns amigo, falando de coragem, contando vantage, dizendo ser o caba mais corajoso de toda a região.”

“O caba mais escroto!” exclamou Armando, cruzando os dedos sobre a volumosa barriga.

“E era mesmo corajoso, dona Carmélia?” perguntou Ricardo.

“Era nada! Só tinha lambança!” a velha continuou. “E então os amigo lhe fizeram uma aposta: à meia-noite, ele ia ter que ir ao cemitério...”

“Quer ver?” soltou Lauro, atento à história.

“...arrancar uma cruz, a de número treze, e trazer para os amigo que iam ficar esperando por ele na estrada.”

“Av’Maria!” Catarina arrepiou-se toda.

“Isso por uma garrafa de cachaça.” disse a velha.

“E ele foi?” perguntou Ricardo.

“Foi. Com medo, mas foi.”

“Ora!” exclamou Lauro. “Tinha que provar que era macho!”

“Como se isso provasse alguma coisa”, pensou Renato, enquanto Adriano dava nova olhada no mapa.

“À meia-noite, o caba foi ao cemitério. Sozim, como ficou combinado.”

“Sozim?” interrompeu Armando.

“Sozim!” repetiu dona Carmélia. “Era uma noite clara, de lua cheia. Ele subiu o alto...”

“Por que é que todo cemitério fica em cima dum alto, hem, pai?” quis saber Ricardo.

Catarina deu-lhe um safanão:

“Deixa a mãe contar, amor!” disse.

“Pois bem,” prosseguiu dona Carmélia. “Ele subiu o alto em busca do cemitério. Na mão uma picaretazinha... Como só tinha lambança, tremia como vara verde!” A velha balançou os braços no ar, dramatizando a cena. “Abriu o portão e entrou.”

Fez-se um silêncio. Uma brisa fria soprou varrendo o alpendre. Corrinha encolheu-se no alpendre, Júlia cobriu-se com a beirada da rede, Catarina apertou o braço do marido. Titico meteu-se entre os dois.

“Tá com medo, Titico?” perguntou Ricardo, baixinho.

“Hoje ele não dorme...” comentou Catarina, no mesmo tom.

Lauro, impaciente, quis saber o final da história.

“E aí que, quando tava abrindo o portão do cemitério, ainda pensou em voltar...”

“Deu medo?” perguntou Armando.

“Ora! Já ’tava com medo, né? Ficou com mais medo ainda quando se viu diante de um monte de catatumba...”

“Catatumba!” riu Renato.

“E como é?” perguntou Adriano.

“Catacumba.”

“Catacumba.” repetiu o louro. E acrescentou: “Tu sabe de tudo...”

Renato balançou a cabeça, fazendo o sinal de “não”.

“Eu queria saber o tanto que tu sabe...” confessou o outro.

“Deixa de besteira.” censurou o pré-universitário, com carinho.

“Eu não sei de nada, não...”

“Pois bem” – era a fórmula que dona Carmélia usava para dar continuidade à narrativa – “Ele se benzeu várias vez, e procurou a cruz marcada com um treze.”

“E as cruzes eram marcadas?” Ricardo interrompeu de novo.

Dona Carmélia não respondeu, prosseguindo com a história:

“Ficou de coca e começou a arrancar a cruz.”

“E de quem era a cruz, mãe?”

“Ora, Catarina!” ralhou o esposo. “De que importa isso?”

“A cruz era de um home muito perverso que tinha matado muita gente” esclareceu a velha. “Pois bem. O medo era tão grande que ele mal segurava a picareta. Aí, deu um vento fri levantando as folha seca do chão e o caba sentiu foi aquela coisa puxando a camisa dele!”

“Ave Maria!” exclamaram Corrinha e Catarina, como se houvessem ensaiado antes.

“Era o dono da cruz!” arriscou Lauro.

“O caba imaginou uma mão seca saindo do chão e dando de garra da camisa dele. Aí o coração disparou, ele se tremeu todo.” A velha imitava seu personagem, balançando-se toda.

“Era bem um dos caba que tinham feito a aposta!” comentou Armando. “Tinha ido lá só pra matar o coitado de medo!”

“Não, era não.” Continuou-se a narrativa. “Os amigo dele ’tava tudo já preocupado porque ele não voltava. Achavam até que o caba tinha fugido pulando o muro por trás do cemitério

e ganhado as mata. Perderam a paciência e foram ver o que era que tinha acontecido. Pois bem.”

Dona Carmélia deixou o silêncio falar por ela. Depois, voltou a contar a história:

“Os outro foram lá pra ver o que tinha acontecido. Um deles tinha uma lanterna. Quando eles chegaram perto do caba, viram ele caído pra trás com a cruz na mão. Os olhos des’tamanho!” – A velha representou as órbitas dos olhos enrolando os indicadores de encontro aos polegares e levantando-os diante de si – A boca aberta e todo cagado!

Os homens do alpendre riram. As mulheres lamentaram com interjeições.

“Tinha um galho duma planta seca enganchado na camisa dele.” continuou dona Carmélia. “Aí, no que o vento dava e balançava os galho, o caba pensou que era uma mão puxando a roupa dele.”

“E morreu só do susto.” concluiu Armando.

“Só do susto.” confirmou a velha.

“Pra vocês verem, né?” comentou Lauro. “O que é que o medo não faz com a pessoal!”

Adriano olhou para Renato, como se fosse comentar a moral da história. Quem comentou foi o outro:

“A gente não é pra ter medo, não...”

“Tu não tem medo?” perguntou Adriano.

Olharam-se como se buscassem forças um nos olhos do outro. Renato aproximou um pouco a mão da mão de Adriano. Este a segurou com firmeza.

“Quando eu estou perto de você, o medo passa...” sorriu o da cidade.

Adriano o acompanhou no sorriso.

8º CAPÍTULO

Na manhã seguinte, depois de cumprir com as tarefas de rotina, Adriano foi para o oitão da casa, o que ficava na sombra, para alimentar os pássaros que ele mantinha em gaiolas fixas na parede por pregos.

Eram três gaiolas: uma pequena, toda de talos de carnaúba, feita pelo próprio Adriano, contendo um inquieto bem-te-vi; outra, um pouco maior, com arames que atravessavam talos e que fora adquirida de um primo, continha uma graúna que costumava cantar quando o vento soprava suas negras penas; e a outra gaiola, ainda maior, comprada numa feira em Quixadá, fazia de refém um galinho-campina, a ave preferida do rapaz.

“Por que você não deixa a graúna na gaiola maior?” perguntou Renato, descendo a ladeira em direção à casa de Lauro.

Adriano sorriu ao vê-lo.

“É pra mode...” interrompeu-se, num sorriso tímido. “É para ele ter mais espaço.”

“Pra mode?” repetiu Renato, quase a rir.

“Ei! Eu disse certo depois!”

Renato ficou de cócoras.

“Eu sei que não é pra mode,” explicou-se Adriano. “Tu me ensinou... Mas às vezes, devido ao costume, eu acabo esquecendo.”

Renato admirava os pássaros com certa compaixão.

“Eu vou buscar um tamborete para tu sentar.”

Adriano entrou na casa e voltou com um assento para que o amigo ficasse mais acomodado.

Adelina e a mãe surgiram ao terreiro.

“Bonrdia, seu Renato!” cumprimentou a mulher. “Adriano, eu tô indo com a tua irmã ajudar a dona Júlia a espanar a casa. Tu

fica aí e olha o arroz que tá no fogo, viu? Não vá deixar queimar, não!”

As duas saíram, cada uma com chapéu na cabeça.

“Sua mãe só me chama de “seu Renato”...”

“Eu também só chamava tu assim...”

“Seu Renato... Faz-me sentir um velho!”

“É... Mas combina mais ‘seu Renato’ do que ‘seu Adriano’.”

“Ué! Por quê?”

“Tu é rico. O povo chama os rico com certo respeito.”

Renato inclinou-se, apoiando os braços nas coxas.

“Não gosto quando você fala assim...” disse. “Parece que você me acha melhor do que você.”

“Mas é...”

“Não! Só porque eu estudei mais?”

Adriano baixou a cabeça.

“E eu não sou rico, não.” acrescentou Renato.

“Mas tem mais, muito mais do que eu!”

O citadino o reprovou balançando a cabeça; depois, resolveu mudar o assunto:

“Detesto quando mamãe inventa de espanar a casa. É uma bagunça! Fica tudo empoeirado!”

“É...”

“O galinho-campina é realmente muito bonito. Essa penugenzinha vermelha que ele tem na cabeça...! É seu pássaro preferido?”

“É. É por isso que eu deixo ele na gaiola maior.”

“E por que você não os solta?”

“Ora! Por que eu gosto deles! Se eu soltasse, eles iam embora!”

“Mas... Eles nasceram para viver livres... São pássaros. Têm asas e penas!”

“Eu sei...”

“Qualquer dia eu venho aqui e solto todos!” ameaçou Renato. Adriano virou o rosto instantaneamente para ele.

“Não!” disse. “Faça isso, não!”

Renato quis rir do amigo, achando engraçado seu semblante assustado. Os olhos claros arregalaram-se e as sobrancelhas subiram.

“Não é justo o que você faz com os bichinhos!”

“Se tu fizer isso, eu não falo mais com tu...”

Renato ficou sério.

“Aí a gente nunca mais vai se beijar...” disse Adriano, encarando-o.

“É brincadeira...” Renato sorriu.

Adriano baixou a cabeça, calando-se por um tempo. Renato notou que o amigo de repente ficara triste.

“Ei! Eu estava brincando.” reafirmou. “Eu jamais faria isso...”

“Quando é que tu vai voltar pra Fortaleza?” perguntou Adriano, brincando com o galo-campina.

“Ainda vai demorar uns dias... Por quê?”

“Esses passarinhos são os amigos que eu tenho aqui...”

Renato comoveu-se com a frase. Não só pelo modo como havia sido dita, com todos os plurais, mas pelo que ela significava.

“Eu sou seu amigo, não sou?” – quis saber ele, tirando os óculos.

Adriano não respondeu, apenas virou-se para ele, cabisbaixo.

Renato se pôs de pé. Sua mão ergueu-se para tocar a do outro quando este exclamou:

“O arroz!”

O moço correu para a cozinha. Renato pôs os óculos no rosto e foi atrás dele.

Depois de retirar a panela de cima do fogão a lenha, Adriano voltou a dar atenção ao amigo, que insistia na pergunta:

“Eu sou seu amigo? Hein?”

O camponês botou a mão no ombro do citadino, massageando-o.

“Eu não sei dizer...”

Renato ficou aflito. Adriano continuou:

“Eu já tive amigo antes... Mas era tão diferente...”

“Diferente?... Como?”

“Perto deles eu não ficava assim, como eu tô agora perto de você... Não me dava essa coisa, esse suor nas mãos, essa agonia toda...”

Adriano apertou o ombro de Renato e deslizou a mão por sua nuca, agarrando os cachos negros.

Renato sentiu sua carne tremer ao toque e inclinou-se para beijar o amigo quando este o deteve, pondo-lhe a outra mão no peito.

“Aqui não...”

“Tá certo...”

“A mãe pode chegar... Ou o pai...”

“Tudo bem...”

“Mas a gente pode se encontrar de tardezinha lá na barragem... Que nem ontem... – sorriu – Ontem... Que nem ontem... Tá bom?”

Renato acedeu, balançando a cabeça.

“Ah! Pode me perguntar o nome de todos os estado!” Adriano comentou triunfante. “Eu já sei!”

Os dois foram com o livro de Renato para o oitão, estudar geografia.

Já era mais de três horas da tarde quando a casa maior da fazenda passou a ser lavada após a espanação. Todos os móveis e o piso ficaram cobertos por uma poeira escura, cheia de fiapos e novelos de teias de aranha. Após toda a sujeira dos móveis e

do piso ter sido retirada e varrida para o quintal, chegara a hora da lavagem.

Depois do almoço, Adriano e Renato foram ajudar as mulheres.

“Só mesmo o Adriano para fazer o Renato pegar no pesado!” comentou Júlia, com um pano amarrado na cabeça para proteger os cabelos contra a poeira.

Os rapazes foram ao Sitiá com um jumento e encheram dois recipientes de borracha com a água do riacho para lavar a casa. Deram várias idas ao pequeno rio até encherem um tambor posto ao pé do alpendre.

O serviço parecia uma festa: Adriano e Renato enchiam os baldes e subiam o alpendre, com os pés descalços, alegres por estarem juntos, e derramavam a água sobre o piso vermelho por onde as mulheres iam e vinham esfregando vassouras já desgastadas sobre a espuma suja.

“Ah!” suspirou Júlia, pondo as mãos nas costas. “Se eu não estivesse tão cansada, ia fazer uma visita ao seu Gonçalo... Coitado!”

“O seu Gonçalo, que mora na beira do ri?” perguntou Mariinha.

“É... Vocês conhecem o seu Gonçalo?”

“Nós já moremo uns tempo perto da casa dele. Gente boa, né?”

“A Catarina disse ontem que ele tá muito doente” informou Corrinha. “Tá pra morrer!”

Mariinha franziu a testa, penalizada:

“É? De quê?”

“Tá com aquela doença...” disse Júlia.

Renato interveio:

“Qual, mamãe?”

“Faz mal dizer o nome!” a mulher disse séria.

“É. A gente não diz esses nome dentro de casa, não...” assegurou a outra, temerosa. “Pode acontecer de um membro da família ...”

“Ave Maria! Ave Maria! Ave Maria!” Júlia interrompeu, repetindo a fórmula até sua voz sumir.

Adriano chamou Renato para o alpendre e perguntou baixinho:

“Que doença é?”

“Deve ser câncer.”

Voltaram os dois para a sala.

“E onde é, mamãe?” perguntou Renato.

“Na ribeira...”

“A doença.”

“Ah! Coisa que dá em homem.”

“Na próstata.” Disse Renato. Adriano ficou com o olhar perdido.

“Onde é isso?” espantou-se Adriano.

“É por aqui.” O outro apontou para o ventre. O amigo franziu o cenho. “Me dá uma sensação ruim só de ouvir falar...” acrescentou Renato.

“Eu tô pensando em fazer uma visita a ele.” continuou Júlia. “Mas tô tão cansada...”

“Vamo amanhã à tardinha...” sugeriu Mariinha, esfregando a vassoura no chão.

Corrinha animou-se:

“Ai! Eu vou também!”

“Não, senhora!” repreendeu a madrinha. “Pode se aquietar, que a senhora vai ficar aqui pra fazer a janta! Além do mais, a gente vai visitar um velho doente. Não é uma festa, não!”

A moça olhou para a amiga, que lhe retribuiu com um olhar complacente. Renato sentiu um pouco de pena de Corrinha. Houve um instante de silêncio em que só se ouviam os chiados das vassouras esfregando o chão.

As horas passaram e a limpeza da casa demorou mais do que o esperado.

Os dois rapazes se prepararam para o encontro na barragem, combinado antes do almoço, mas, chegada a hora, Lauro incumbiu Adriano de ir à Barra comprar fumo e umas coisas que o patrão queria que fossem compradas e que só havia nas bodegas do vilarejo.

“Eu vou chamar o Renato, pai.”

“Precisa não,” disse Lauro. “Se vocês forem junto, vão demorar mais ainda, e seu Armando quer essas coisas pra logo! E também parece que vai chover.”

O moço montou num cavalo e foi sozinho, chateado.

Renato só o viu quando ele já passava pelo portão na entrada da fazenda.

Quando a noite chegou trouxe consigo uma chuva fina e persistente, que manteve todos em suas casas, pondo-os a dormir mais cedo.

O adolescente ainda rolou na cama até tarde, insatisfeito por não ter mais visto Adriano, enquanto este também procurava dormir, torcendo-se na rede a todo instante.

A escuridão reinava soberana. Todas as lamparinas estavam apagadas. Só se ouvia o pingar incessante da chuva no telhado.

Em sua vasta cama, Armando passava a mão pelo braço da esposa, esfregando a barriga saliente em suas costas e sussurrando frases incompreensíveis ao seu ouvido. Júlia o rejeitou com um movimento brusco do braço e afastou o corpo cobrindo-se com o lençol.

O homem ficou insatisfeito, com o olhar na escuridão do teto e a mão sobre o pênis endurecido. Já havia algumas noites que a mulher se recusava à conjunção carnal, enchendo-o de

impaciência. Naquela noite, sob o frio, suas carnes o punham doido como em adolescente.

Seu Gonçalo era um velho conhecido nas redondezas do Sitiá e do Banabuiú. Armando e Júlia eram amigos de sua família.

Estava doente, gravemente doente, com um câncer na próstata.

Morava a alguns quilômetros da fazenda, num casebre às margens do Banabuiú. Depois de ter vivido anos em uma casa grande e confortável com a família, teve de se mudar para aquele casebre e vender tudo para pagar dívidas contraídas num período em que arrumou uma amante, de modo que toda a Barra do Sitiá viu ruir ano após ano uma das mais importantes famílias de fazendeiros da região.

Na tarde de 27 de dezembro, Júlia foi fazer uma visita ao velho. Adriano, montado num cavalo, conduzia a charrete com a patroa, Mariinha e Renato.

Durante o percurso até o riacho, enquanto a charrete seguia a estrada anfractuosa, os rapazes faziam as mães rirem com brincadeiras pueris.

Era uma agradável tarde de quinta-feira banhada pela luz amena de um sol morno. Os arbustos exibiam o viço adquirido após as chuvas. A terra cheirava e as estradas traziam as marcas da água que rolara durante a noite. O Sitiá subira um pouco, preocupando as duas senhoras, mas Adriano soube atravessá-lo sem problema.

Quando já iam se aproximando da casa do doente, Júlia falou:

“Agora os meninos vão parar de brincadeira porque é feio chegar rindo nas casas dos outros.”

“Ainda mais em casa de gente doente!” acrescentou Mariinha.

Ao chegarem à casa, souberam que o velho acabara de falecer. Ouvia-se o choro lamurioso de mulheres e frases que se misturavam num burburinho perturbador.

Pouco antes de Júlia sair para a visita, Corrinha meteu-se a varrer a casa. Ligou o rádio no volume quase último, como para irritar a madrinha, mas não recebeu nenhuma reclamação por isso. Vendo-se só, foi tomar banho. Tinha que esfriar os nervos. Ficara irritadíssima por Júlia não a ter deixado ir também visitar o velho. Como quase nunca saía de casa, qualquer passeio, fosse para onde fosse, animava-a. Principalmente quando os dois rapazes iam também. Lamentava perder agradáveis momentos de alegria ao lado deles.

Demorou-se mais do que de costume no banheiro. Depois, com a toalha em volta do corpo molhado, dirigiu-se para o quarto para trocar de roupa. Nem se preocupou em fechar a porta.

A música alta não a fez perceber que o padrinho chegava a casa. O homem passara o dia irritado devido à noite anterior. Após o almoço, tirou um cochilo deitado no cimento frio da sala e em seguida montou-se em seu cavalo branco e partiu para a vila, onde se meteu num bar e pediu uma dose de aguardente. Não tardou aos amigos aparecerem e juntarem-se a ele para beber cerveja e conversar sobre gado e mulheres.

Notando-se exagerar na bebida, resolveu voltar para casa. Subiu o alpendre e adentrou, esquecendo-se de que a mulher havia saído para a tal visita.

Dirigiu-se um pouco trôpego pelo corredor em direção à cozinha e, ao passar em frente à porta do quarto de Corrinha, viu-a completamente nua, de costas, inclinada sobre uma gaveta, a escolher uma calcinha para vestir.

Assustou-se e recuou, encostando-se na parede.

A casa estava um pouco escura. Corrinha havia fechado todas as janelas, exceto a de seu quarto, para que a poeira não entrasse e assim, quando a madrinha voltasse, ainda encontrasse a casa limpa.

Vagarosamente, Armando inclinou-se novamente para espiar a moça. Ainda estava nua.

O homem estremeceu, respirou fundo. As costas brancas da moça curvaram-se para que os braços pusessem a calça à altura dos joelhos. O contorno do seio firme balançou levemente quando ela meteu uma das pernas na peça de roupa.

Armando levou a mão aos testículos, coçando-os por cima da veste e saiu para o alpendre antes que a afilhada o visse. Estava trêmulo, excitado. O álcool em sua cabeça o impedia de pensar direito. Deu uns passos trôpegos pela sala, segurando-se nas cadeiras. A imagem da moça nua não lhe saía da mente. Havia anos que não via o corpo nu de uma jovem donzela, e o corpo da afilhada lhe surgiu tão perfeito que o fez esquecer os anos de convivência como pai e filha.

Lembrou-se de quando era rapaz e o pai o levou para um prostíbulo, para que se iniciasse na vida sexual. A prostituta que se pôs diante dele era uma garota ainda, como Corrinha. Lembrou-se de que ela se pôs na mesma posição desta, mas despindo-se em vez de vestindo-se. Foi uma experiência intensa, tanto que ele nunca deixou de visitar os bordéis. Mesmo depois de casado, tirava sempre um dia no ano para ir a uma das cidades vizinhas somente a fim de deitar-se com uma meretriz sobre a cama pobre de um quartinho escuro e malcheiroso, cujos maiores frequentadores eram fazendeiros insatisfeitos com sua vida sexual ao lado das esposas. As visitas aos bordéis não só aliviavam as exigências da carne como traziam, diante dos membros da comunidade masculina, certa vaidade, certa

reafirmação da condição de macho, uma condição que deveria ser constantemente provada.

Armando via sua condição de macho ser posta à prova naquele instante. A esposa não o vinha fazendo sentir-se muito homem, recusando-se a ter relações com ele. A cabeça estava cheia das obscenidades ditas no bar.

Corrinha saiu cantarolando do quarto quando o padrinho a seguiu por trás, tapando-lhe a boca.

Apavorada, a moça esperneou-se, esforçando-se para se soltar do agressor, cujo hálito carregado de álcool lhe soprava os cabelos ainda molhados.

Aos trancos, o homem arrastou a jovem para o quarto vizinho, lançando-a sobre a cama. O colchão de molas sacudiu seu corpo três vezes. O quarto estava escuro, mas Corrinha pôde reconhecer a figura do padrinho a desabotoar o cinto.

“Padrim, pelo amor de Deus!” gritou ela mais alto que o rádio.

“Cala a boca!” Armando a empurrou de volta na cama.

Com a pressa de quem foge, o homem livrou-se da camisa, desnudando a barriga volumosa e peluda. Em seguida, arriou as calças, tirou a cueca e sacudiu o pênis para a moça. Tinha um sorriso macabro no rosto, mas ela não pôde vê-lo. Estava de costas, num choro violento.

Sem dizer nada, Armando caiu sobre a moça, virando-a e rasgando-lhe o vestido. Esfregou o queixo áspero contra o pescoço esticado da moça fazendo-a contorcer-se de nojo. Mais nojo sentiu quando, já despida à força, o membro ereto tocou-lhe as coxas, projetando-se para frente cheio de fúria.

Sob o corpo pesado do homem, a moça perdeu as forças. Gemia de dor e de cansaço, tendo o corpo banhado de suor e o rosto de lágrimas. Não adiantaria lutar. Armando era um homem corpulento e estava sob influência do álcool, o que liberava seus

instintos mais básicos. Enfurecido de desejo, ele esfregou a boca quente por todo o colo da moça, chupou-lhe os seios, mordeu-lhe o pescoço, encheu-a de asco. O colchão afundava sob os movimentos animalescos do homem sobre a moça, sacudindo os dois. A cama rangia. O rádio soltava uma melodia antiga e angustiante que Corrinha jamais suportaria ouvir novamente.

O tempo pareceu parar para a moça, a quem só restava esperar que o homem se saciasse e a soltasse. Entretanto, Armando parecia insaciável. Apoiando as mãos no colchão, o homem movimentava a pelve penetrando com violência as entranhas da moça, enquanto proferia obscenidades que se misturavam com o barulho do rádio e o ranger da cama.

Inerte, Corrinha sentiu as pernas serem puxadas e postas de modo a enlaçar os quadris gordos e suados do agressor.

“Isso...” – ela o ouviu dizer, e espremeu a face num choro silencioso, vendo sua vida ser destruída, completamente destruída pelo homem a quem ela dedicara desde pequena todo o respeito, devoção e amor de filha.

Gemendo feito bicho, movimentando-se cada vez mais rápido, Armando ergueu a cabeça para trás, soltou um grave urro e penetrou mais fundo. Depois, lento, jogou-se de lado, inflando a barriga e suspirando cansado.

Corrinha, livre, mas sem forças para se levantar, virou-se afastando-se, abraçando o próprio corpo, trêmula e banhada de suor.

O rádio soltou uma cantoria que falava do sertão. Armando esperou que ela acabasse e depois se levantou e ordenou à afilhada:

“Troque os pano da cama antes que tua madrinha chegue. E abra todas as janela para o vento levar esse cheiro de suor e bebida.”

9º CAPÍTULO

Júlia demorou-se mais do que pretendia na visita. Quanto voltou para casa, já era noite cerrada. Estranhou encontrar as janelas todas abertas, reclamou com a afilhada, mas a moça, deitada numa rede, alegou estar com dor de cabeça.

“Para que trocou a colcha da minha cama, mulher? Aquela não estava limpa?” perguntou, assim que acendeu a lamparina no quarto.

Corrinha inventou uma desculpa, disse que, quando estava varrendo a casa, pôs a lamparina apagada sobre a cama e esta acabou virando, manchando a colcha com a tísica do pavio.

“Cadê teu padrinho?”

“Sei não...”

Armando resolvera ir tomar banho no riacho. Passou pela casa do empregado e o chamou para ir também.

A moça não saiu mais da rede, onde ainda chorou muito, com o lençol enrolado cobrindo-lhe o rosto e abafando seu pranto. Imaginava como seria sua vida dali em diante. Continuaría o padrinho a abusar dela? Deveria ela contar à madrinha? *“Tá doida?! Ela não ia acreditar! E ele ia negar tudo! Quem sabe até não me desse uma surra!... Agora nenhum homem vai querer se casar comigo!... Será que eu vou saber esconder isso? Dizem que a mulher que deixa de ser moça fica com o andado diferente...”*

Encolheu as pernas, com as mãos sobre o sexo, sentindo nojo do próprio corpo. Não esquecia a brutalidade com que fora violentada, a figura torpe do homem que ela passara a vida chamando de padrinho a aproveitar-se à força de seu corpo virgem e puro. Como olharia para ele a partir de então? Como lhe pediria a bênção na manhã seguinte? Como conviveria na

mesma casa que aquele homem? Aquela cantoria ainda ecoava em sua cabeça.

De repente, passos adentrando o quarto a tiraram dos pensamentos, assustando-a. Era Renato.

“Corrinha...” – disse ele, com carinho.

Ela atendeu com um gemido.

“Tá com dor de cabeça?”

“É...” ela quis chorar, mas conteve-se.

“Ou é raiva porque mamãe não deixou você ir com a gente hoje à tarde?”

As lágrimas novamente jorraram umedecendo o lençol. Ela percebeu que nada daquilo teria acontecido se a madrinha a tivesse levado para visitar o velho Gonçalo. Sentiu raiva da madrinha.

“Olha,” Renato pôs a mão na beirada da rede. “Vai haver lá na Barra aquele forró de virada de ano, não vai?”

A moça não respondeu.

“Pois eu prometo ir com você... Eu, você, Adriano e a irmã dele... Tá?”

Ela estirou as pernas, calada.

“E olha que eu não gosto de forró, não.”

Renato ainda permaneceu um pouco ao lado da rede, tentando alegrar a moça, mas, vendo que só o amanhecer poderia lhe devolver o ânimo, retirou-se para o alpendre, onde os pais refestelavam-se nas cadeiras de balanço.

Naquela noite, a lua ergueu-se completamente iluminado por trás da mata escura, espalhando a claridade por todos os lados.

“Oh lua linda!” exclamou Renato, sentado no parapeito.

“É linda mesmo!” concordou a mãe.

Armando, balançando-se em sua cadeira, permaneceu tácito. Estava alheio ao que diziam em volta. Só conseguia pensar no que

fizera horas antes. Frio e orgulhoso, ainda sentia o pênis latejar quando se lembrava do prazer que sentira ao deflorar a afilhada virgem. A única virgem que deflorara havia sido a esposa.

“Papai?”

Armando estremeceu, parecendo despertar de um sono.

“Ãh?” perguntou, com os olhos arregalados.

“A mamãe tá falando com o senhor.”

“O que houve, homem?”

“Eu cochilei...”

Adriano surgiu no terreiro enluarado. Deu boa noite aos patrões e chamou Renato a um canto do alpendre, onde o luar não os atingia.

“O que foi?” quis saber Renato, curioso.

O outro demorou a falar, respirando fundo.

“Não deu certo a gente se encontrar ontem...” falou baixinho.

“O pai me...”

“Eu sei.” Renato o interrompeu.

“Mas hoje eu vou dizer que vou dormir lá no estábulo... Lá tem um quartinho, dá pra armar uma rede... Eu já dormi lá uma vez.”

Renato excitou-se, ouvindo o outro falar.

“Vou dizer que ontem eu não dormi com o ronco do pai... E ele ronca alto mesmo.”

O citadino suspirou trêmulo. O camponês falava nervoso, entre os dentes. Baixando ainda mais a voz, propôs que o amigo, depois que todos estivessem dormindo, fosse ao estábulo, onde ficariam a sós e teriam o tempo que quisessem juntos.

“Tem coragem?” perguntou Adriano, ao concluir a proposta.

Renato, ofegante, confirmou com um gemido breve. Ainda se deram as mãos trêmulas antes de voltar para o claro da lua.

“O que é que esses dois tanto cochicham?” perguntou Júlia, meio sorrindo.

“Coisa de homem, mamãe.”

“Cadê teu pai?” quis saber Armando, dirigindo-se a Adriano.

“Tá lá ouvindo a Voz do Brasil. A minha irmã tá com o namorado, aí ele não quis sair de casa.”

“E a Mariinha?” perguntou Júlia.

“A mãe, se for pastorar a Adelina namorando, pega no sono...”

Riram todos.

A lua já havia atingido o meio da abóbada celeste quando Adriano, ansioso, ouviu os passos do amigo em direção ao estábulo. Estremeceu, saiu da rede e foi logo abrir a porta, sorrindo nervoso ao ver a figura de Renato iluminada pelo luar. O outro entrou no recinto banhado pela luz de uma lamparina no chão. Tinha pulado a janela do quarto, com todo o cuidado para não fazer barulho e descera a ladeira trêmulo, não sabia se de frio ou se de nervoso.

Fechada a porta, os dois adolescentes se abraçaram fortemente. Adriano foi logo segurando a cabeça do amigo e beijando-lhe a boca com sofreguidão. Estava sedento dos carinhos do outro. A descoberta da sexualidade deixara-o atrevido, nem ele mesmo estava se reconhecendo.

Depois de vários beijos, afastaram-se um pouco.

“Olha como é que eu tô!” Adriano mostrou as mãos trêmulas. “Estava louco que tu chegasse, não aguentava mais esperar!”

Renato puxou-o de volta e deu-lhe novo beijo na boca; em seguida, sussurrou ao seu ouvido que também estava nervoso, com saudade dos beijos e apertou-o forte, fazendo-o sentir os pênis endurecidos.

Afastaram-se novamente, dessa vez a uma distância maior, e começaram a se despir. A lamparina cobria seus corpos com uma luminosidade quase dourada, que atiçava ainda mais os sentidos. A visão do corpo nu do jovem camponês fez Renato arder de desejo.

Completamente à vontade e sensualmente atrevido, Adriano sentou-se na rede e chamou o outro para junto de si. Sua voz deslizou no ar, como a fumaça da lamparina.

Órion há muito que já havia mergulhado no ocidente e a Lua se preparava para abandonar o céu quando Renato atravessou o terreiro de volta para o quarto. Estava com o peito estufado de felicidade. Sentia-se plenamente feliz, como jamais havia se sentido em seus dezessete anos de existência. Sorriu quando pensou na surpresa que a vida lhe reservara naquelas férias. Nunca imaginara que encontraria tamanha felicidade ali na fazenda, onde até então havia se sentido como se voltasse a ser aquele menino triste que se separou dos pais. Agora, depois das últimas horas, sentia-se como se houvesse dado um salto em sua maturidade, sentia-se um homem.

O outro ficara na rede, sozinho no estábulo. Apagou a lamparina e foi se deitar, ainda nu. Enquanto acariciava os pelos pubianos, ficou relembando cada momento que vivera ali ao lado do amigo. O sorriso de felicidade não lhe abandonava os lábios. Ao contrário das outras vezes em que ficou sozinho com o amigo, quando uma horrível sensação de culpa pesava sobre seus ombros e atormentava sua mente, agora ele se sentia satisfeito com sua sexualidade, sentia-se realizado, sentia-se amado, sentia-se homem.

O dia amanheceu com um sol radiante revelando o verde já adquirido pelas matas antes cinzentas.

Corrinha, que passara a maior parte da noite acordada – tão mergulhada em sua tristeza, nem ouviu Renato abrir a janela e pular para o alpendre, nem fazer o caminho inverso horas depois – surpreendeu a madrinha: levantou mais cedo e, nem tomou café, levou a roupa suja para lavar no riacho. Lá, acorrou-se ante uma roda de pedras esbranquiçadas de sabão e desfez a trouxa,

procurando imediatamente a colcha de cama onde derramara seu sangue. Lá estava ela, a mancha vermelha. Então era verdade, tudo realmente acontecera! – A moça ainda tinha esperanças de ter vivido um grande pesadelo, mas o sangue derramado no tecido confirmava tudo. Como era grande a mancha de sangue! Maldito! Deus vai te castigar! Deus vai te castigar!

Chorou durante o tempo em que esfregou as roupas sujas, quase ferindo os dedos.

Por volta das oito horas, Adelina apareceu atrás dela, com uma bacia de roupa.

“Ai vai!” exclamou ao ver a outra ali. “Tu já tá aqui, mulher?”

Corrinha enxugou as lágrimas.

“Tá chorando?” perguntou Adelina, levantando as sobancelhas.

“Foi uma raiva que eu tive...”

“De quem?”

“Daquele velho...”

“Seu Armando?”

Corrinha afirmou balançando a cabeça. A outra quis saber detalhes, mas ela se recusou a contar. Perguntou por Adriano, depois falou do forró na virada do ano, embora não demonstrasse animação para ir. Adelina, separando as roupas sujas, pegou uma cueca do irmão e mostrou à outra:

“Ó... Sabe o que é isso aqui?” perguntou, apontando para uma mancha amarelada no tecido branco.

Corrinha balançou a cabeça, enojada.

“Ê gala...” disse Adelina, esticando os lábios. “Os home soltam isso quando ’tão dormindo. Foi a mãe que disse. As cueca do Adriano têm é muito dessas mancha!”

Adelina ainda falou outras bobagens até o momento de Corrinha terminar sua lavagem de roupa e voltar para casa,

deixando a amiga sozinha, o que não demorou por muito tempo. Antônio estava escondido na mata torcendo para que Corrinha fosse embora. Sorriu quando viu seu desejo realizar-se e aproximou-se, com passo lento.

Adelina assustou-se quando a figura máscula e escura como o ébano se lhe apresentou, sorridente, parecendo muito maior do que o que era.

“Bonrdia...” disse, pondo-se de cócoras.

“O que é que tu tá fazendo aqui, Tõe? Não era para ’tar no roçado?”

“Já terminei por hoje... Não tinha muito que fazer não.”

“E o que é que tu quer aqui? Se o pai te pegar aqui...”

“Ele tá no roçado, vai demorar.”

“O Adriano...”

“Também tá lá com ele.”

Antônio inclinou-se para beijar a moça, mas ela se fez de difícil. O rapaz ficou de pé e olhou para o leito do riacho, acompanhando com a cabeça a curva que o riacho fazia, desaparecendo entre trepadeiras e juremas.

“Pegou foi muita água, hein?” Comentou. “Já dá pra tomar um bãe. Vamo?”

Adelina negou um convite, mas o negro soube como convencê-la, despindo-se da camisa e expondo o tórax moreno e firme ao sol.

“Vamo...” insistia ele, todo sensual, passando vagarosamente as mãos primeiro sobre o próprio peito, depois por cima da bermuda, massageando o volume que aumentava sob o tecido.

“Vai embora, Tõe!” ordenou Adelina, sem firmeza na voz.

Antônio não lhe obedeceu; ao contrário, despiu-se da bermuda e da cueca, depois balançou o membro viril e caminhou para a água, sorrindo cheio de malícia.

Adelina sentiu um fogo a consumir-lhe as carnes. Seus desejos falaram mais alto, muito mais alto, do que sua razão. Ao próximo convite do moço, ela cedeu, tirando o vestido e entrando na água. Seu primeiro gesto ao aproximar-se de Antônio foi agarrar-se ao pênis dele e apertá-lo. Depois, dobraram a curva do riacho procurando um lugar mais escondido. Encontraram as pedras onde Renato gostava de brincar quando criança. Lá, a moça se entregou ao namorado, permitindo que ele fizesse todo tipo de carícia.

Seu nome ecoou pelas matas. Era o irmão a chamá-la. A mãe, preocupada com a demora da filha, assim que Adriano chegou da roça, pediu que ele fosse ao riacho, ver o que tinha acontecido.

“Diz que tá tomando bãe.” sugeriu o namorado, sussurrando.

A moça, apavorada, gritou:

“Tô aqui nas pedra, tomando bãe!”

“Tem alguém aí?” perguntou Adriano, num grito.

“Não. Mas não vem não que eu tô nua!”

Adriano gritou de volta, dizendo que fosse para casa porque já estava tarde. Adelina entrou em pânico, pois ainda não havia nem terminado de lavar a roupa toda. As roupas! Lembrou-se de que as roupas do namorado ficaram à beira do riacho, certamente aos pés do irmão.

Antônio agachou-se e saiu feito um jacaré, só com os olhos acima da água, depois se meteu na mata, onde permaneceu acocorado até Adriano voltar para casa.

O negro estava contente. Finalmente conseguira o que queria da namorada.

“Comi! Comi!” dizia baixinho, só para si, triunfante, enquanto Adelina voltava para junto das roupas e se vestia.

10º CAPÍTULO

Quatro dias se passaram. 1984 chegava ao fim.

Na tarde do último dia do ano, Adriano apareceu no alpendre da casa dos patrões, onde Renato tentava, em vão, animar uma triste Corrinha.

“E aí?” perguntou num sorriso. “A que horas a gente vai à Barra?”

“Depois do jantar,” disse Renato. “Não é, Corrinha?”

A moça ficou em silêncio. Adriano franziu o cenho.

“Ela não quer ir, não?” indagou.

“Vai... Ela vai. Não vai, Corrinha?”

A jovem olhou para Adriano e perguntou se Adelina iria junto.

“Aquela lá anda toda triste porque o Tõe não apareceu mais lá em casa... Mas acho que vai.”

“Vai ou não vai? Quero saber de certeza.”

Adriano garantiu que a irmã iria também ao forró na Barra do Sitiá, e então Corrinha confirmou sua ida com os três jovens. Os rapazes sorriram alegres. Júlia apareceu ao alpendre:

“Forró na Barra só acaba em briga.”

“Ora, mamãe! A gente toma cuidado.”

A mulher, na sua condição de mãe, sempre preocupada com o que pode acontecer com os filhos, quis argumentar, persuadir Renato a desistir da ideia de irem ao vilarejo, mas desistiu, confiando na responsabilidade do filho e admitindo a necessidade de os jovens se divertirem.

Depois do jantar, os quatro jovens montaram aos pares em dois cavalos: Renato e Corrinha em um, Adriano e Adelina em outro. Álacres, pegaram a estrada em direção ao vilarejo da Barra.

Armando, Júlia, Lauro e Mariinha ficaram no alpendre, fazendo recomendações:

“Não deixa tua irmã sozinha com aquele rapaz, não, Adriano!” dizia Lauro.

“N’ê pra dançar o forró, não, viu, Adelina! É só pra ficar olhando.” dizia Mariinha. “E se quiser dançar, dança com teu irmão!”

“Dona Maria do Socorro, a senhora não vá dançar com todo homem, não, ouviu?” dizia Júlia.

“Cuidado na estrada, Renato!” advertiu Armando. “Tá escuro. Vá devagar. Não confie só no animal, não.”

Quando os quatro sumiram na escuridão da noite, Mariinha comentou:

“Eu só deixei o Adriano mais a Adelina irem para esse forró porque é com o seu Renato... Ave Maria! Nesses canto dá tanta confusão!”

“Eu também tenho medo...” confessou Júlia, sentando-se. “Mas Deus vai proteger eles.”

Armando se sentou. A cadeira rangeu com o peso.

“Ê bom um forrozinho de vez em quando...” disse. “No meu tempo de solteiro, eu não perdia um. Nunca me aconteceu nada.”

“Agora eu já vi uma briga feia!...” Lauro, sentado no parapeito, começou a contar uma história antiga. As mulheres ficaram ainda mais temerosas.

Mais tarde, Ricardo, Catarina, dona Carmélia e Titico chegaram para mais uma noite de conversas à luz da lamparina.

A Barra do Sitiá estava tão cheia de gente quanto na missa da noite de Natal. Como não havia luz elétrica no vilarejo, as pessoas andavam vagarosas em frente às casas e as bodegas, mesmo assim, de vez em quando alguém tropeçava nas grotas. Nos terreiros, só se viam as pontas acesas dos cigarros fazerem

movimentos semicirculares no ar, deixando um traço de luz vermelha. Riscava-se um fósforo de um lado, acendia-se uma lanterna de outro. A luz dos lampiões nos botequins escapava pelas portas abertas, espremia-se entre as pessoas e se projetava nas calçadas, ajudando a evitar tropeços. O burburinho era incessante. Ria-se, conversava-se, teimava-se.

Em um salão iluminado por quatro lampiões, iniciava-se o esperado forró. Dois homens, plantados na porta, recolhiam o pagamento pela entrada no salão. Uma multidão amontoava-se na calçada. No interior do recinto, um conjunto tosco tocava animado uma melodia contagiante. Sanfona, triângulo, zabumba e pandeiro misturavam-se num ritmo acelerado, no qual entravam os casais que iam se formando e girando pelo cimento. Em pouco tempo o ambiente lotou. Logo as paredes se cobriram de costas e nádegas. Não havia sintonia entre os casais, cada um dançava a seu modo. Uns se esfregavam sem pudor, outros se mantinham um pouco afastados, para denotar respeito. As moças feias juntavam as mãos atrás das nádegas e se encostavam às paredes à espera de algum cavalheiro que as convidasse para a dança, mas, vendo que tal não aconteceria, acabavam por juntarem-se aos pares e dançarem umas com as outras. Das janelas, senhoras curiosas observavam a festa, de vez em quando cochichando sobre algo que lhes chamava a atenção: a roupa decotada da viúva, o modo de fulano dançar, a feiura da filha de beltrano, a embriaguez de cicrano. O calor já começava a suar os corpos dos forrozeiros. Com frequência se via um homem sair para o quintal e abanar a camisa ensopada de suor.

Nos recônditos mais escuros, como os becos e os oitões das casas, homens e mulheres se agarravam sôfregos. Havia quem dedicava seu tempo apenas a observar o vaivém dos casais pelo escuro.

Renato, ao desmontar do cavalo, sentiu um pouco de arrependimento. Aquele não era um ambiente que lhe agradasse. Mas quisera sair de casa, estar com Adriano, animar Corrinha.

“Não vamos demorar muito, não é, pessoal?” disse ele, aproximando-se de Adriano.

“Nós vamos entrar no salão?” quis saber Corrinha.

“Vamos dar uma olhada pela janela.”

Aproximaram-se do salão. Todas as janelas estão tomadas de gente. Esticando o pescoço, Renato olhou para o interior do recinto.

“Eu não entro aí nem que me paguem!” disse.

“Por quê, Renato?” perguntou uma voz atrás dele.

O moço se virou e viu Maria Luísa, com as mãos na cintura, toda de branco.

Renato sorriu e a cumprimentou, beijando-a em cada lado do rosto.

Adriano enciumou-se, virando-se para um lado. O outro percebeu seu gesto e se afastou um pouco da garota.

“Eu te vi dali e pensei: ‘Não acredito! O Renato aqui? Ele não gosta de forró!’”

“É... Não gosto mesmo...” Renato ficou sem graça.

Adelina e Corrinha avisaram que dariam uma volta rápida pelo vilarejo e saíram com os braços entrelaçados. Maria Luísa pegou a mão de Renato e o puxou:

“Vamos comigo ali,” disse. “Quero te apresentar a uma amiga minha.”

O garoto não teve tempo de recusar. A moça puxou-o e levou-o por entre as pessoas até a calçada da grande igreja. Adriano viu quando ele sumiu na multidão, olhando para trás.

Triste, o camponês baixou a cabeça e deu passos solitários por entre as pessoas. Embora cercado de gente, uma solidão

profunda apoderou-se dele. Quis subir no cavalo e voltar para casa, sozinho. Caminhou até a calçada da igreja e ficou a metros do amigo, que se cercava de garotas.

No interior do salão a multidão se apertava. O espaço ficara pequeno para tantos pares. A poeira levantada pelo esfregar dos chinelos no cimento subia deixando uma nuvem cinzenta em volta dos lampiões, mas ninguém se importava com isso. A cada minuto, pares se desfaziam cansados e suados e outros se formavam, preenchendo o espaço deixado por aqueles. Os casais se acotovelavam, empurravam-se, erravam o passo, recomeçavam a dança, molhavam-se de suor. Não havia harmonia nos movimentos.

Numa das janelas do salão, Adelina, com o pescoço estirado e o corpo espremido entre os curiosos, segurava na mão de Corrinha e olhava para o interior do recinto à procura de Antônio. Depois de alguns minutos vendo o sobe-e-desce de ombros e cabeças, ela finalmente enxergou o namorado dançando com uma loura de cabelos ondulados.

“Corrinha, Corrinha!” agitou-se a moça. “Tô vendo o safado dançando com uma loura!”

“Quede?”

Adelina apontou para o casal bem no instante em que paravam de dançar e se retiravam do salão. Secretamente, as duas os seguiram e os viram de braços dados descendo o terreiro em direção ao rio.

Inconformada, Adelina caiu no choro. Entendia agora por que o rapaz não mais aparecera em sua casa, nem a procurara em lugar nenhum. Arranjara outra. Depois de ter conseguido o que queria, resolvera partir para novas aventuras. Namorar moça de família é ruim, pensava ele.

Corrinha levou a amiga para uma calçada e ficou lhe fazendo companhia, ouvindo sua lamúria. Adelina quase confessou ter-se entregado a Antônio, mas conteve-se.

Renato não conseguiu sair da roda de moças. Elas o cercaram com perguntas e mais perguntas, deixando o rapaz impaciente. Maria Luísa, depois de ter-se cansado da companhia das amigas, pediu licença e arrastou o rapaz consigo, levando-o à casa de uns parentes. Estava com sede.

“Olha, eu tenho que voltar.” disse o garoto, quase implorando. “Eu tenho que ficar com os meninos, eles...”

“A Corrinha e aquela outra não haviam saído para dar uma volta?” ela o interrompeu.

“Mas tem o Adriano.”

“Ah! Ele se vira por aí... Quem sabe não arranje uma namorada!...”

Renato parou bruscamente.

“É sério: eu preciso voltar.”

Maria Luísa quis argumentar, mas ele prosseguiu:

“Nós quatro viemos passar só um instante aqui, e já demoramos demais.”

A garota torceu a boca, insatisfeita.

“Por que você não vai lá em casa?” sugeriu ele, para não magoá-la, mas no fundo não queria que ela aceitasse o convite. “Aí a gente conversa mais, tá bom?”

Ela, de súbito, segurou-lhe o rosto entre as mãos e disse:

“Pois me deixa fazer uma coisa” – e o beijou na boca.

Renato assustou-se. Segurou a garota pelos braços e a afastou, zangado. Pensou imediatamente em Adriano e seus olhos o buscaram na escuridão. O coração do moço disparou quando viu o amigo a um metro deles paralisado. A luz que vinha da bodega ao lado mostrava os olhos claros cheios de lágrimas.

Adriano seguira-os e observava-os, discreto. Ao ver o beijo, deu um giro sobre o próprio corpo e afastou-se, cabisbaixo. Renato abandonou a moça para ir atrás dele e se explicar.

Nesse instante, porém, um tumulto expulsou a multidão do salão. A música cessou. Só se ouviam os gritos das mulheres e as pisadas desajeitadas no meio do terreiro.

“Ele tá armado!” exclamou alguém.

Um bêbado havia insistido com uma mulher, arrastando-a à força para dançar e ela lhe dera um grande safanão, que o fez cair sobre outro homem, também alcoolizado. Este puxou uma faca e partiu para cima do outro, causando o rebuliço. Sem policiamento, a confusão aumentou, envolvendo mais pessoas.

Renato se viu perdido no meio do tumulto, sendo empurrado de um lado para o outro. De repente, os brigões saíram do salão e ocuparam as calçadas. Atônito, o filho do fazendeiro gritava pelo amigo, em vão. Sua voz se perdia no ruído. Com dificuldade, ele conseguiu afastar-se e voltar para o local onde haviam deixado os cavalos. Encontrou só Corrinha a esperá-lo.

“Cadê o Adriano?” perguntou, aflito.

“Acabou de sair com Adelina.”

“Assim, sem nem esperar a gente?”

Renato desamarrou o cavalo e montou nele. Corrinha pôs-se na garupa e dispararam pela estrada.

A lua minguante surgiu derramando um pouco de luz sobre o sertão.

“Adriano!” gritou Renato, ao perceber o amigo a metros diante dele.

Mas tiraram todo o percurso de volta para casa assim, separados. Adriano não diminuiu o ritmo da cavalgada e Renato só conseguiu alcançá-lo quando ele chegou ao portão onde o estudante passou um tempo quando desceu do pau-de-arara, vindo de Fortaleza.

“Não me ouviu chamar, Adriano?”

O outro disse “não” secamente.

“Tá com raiva, Adriano?” perguntou Corrinha.

Não se ouviu nada além do tropel dos cavalos.

“Oh forró ruim!” – exclamou Adelina.

“Bem que eu queria ficar em casa” – desabafou Corrinha.

“Só prestou pro seu Renato” comentou Adelina. “Tava cercado de moça, hein?”

Renato quis esganá-la pelo comentário, mas seguiu calado, imaginando como faria as pazes com o amigo.

Ao chegarem ao alpendre, as moças desmontaram e os rapazes foram guardar os animais, amarrá-los ao pé do tamarindeiro..

Corrinha, que havia pegado a chave da porta com Renato, entrou em casa e foi direto para seu quarto. Júlia a ouviu chegar e levantou-se, com cuidado para não acordar o marido, que ronronava na cama.

Adelina desceu a ladeira indo para sua casa, enquanto o irmão amarrava o animal.

O luar banhava o terreiro e o silêncio se fazia absoluto.

Quando Adriano, que se recusava a falar, pôs-se no caminho rumo ao casebre, Renato o segurou pelo braço.

“Espera!” disse, desesperado.

Pararam em frente ao alpendre, cobertos pela pálida luz da lua.

Adriano baixou a cabeça, Renato colocou as mãos no rosto dele e falou:

“Você está coberto de razão... Eu deixei você sozinho... Mas eu não tive culpa. Foi ela que me pegou e não me deixou sair!”

Adriano nada dizia. Sua cabeça pesava entre as mãos do outro.

“Mas, olha: eu só pensava em você... O tempo todo...” continuou Renato, com a voz baixa e trêmula.

O outro sentiu uma raiva subir à sua cabeça, segurou os braços do amigo, apertando-os e disse, entre os dentes:

“Eu vi vocês se beijando.”

Renato desesperou-se.

“Eu sei... Mas eu não tive culpa. Foi ela que me beijou, Adriano. Ela segurou o meu rosto e me puxou pra cima dela.

Adriano deixou os braços de Renato caírem no ar e ficou inerte, ainda tomado pelo ciúme. Ficaram por um minuto em silêncio, um na frente do outro, imobilizados. O de cabelos pretos deu um passo para frente e deixou a cabeça cair vagarosamente sobre o ombro do louro; este hesitou um pouco, mas enfim cedeu à vontade de abraçá-lo e o fez, fortemente. Depois do abraço apertado, vieram o beijo demorado e diversos sussurros de desculpas ao pé do ouvido.

E as lágrimas da mãe de Renato, que, silenciosamente, acompanhava, escondida num canto escuro do alpendre, todos os gestos dos rapazes. No silêncio da noite, ouviu toda a conversa. Até o respirar nervoso dos dois. Uma nuvem arredondada escondeu a Lua deixando a noite mais escura. Ouviu-se o grasnar tenebroso das aves noturnas, uma rasga-mortalha sobrevoou a casa da fazenda com seu tique-taque de tesoura cega e latidos de cães vieram de muito longe se unir à sinfonia da escuridão.

“Vou dormir no estábulo de novo...” disse Adriano.

O outro não disse nada, apenas pôs o braço em volta do pescoço dele e os dois desceram a ladeira em direção ao quartinho.

Júlia ficou a observar os dois moços caminhando abraçados sob o fraco luar, até seus vultos confundirem-se em um só e depois sumirem na sombra do estábulo.

Adriano retirou a chave do bolso e abriu a porta do quartinho do estábulo, onde ficavam as máquinas de forragem, vários cultivadores e outras peças da fazenda. Renato abraçava-o por

trás, mordiscando-lhe a nuca e roçando o ventre nos grandes glúteos do amigo.

Logo que entraram, entregaram-se a novos abraços e beijos apaixonados. Despiram-se e caminharam agarrados no escuro, em direção à rede pendurada num canto da parede. Enquanto Adriano a armava, Renato comentou:

“Eu acho que já estamos em oitenta e cinco. Feliz Ano Novo, então!”

“Vem...” chamou Adriano, deitando-se na rede, com metade das pernas para fora, penduradas.

Renato deitou-se sobre ele, enroscaram-se um no outro, rolaram na rede aos beijos e mordidelas na pele adolescente. Estavam sedentos. Cansados da cavalgada, mas sedentos de prazer.

Depois de saciados, jazeram adormecidos, abraçados como dois meninos cansados de tantas brincadeiras.

Ao primeiro cantar de galo, Adriano despertou. Temeu já ser manhã clara, mas pôde ver pelas frestas que ainda era alta madrugada. Beijou a testa do amigo adormecido, acariciou-lhe o peito e murmurou ao ouvido dele que acordasse. Renato despertou e, percebendo-se ali, lembrou-se instantaneamente de casa, erguendo-se assustado.

“Calma...” Adriano abraçou seu corpo quente. “Vai dar tudo certo...”

O pré-universitário procurou suas roupas e vestiu-se. Antes de sair, abraçou o amigo e segurou-lhe a cabeça com ambas as mãos, unindo sua testa na dele.

“Você é meu.” disse, como um homem adulto.

Adriano também pôs as mãos na cabeça do outro. Não sabia exatamente o quanto aquela frase significava, mas sentiu um contentamento profundo ao ouvi-la. Ainda se beijaram mais uma

vez antes de Renato afastar-se e subir a ladeira de volta para casa. O outro o acompanhou com os olhos até não conseguir mais enxergar seu vulto na escuridão da madrugada. Depois, retornou para a rede e agarrou-se ao lençol, tomado de felicidade.

Vendo que todos ainda dormiam, Renato empurrou a porta da sala, que Corrinha deixara entreaberta e penetrou silenciosamente no recinto.

“Que conversa mais demorada, hein, Renato?”

A voz da mãe soou rancorosa pela sala. Estava ela sentada numa cadeira da sala escura, esperando insone pelo filho.

Renato estremeceu, arrepiando-se todo.

“Mamãe?”

A mulher se levantou, aproximou-se do rapaz, farejando-o como um cão. O rapaz não tinha o mesmo perfume com que saíra de casa. Para ela, ele cheirava a sexo, à perversão. Enojou-se e o empurrou bruscamente, depois entrou em seu quarto.

Renato sentiu um aperto no coração. Ficou imóvel no meio da sala por um longo minuto, depois entrou em seu quarto, onde se jogou sobre a cama, levando as mãos à cabeça, bombardeando-se de perguntas para as quais só a mãe tinha as respostas. E ele jamais ousaria perguntar nada.

Sua preocupação não durou muito, minguou ante as lembranças que trazia das horas que passara no estábulo.

A partir daquele dia, Júlia não era mais a mesma para com o filho. Tratava-o com rispidez, mal lhe dirigia o olhar. Armando, que não parava em casa, nem notara, mas Corrinha chegou a perceber, porém, preocupada com sua condição de “ex-donzela”, não deu importância ao fato.

Renato tentava o tempo todo recuperar o carinho da mãe, debalde. Não tiveram a coragem de conversar sobre o assunto. Ele ainda pensou em fazê-lo, planejou confessar à mãe seu amor

por Adriano, explicar-lhe que era um sentimento muito forte, que, apesar de serem do mesmo sexo, os dois se amavam e estavam muito felizes um com o outro. Ainda teve a vã e doce ilusão de que a mulher, tomada de amor materno, o ajudasse a encontrar-se com o namorado, protegendo-os dos olhos de Armando e de todos os outros.

“Ela é minha mãe, ela me ama, há de me querer ver feliz.” dizia só para si quando pensava no assunto. Por diversas vezes, encheu-se de coragem e aproximou-se para falar com ela, mas foi mal recebido em todas as tentativas.

Júlia passou a vigiar o comportamento do filho. Queria saber tudo o que ele fazia e o que pretendia fazer. Ocupava-o com pequenas tarefas de modo a não dar mais oportunidades de os dois rapazes se encontrarem sozinhos, mas apenas na presença de alguém. Passou a dizer que Armando dava muita folga ao filho do empregado, sugerindo ao marido que botasse o garoto para trabalhar mais.

“Que implicância é essa agora, mulher?” estranhou Armando. “O pobre do menino já trabalha tanto!”

Janeiro passava depressa. Para os quatro jovens da fazenda, as coisas não iam bem.

Adelina chorava pelos cantos o abandono de Antônio. Depois do momento em que ela se entregou para ele, o rapaz sumiu. A última vez que ela o vira havia sido no forró de virada do ano, com outra. Os pais da moça mostravam-se contentes com o acontecido, pois nunca aprovaram o relacionamento entre os dois.

Corrinha não conseguia superar os horrores da tarde em que fora abusada pelo padrinho. E cada dia, tendo que olhar para ele e lhe pedir a bênção como se nada houvesse acontecido, era para ela um suplício.

Nos primeiros quinze dias do ano, Adriano e Renato mal tiveram um instante a sós. E quando o tiveram, foram minutos exíguos em que trocaram apenas frases sem proveito. A natureza parecia ter-se unido a Júlia em sua luta contra os encontros dos rapazes. Choveu torrencialmente naquela quinzena, de sorte que houve dias em que os dois simplesmente não se viram. O período do plantio do feijão e do milho teve início e Adriano passou a acompanhar ainda mais o pai e uma dezena de peões contratados por Armando para semear os roçados. À noite, o rapaz jazia na rede, cansado. Chegou a dormir mais vezes no quartinho do estábulo, na esperança de que o amigo fosse visitá-lo. Renato chegou a vê-lo marchar em direção àquele lugar várias vezes e planejou ir lá às escondidas, mas a mãe era implacável. Estava sempre rondando a casa, depois que todos se deitavam para dormir. Dizia que havia perdido o sono, que a menopausa a estava pondo doida. Inventava de refrescar-se no alpendre e ali ficava até a madrugada.

Adriano já não se aguentava de saudade do amigo. Esperava-o até tarde e depois chorava baixinho. Quando o corpo ardia de excitação, onanizava-se solitário e, após derramar o sêmen, sentia um vazio imenso. O prazer que certa vez encontrara naturalmente ao brincar com o próprio corpo e que era o único que tinha na vida de repente perdera a graça sem a presença de Renato, sem as mãos deste a tocá-lo, sem seus beijos quentes e seus abraços apertados. Quando buscava o prazer sozinho, arrependia-se e vertia lágrimas de angústia por não ter o parceiro ali ao seu lado. Este tinha o mesmo comportamento. E culpava-se por não ter sido mais cuidadoso.

“Ainda bem que ela não falou nada para o papai.” dizia baixinho, tentando ver alguma qualidade na mãe, a quem passara a detestar.

Certa manhã de domingo, reuniram-se todos à beira do Sitiá, que havia pegado muita água, propiciando excelentes banhos ao sol. Armando e Lauro levaram cachaça e limão. Júlia e Mariinha prepararam baião-de-dois, assaram carne e fizeram farofa para comerem enquanto tomavam banho. Corrinha e Adelina deixaram de lado seus problemas e caíram na água. Ricardo e Catarina deixaram dona Carmélia aos cuidados de uma vizinha e se juntaram ao grupo. Titico brincava com outros meninos, filhos de moradores das redondezas, que, a convite de Armando, vieram para animar ainda mais o piquenique. Sob a sombra das árvores, espalharam-se as panelas, pratos e colheres. Estavam todos na barragem, que agora desaparecera sob uma barulhenta cachoeira.

Adriano e Renato, sempre sob os olhares de Júlia, conversavam sobre as pedras, um pouco afastados.

“Foi aqui que a gente, pela primeira vez...” lembrou Adriano, com saudade na voz.

“Mamãe tá tão estranha... Sempre olhando pra cá... Olha só! Não tira os olhos daqui.”

“Também notei. Ela tem me tratado mal que só!...”

Renato virou o rosto para o amigo. Seus olhos apertavam-se por trás dos óculos.

“Tu acha que ela sabe o que a gente faz?” perguntou Adriano, com os lábios vermelhos entreabertos.

“Só pode...” respondeu Renato. “Pra vir se comportando desse jeito... Só pode estar sabendo.”

E contou ao outro o episódio da madrugada do dia primeiro.

Adriano ouviu tudo calado. Deixou uma pausa alastrar-se, depois falou que a culpa era sua, por ter permitido que Renato adormecesse e assim não visse o tempo passar.

“Mas você também dormiu... Além do mais, pode ela nem ter dormido naquela noite, preocupada. Quando Corrinha entrou, ela deve ter ficado me esperando...” Renato soltou um sorriso seco. “Eu nem pensei nisso, nem passou pela cabeça que ela poderia estar acordada. Eu só pensava em fazer as pazes com você. Ela deve ter visto a gente conversando no terreiro, visto a gente indo para o estábulo... Agora taí, vigiando a gente.”

Ambos baixaram a cabeça. Estavam na mesma posição, com os braços enlaçando os joelhos. Depois de uma pausa, Renato comentou:

“E a gente não tá fazendo nada de errado... O que é que ela tem a ver com isso?” E olhando para o amigo: “Hein? O que é que ela tem a ver com isso?”

Adriano deu com os ombros, voltando a olhar para o riacho caudaloso.

“Tu, que sabe tanta coisa, pode me dizer por que todo o mundo acha que isso é errado?”

Renato soltou o ar dos pulmões num sopro impaciente.

“E não entendo isso, macho...” continuou Adriano, chamando o outro pelo vocativo com que todos os homens se tratavam. “Que é que tem demais?”

“É preconceito.”

“É o quê?”

Renato, sem tirar os olhos da água corrente, calou-se, sem paciência para explicações. Adriano ainda esperou algumas palavras antes de continuar a falar:

“Eu também achava que era errado... Mas agora não.”

“E por que não?”

O louro olhou o outro no fundo dos olhos.

“Porque eu não sinto o erro.” E acrescentou sorrindo: “Eu fico é feliz quando a gente faz.”

“Eu não aguento mais ficar sem você...” confessou Renato. “Antes, quando eu nem conhecia você, nem sentia falta de certas coisas... Mas, agora, chega até a doer!”

O estudante passou o olhar sobre as pernas do outro. Grossas, alvas, com pelos claros e curtos, pareciam um convite ao sexo. A bermuda preta realçava o apelo daquela pele ainda molhada e os pés descalços do camponês sobre a pedra punham Renato doido.

“Hoje você vai dormir no quartinho do estábulo?” perguntou Renato, baixando ainda mais a voz.

“Eu não... Tu não aparece mais por lá...”

“Hoje eu vou. Prometo. Pode ser lá pela madrugada, mas eu vou.”

Somente os dois ouviam as próprias vozes. O converseiro dos outros e o barulho da água caindo por cima da represa impediam Júlia de tomar conhecimento dos planos dos dois moços.

À noite, preparou-se um temporal. Assim que terminou de jantar, Adriano pegou sua rede, enrolou-a embaixo do braço e saiu para o quartinho do estábulo, levando em uma das mãos uma lamparina e, no coração, a confiança em que o amigo iria lhe fazer companhia.

Trovejou e relampejou diversas vezes e uma forte chuva desabou sobre a caatinga, pondo os moradores mais cedo para dormir.

“Vai passar a noite chovendo.” garantiu Armando, deitando-se na cama.

Júlia foi se deitar com ele, despreocupada, certa de que, sob aquele temporal, Renato não se atreveria a sair de casa.

Mas saiu.

Tão logo viu que todos dormiam, o rapaz fechou bem a porta do quarto, tirou toda a roupa do corpo e a pôs dentro de um saco

plástico; em seguida, abriu a janela e pulou completamente nu para o alpendre. O vento levava a chuva para dentro da casa, fazendo-o encolher-se de frio, com a pele toda arrepiada. Rápido, ele fechou a janela e pulou o parapeito, o saco plástico com as roupas ele pôs debaixo do braço e disparou correndo pelo terreiro enlameado rumo ao estábulo.

Adriano chorava, achando que ele não apareceria, que não sairia de casa sob a forte chuva, mas as pancadas na porta desmentiram-no, enchendo-o de alegria.

Rápido, o louro correu para abrir a porta. Um relâmpago iluminou por uma fração de segundo o corpo molhado e ofegante do amigo ao pé da porta.

“Tive medo de você não estar aqui!” disse Renato, encolhendo-se de frio, mas com um sorriso no rosto.

Adriano o abraçou, sentiu-o nu, frio e encharcado.

“Tu é doido!” exclamou, cobrindo-lhe de beijos o rosto molhado. Depois, tirou a própria camisa e a entregou para que o outro se enxugasse. Logo depois, cobriu-o com o lençol.

“Deita aqui na rede, que eu vou acender a lamparina.”

Naquela noite, não se entregaram de imediato às carícias como fizeram das outras vezes; ficaram abraçados sob o lençol grosso, e choraram muito sua condição de amantes clandestinos. Maldisseram-se da vida, do mundo, xingaram as pessoas, indignaram-se, encheram-se de raiva. Nem por um minuto afastaram os rostos um do outro, misturando as lágrimas. Depois, já aliviados, deram-se conta do tempo que perderam chorando. Seus corpos estavam quentes e clamavam por um orgasmo. Um não, vários. Amaram-se até o esperma lhes sair fino e minguado.

Como Armando previra, choveu, relampejou e trovejou a noite toda, diminuindo, mas não cessando, só na madrugada, quando

Renato, usando do mesmo estratagema – nem chegou a tirar a roupa de dentro do saco plástico! – correu, sob a chuva fina, de volta para casa.

11º CAPÍTULO

O dia amanheceu escuro, com o céu tomado de nuvens negras. De vez em quando, caía uma neblina fina quase horizontal devido à brisa da manhã.

Quando Renato ouviu a voz da mãe ecoar pela casa, chamou-a de seu quarto.

“O que é?” perguntou ela, entrando no vão onde o rapaz estava. Em outros tempos ela teria dito “O que é, meu filho?”

“Estou me queimando de febre...” sussurrou o moço, todo encolhido debaixo do lençol.

“Foi o banho no riacho ontem. Você passou mais tempo no sol do que na água. Vou fazer um chá...”

Renato ficou de cama o dia todo. Tossiu, tremeu o queixo, gemeu de frio e dores no corpo, mas, dizia consigo, faria tudo de novo.

Adriano ficou sabendo da febre do amigo e se sentiu culpado. À tardinha, depois que terminou a lida, foi visitá-lo, ignorando a antipatia que Júlia agora nutria por ele.

A mulher não lhe sorriu quando ele chegou perguntando por Renato, mas também não lhe negou o direito de visitá-lo.

“Está no quarto, deitado numa rede.”

“Posso falar com ele?”

Sem dizer nada, ela estendeu o braço em direção ao quarto e ficou na sala ao lado.

Renato abriu um sorriso largo ao ver o amigo de pé ao lado da rede.

“Foi...”

O estudante não deixou que ele continuasse, pondo o indicador sobre os lábios e apontando depois o polegar para a sala, onde

a mãe deveria estar escutando a conversa. Adriano entendeu o código e balançou a cabeça.

“Senta aí na cama, Adriano.” disse o garoto com febre.

O adolescente sentou-se, olhou para a porta e, não vendo sinal da dona da casa, pôs a mão sobre o braço do outro.

“Tá quente, macho!”

“É... E estou com frio...”

Renato puxou o lençol para se cobrir mais.

“Na quinta-feira da semana que vem irei à Fortaleza.”

Adriano baixou os olhos, triste. O outro se esqueceu da febre e ficou quase sentado.

“Vou levar você comigo.” disse.

O garoto iluminou-se num sorriso. Renato, à meia-voz, pediu que o amigo não comentasse nada, que fosse até embora, antes que a mãe viesse interromper-lhes a conversa. Adriano, mal cabendo em si, deixou o quarto e foi para casa, de onde só sairia no dia seguinte.

Oito dias depois, numa terça-feira de sol, Renato disse ao pai antes de este sair de casa:

“Papai, o senhor está lembrado de que depois de amanhã eu irei a Fortaleza para fazer o vestibular?”

“Tô, filho.”

“Eu posso levar o Adriano comigo?”

Armando surpreendeu-se com o pedido.

“O Adriano, filho? E ele quer ir?”

“Eu o convidei e ele ficou animado.”

O pai não deu importância ao assunto:

“Tá bom. Se ele quiser ir, pode ir.”

“Vai não!” Júlia surgiu atrás do filho. “O Adriano trabalha, Renato!”

Renato estremeceu.

Armando não quis prolongar a conversa. Montou-se num cavalo e saiu.

“Mas, mãe, são só cinco dias!” argumentou o garoto. “Eu volto na quarta-feira!”

“E você acha pouco? Pode se aquietar e tirar essa ideia da cabeça. Ora, onde já se viu?”

A mulher voltou para a cozinha, Renato foi atrás dela, tentando convencê-la. Disse que Adriano era o único amigo que ele tinha, que queria mostrar a cidade para ele, que Adriano não faria falta nos serviços da fazenda, que o pai lhe dera dinheiro para pagar a passagem do garoto... Mas a mãe foi inflexível: não, e pronto! Renato lhe pediu os motivos da recusa.

A mulher não respondeu, o que revoltou o filho.

“O pai deixou!” gritou ele, quase chorando.

“Mas eu não deixo!”

Renato nunca tinha visto a mãe gritar com ele dessa forma.

Ficaram se olhando como dois galos de briga. O adolescente, já vermelho, ainda insistiu:

“Mas, mãe! O que é que tem?”

“Eu não gosto desse grude entre vocês dois! É demais!”

“Mãe, eu mal tenho visto o Adriano!...”

A mulher deixou o filho sozinho no recinto e saiu para o quintal, chamando por Corrinha.

Renato esmurrou a mesa e correu para o quarto, onde se trancou e caiu sobre a cama, umedecendo o travesseiro com suas lágrimas de raiva. Horas depois, resolveu sair do recinto, com os olhos inchados e sem a menor vontade de ver a mãe. Esta estava sentada ao alpendre, apreciando o fim da tarde. O garoto, que nunca manifestara sinais de rebeldia ao longo de toda a sua adolescência, estava agora tomado de fúria. Ao ver Adriano guiando um jumento com duas tinas rumo ao riacho, pulou o

alpendre e correu para acompanhá-lo, deixando a mulher a olhá-los enraivecida.

Adriano, ouvindo o amigo aproximar-se, freou o jumento e ficou apreensivo. Renato surgiu-lhe muito agitado e esbaforido.

“Que foi, macho?” perguntou o adolescente camponês.

O outro engoliu um seco, tossiu e respondeu com voz embargada:

“A gente não vai mais viajar junto.”

Adriano baixou a cabeça. A mão que segurava o cabresto enlanguesceu e o animal deu um passo à frente.

“O papai não disse nada, mas ela ficou uma feral!” continuou o outro.

O garoto louro, sem levantar o rosto, remexeu com um dos pés as pedras do caminho.

O de cabelos pretos, cujos cachos balançavam com a brisa da tarde, sentiu sua revolta intensificar-se.

“Você nem sabe a raiva que eu sinto agora!” disse, entre os dentes.

Adriano, ainda cabisbaixo, resolveu seguir caminho. Ia buscar água no riacho para encher o tanque do banheiro. Fazia-o quase todas as tardes.

“Eu já tinha feito...” começou Renato, acompanhando o amigo, mas este o interrompeu, com a voz carregada de mágoa.

“É melhor tu voltar. Ela tá lá no alpendre olhando pra cá...”

O estudante sentiu um ardor no peito. Quis xingar o mundo, chutar o que via pela frente, mas conteve-se. O camponês saiu tangendo o jumento, tendo nos olhos uma nuvem de lágrimas. Nos últimos dias, alimentara o sonho de conhecer a capital, os prédios de muitos andares, as avenidas cheias de carros, a praia, o mar. Agora, tudo se acabara. Nunca vislumbrara a possibilidade de conhecer Fortaleza até o convite de Renato. Para que estivera

imaginando os passeios que faria com o amigo, o banho de mar, as carreiras pela areia da praia?

A rebeldia adolescente que nunca tomara Renato como seu representante agora se apoderara dele, conduzindo-o cego pelo caminho de volta para casa. Em vez de abrir o portão do alpendre para adentrar o vão, pulou o parapeito, deixando cair no piso a terra trazida nos chinelos.

“Se quiser ir tomar banho, o banheiro está desocupado.” informou a mãe.

Ele bateu a porta atrás de si e trancou-se novamente no quarto, dando passos apressados pelo cômodo e agitando nervoso os braços. Fora, em todos os anos de sua vida, o filho perfeito, que não reclamava de nada, que suportara viver longe dos pais, sem amigos, sem carinho, dedicado unicamente aos estudos, dando orgulho à família pelas notas, medalhas e certificados de melhor aluno da turma. Para quê? Para a mãe negar o primeiro pedido que ele fez em anos! Negar algo que ele tanto queria e que o faria imensamente feliz, como ele achava que merecia ser.

Como queria voltar no tempo e fazer tudo diferente! Depois de perambular pelo quarto, deitou-se, aflito, relembando o olhar de decepção no rosto de Adriano. Não queria jamais ter causado aquela dor no amigo. Sentiu medo de não ser perdoado. E sentiu raiva da mãe. Sentiu raiva do pai, por não ter lhe dado atenção, por ter saído sem dar a palavra final, a seu favor. Como gostaria de decepcioná-los agora! Desejou não passar no vestibular e sorriu com a possibilidade, já que não vinha revisando as matérias. A tarde escurecia lá fora, a última réstia atingia o alto da parede. Ele desejou fumar. Nunca pusera um cigarro na boca, nem mesmo essa ideia lhe ocorrera antes. A réstia na parede reproduzia o céu lá fora, com nuvens próximas do sol. Ele passaria com o cigarro aceso na boca e todos ficariam espantados. O

pequeno sol projetado na parede tocava agora lentamente a linha de madeira no teto. Não, cigarro não causaria impacto! Todos fumam! Que tal cachaça? As nuvenzinhas refletidas na parede subiam lentamente. Que fenômeno é mesmo esse em que o céu lá fora se reproduz em miniatura na parede através de um buraco nas telhas? O que a mãe diria se o encontrasse bêbado, deitado no alpendre? Preferiria essa imagem a saber que ele e Adriano se tratavam como duas criaturas enamoradas?

Sob a luz alaranjada do crepúsculo, Adriano, que já enchera as tinas com a água do pequeno Sitiá, resolvera demorar-se mais um pouco. Agachou-se, catou algumas pedrinhas a seus pés e as lançou uma a uma no regato, pensando em seu sonho adiado. Chegou a verter uma lágrima quando relembrou o modo como a patroa o vinha tratando. Depois sorriu quando pensou no amigo pedindo um beijo por ter ganhado a aposta. Com o olhar fixo na água corrente, levou o polegar ao lábio inferior e acariciou-o levemente, como a tentar captar a sensação daquele momento original. O jumento deu passos rumo à casa, tirando-o do transe.

Na tarde do dia seguinte, enquanto arrumava uma bolsa para a viagem a Fortaleza, Renato ouviu o pai no alpendre chamar Adriano e comunicar-lhe o seguinte:

“Amanhã, meu filho” – Armando às vezes tratava Adriano assim – “quero que você leve o Natinho até onde passa o carro para Quixadá.”

“Não precisa incomodar o rapaz com isso, não, homem!” opinou Júlia. “Vai tu mesmo.”

Armando a ignorou completamente.

“Amanhã lá pelas três horas da madrugada” continuou ele. “O pau-de-arara passa por essa hora. Podem ir no meu cavalo, viu?”

Adriano concordou balançando a cabeça e foi para casa.

Júlia quis dizer umas coisas, mas resolveu ficar calada.

Renato encheu o peito de felicidade.

No escuro da madrugada, os dois rapazes cavalgavam no mesmo animal pela estrada silenciosa. Logo que se afastaram da casa grande, Renato abraçou o amigo e assim ficou até chegarem ao ponto onde o carro passaria.

Não trocaram uma palavra durante todo o percurso. Quando atingiram o portão que ficava à margem da estrada principal, os dois desmontaram e agarraram-se muito.

“Você volta mesmo?” perguntou Adriano, apertando Renato contra o peito.

“Claro... Vou só fazer umas provas... Como eu lhe falei, são quatro dias de provas. Depois venho passar o resto das férias... Com você.”

O ronco do carro distante rasgando a madrugada já se ouvia dali de onde os dois estavam.

Renato contou o quanto insistiu com a mãe para que o deixasse levar Adriano para Fortaleza e ainda sugeriu, em tom de brincadeira, que o amigo fugisse e o acompanhasse na viagem. Adriano achou a ideia tentadora.

“Tu tinha coragem?”

“De quê?”

“De fugir mais eu?”

“Só se você não quisesse...”

Adriano não resistiu à vontade de apertá-lo junto a si. Lembrou-se da vez em que ouviu Renato dizer-lhe “Você é meu” e quis dizer o mesmo, mas foi tímido.

“Vou ficar doido que tu volte...” foi o que saiu ao pé do ouvido do outro.

Abraçaram-se e beijaram-se outras vezes até que o caminhão chegou.

Renato subiu no pau-de-arara e procurou um assento entre os passageiros, a maioria velhos e mulheres enroladas em panos grossos devido à frieza da madrugada. Adriano não tirou os olhos do veículo até ele se reduzir a duas luzes vermelhas que acabaram por desaparecer no escuro e deixar apenas um ronco ecoando no meio da mata.

Tomado de saudades, o moço ergueu a cabeça e procurou em voz alguma estrela no céu. Sentiu um aperto no peito, ainda derramou algumas lágrimas silenciosas antes de montar no cavalo e voltar para a fazenda. Em casa, tirou o resto da madrugada encolhendo-se de frio em sua rede, sem conseguir dormir, passando em memória os melhores momentos vividos com o amigo. De repente, uma ideia terrível lhe causou arrepios: e quando Renato, depois do resultado das provas, tivesse de retornar definitivamente para Fortaleza? Como suportaria os meses em que não se veriam? Ainda não parara para pensar no assunto e agora a consciência daquele fato inevitável trazia-lhe um pavor imenso.

Adriano espremeu o lençol entre as mãos e as pernas e apertou os olhos imaginando o horror em que sua vida se transformaria após o regresso de Renato para a capital. Recusava a ideia de ter que voltar a viver na solidão em que vivia antes, chegou a preferir a morte.

“Eu vou fugir mais ele...”

Repetiu essa frase baixinho, diversas vezes, na tentativa de afugentar os fantasmas que o assolavam e criar coragem para continuar vivendo.

Ao longo da estrada, abraçando-se ao próprio corpo, Renato pedia para que o tempo voasse e trouxesse o dia em que deveria estar de volta à casa dos pais. Para consolar-se, imaginou Adriano sentado ao lado dele, viajando junto com ele, como pensara e

como teria acontecido se não fosse a mãe. O pai, que era de quem ele tinha medo, concordara... “Seria tão bom! Eu ia mostrar o mar a ele... As lojas do centro... Nós dois na escada rolante!... E no cinema? Ah! Ele iria adorar o cinema!... Oh, mãe!... Por que a senhora fez isso comigo?”

Quando o pau-de-arara entrou no asfalto, quase vinte quilômetros depois, começou uma neblina fina que o vento levava cruelmente para cima dos passageiros. Dois rapazes apressaram-se em desenrolar a lona para proteger os que viajavam.

Mesmo debaixo do encerado, todos continuavam se encolhendo de frio. A escuridão e o movimento do carro causavam vertigem. Renato não via a hora de chegar a Quixadá e pegar o ônibus para Fortaleza.

“Você devia ter deixado o Adriano ir com o Renato, mulher!” comentou Armando, à mesa, na hora do almoço.

“Eu sei o que estou fazendo...”

O homem estranhou o comentário.

“Sabe o que está fazendo? Está querendo dizer o quê?”

Corrinha, que comia calada, olhou de soslaio para a madrinha, entendendo a insinuação. Armando mudou o semblante quando a ideia de um relacionamento mais íntimo entre os dois rapazes correu seus pensamentos.

“Ora!...” disse Júlia, sem olhá-lo nos olhos. “Mas tu não sabe como a tua irmã é nojenta pra receber visitas? O Renato iria era passar vexame com o Adriano lá naquela casa... Um rapaz que não sabe nem pegar num gafo!”

O marido viu sentido nas palavras da mulher e esqueceu a ideia que o assustara por alguns segundos.

Fazia uma noite quente em Fortaleza. Renato fechou a porta de seu quarto, apagou a lâmpada e abriu as venezianas, por onde entrava a luz amarela do poste na calçada, do outro lado do

muro. Deitado na cama, com as listras amarelas de luz em seu rosto, segurava o cartão que o tio fora pegar na universidade, com as informações sobre o candidato e sobre as provas, e ouvia baixinho uma música através de fones que ele enfiara no ouvido. A FM 93 passava um programa só de canções de amor e, naquele instante, soltava *Only You*, que fizera sucesso em décadas anteriores. Renato apertou o *walkman* com a mão esquerda e passou a direita pelo peito, cheio de saudades.

Only you can make all this world seems right...

No dia seguinte, deveria passar o dia estudando para o primeiro dia de prova. De repente, tudo perdeu o sentido. Para que se submeter a um vestibular, se não pretendia mais voltar a morar na capital? Não suportaria. Havia descoberto que sua felicidade estava na fazenda, muito distante dali.

Only you can make the darkness bright...

A menos que Adriano fosse morar com ele na cidade. Sorriu ao imaginar os dois dividindo a mesma casa, dormindo juntos todas as noites...

Only you

And you alone

Can thrill me like you do...

Sem deixar a voz sair para não incomodar os tios, cantarolou a canção. Mas antes que a música acabasse, ele viu todos os seus devaneios se dissiparem dando lugar a um turbilhão de medos. Todos os problemas que teria que enfrentar para ficar com Adriano se configuravam em sua mente. Em todas as situações, Adriano estava ao seu lado, firme, enfrentando a tudo e a todos.

When you hold my hand

I understand

The magic that you do...

“Para que pensar nessas coisas, com tantas outras para recordar?” Tratou de esquecer os maus pensamentos e recriar em sua mente o semblante de Adriano.

You're my dream come true...

“Lindo demais!” disse em voz alta e abriu o rosto num sorriso de felicidade.

Embora cansado, demorou a dormir. Era-lhe difícil sossegar com tão grande sentimento dentro do peito. Acordou várias vezes no meio da noite, quando os sonhos explodiam em sua mente fatigada. Numa dessas vezes, lembrou-se de separar seu jogo de xadrez, que prometera levar para jogar com o amigo, procurou-o em seu guarda-roupa e encontrou-o no fundo da gaveta. Sorriu ao imaginar que daria vida àquilo, que comprara meses atrás e guardara sem ter com quem jogar.

No dia seguinte, não conseguia concentrar-se ao revisar a matéria de matemática. Detestava fórmulas. Algumas horas sentado à mesa na sala de jantar, veio-lhe uma ideia que o enchera de coragem: havia de estudar e passar naquelas provas, para cursar uma faculdade, formar-se, ser um grande advogado e conquistar sua independência. Assim poderia levar Adriano para morar com ele. Até lá, haviam de ter paciência para suportar os longos meses sem se ver, durante longos anos, até o dia em que, finalmente, estariam livres para viver juntos. Toda a turbulência em sua cabeça adolescente cedera lugar a um pensamento amadurecido, a um projeto de vida.

Na sexta-feira, muito cedo, o tio foi deixá-lo na Faculdade de Direito, no Centro, para o primeiro dia de provas. A praça Clóvis Beviláqua estava repleta de candidatos. Faixas de vários colégios com frases de incentivo aos ex-alunos foram estendidas na madrugada. Grupos de adolescentes reuniam-se em diversos pontos à espera da abertura dos portões. Conhecidos

se cumprimentavam, abraçavam-se, desejavam-se boa sorte. Desconhecidos aproximavam-se, travavam conhecimento, comentavam suas origens escolares. Um ou outro, que já passara pela experiência da reprovação, perambulava apreensivo pela praça. Adultos misturavam-se entre os adolescentes, sentindo-se em desvantagem. O burburinho das conversas misturava-se com o barulho dos carros pela General Sampaio.

Tímido, Renato despediu-se do tio e ficou à margem da praça, conferindo o material necessário para a prova. Três ex-colegas de escola reconheceram-no e vieram falar com ele, com uma efusão que o garoto não soube retribuir. Comentaram sobre a pele do garoto, achando-o muito queimado de sol, porém com um brilho no olhar que eles nunca tinham visto antes. O jovem chegou a corar de timidez, negando que algo especial houvesse acontecido em sua vida, embora quisesse falar bem alto a razão de seu semblante de felicidade.

Já em sala, fazendo o exame, surpreendeu-se com o nível da prova. “Deus está do meu lado!” pensou, ao ler a quinta questão. Não obstante os dias em que ficara sem revisar os conteúdos, todos os anos dedicados aos estudos parecia terem valido a pena. Nunca apreciara matemática nem física, mas a prova não lhe estava pondo medo. Chegara a orgulhar-se de si mesmo. Ao concluir a marcação do cartão-resposta, dirigiu-se à mesa dos fiscais, chamando para si olhares de inveja e curiosidade.

No sertão, nos campos de Armando, sob um céu com muitos cúmulos que ocultavam o sol de vez em quando, Adriano, banhado de suor, seguia um rastro de covas que um peão a sua frente abria apressado e depositava nelas alguns grãos de feijão, cobrindo-os com o pé logo depois. Plantar feijão não era o serviço mais árduo que já fizera na vida, mas, naquela manhã, a tarefa pesava-lhe insuportável. Maior do que a dor nas costas devido

a caminhar com a cabeça baixa era o aperto no peito, causado por uma saudade voraz que ele jamais imaginara experimentar em seus dezessete anos de existência. Sem concentrar-se no que fazia, chegou a derramar em algumas das covas mais grãos do que o adequado. Ao chegar ao fim de uma linha plantada, avisou ao companheiro de plantio que iria ao mato, mas que voltaria logo. O pai, que o observava de longe, reprovou a atitude, balançando a cabeça.

Angustiado, o garoto enveredou-se pela mata de arbustos espinhosos, porém verdejantes. Queria sumir dali para nunca mais voltar. Afastando-se do plantio, chegou à sombra de uma timbaúba em cujo tronco recostou-se e entregou-se ao choro que vinha tentando segurar desde que amanheceu. Como doía a ausência do amigo! Mesmo a muitos metros dos companheiros de trabalho, temia que ouvissem seu choro e mordida o lábio inferior na tentativa de conter soluços mais altos. Deixou cair o chapéu de palha que Mariinha lhe dera para proteger-se do sol ao apoiar a cabeça no tronco rugoso, abraçando a árvore como a uma mãe. Os pássaros nos galhos calaram-se para ouvi-lo chorar. Uma nuvem mais vasta encobriu o sol, quebrando a claridade agressiva do sertão.

Enfim, chegara o último dia do vestibular.

Para Renato, os dias não foram tão longos quanto o foram para Adriano. Para o pré-universitário, o tempo parecia desacelerar ao longo das horas: as manhãs pareciam voar, as tardes eram tomadas de leituras, e as noites quase não passavam arrastando-se com o peso da saudade.

Já em pleno meio-dia da segunda-feira, após concluir a última prova, resolveu voltar para a casa dos tios. Se pudesse, voltaria imediatamente para a Barra do Sitiá. O ônibus que pegaria passou assim que ele chegou à parada, não deu para ele. Sabendo

que teria de esperar, deu passos pela calçada. O trânsito na General Sampaio o fez pensar na monotonia da fazenda. Nunca tinha se importado tanto com o barulho urbano. Seus olhos acompanharam o voo de pombos em direção às grandes caixas d'água. Na praça Clóvis Beviláqua, viu uma banca de produtos artesanais com belos pássaros de diversas espécies e cores. Lembrou-se instantaneamente dos pássaros de Adriano.

“Parece de verdade!” exclamou, admirado, enquanto acariciava um galo-campina sintético.

“Só falta cantar!” disse o homem da banca.

“Pássaro sem canção...” Renato olhou os objetos, penalizado. “Vou levar dois.”

Já da janela do ônibus, olhava o frenesi da cidade, as pessoas caminhando apressadas, acotovelando-se sem cumprimentar umas as outras, os automóveis parando aos semáforos, motoristas impacientes... A Cidade da Criança. Pensou como seria bom caminhar com Adriano pelo Centro, mostrar as lojas, a Catedral... Minutos depois, ao passar pela Beira-mar, fixou os olhos no verde-azulado das águas. Seu coração ficou apertado. Com uma tristeza tão profunda quanto o oceano, olhou para o horizonte, onde céu e mar encontravam-se e misturavam-se por trás de névoa cinzenta. Pudessem parar o ônibus para contemplar por mais tempo a paisagem, tendo a repentina sensação de que nunca mais tornaria a vê-la.

Com o olhar no horizonte também estava Adriano, exatamente naquele instante, enquanto esperava o almoço no alpendre do patrão. Espalhados pelo cimento frio, jaziam oito homens cansados do plantio na roça. Eram contratados por Armando para plantarem o feijão. Aproximando-se a hora do almoço, largaram a labuta e marcharam para o riacho, onde, despidos, tiraram o suor do corpo; em seguida, encaminharam-se para o

alpendre em cujo cimento frio refestelavam-se aguardando que Júlia os chamasse para a grande mesa na cozinha.

Adriano acompanhara-os em tudo. Tinha estado com eles no riacho e, ao vê-los nus, sentiu asco. Tinha a certeza de que jamais permitiria que outro homem o tocasse, exceto Renato. No alpendre, sentara-se no parapeito que ficava à sombra e, alheio às conversas que ele agora considerava tolas, observava o encontro do azul do céu com o verde das matas, e se lembrava do amigo.

Uma gargalhada escandalosa o retirou de seus pensamentos. Um dos homens havia dito uma brincadeira com outro, cutucando-o, e todos os outros riram, sendo que um deles superou os demais na risada, fazendo Adriano virar o rosto sério para ele. Viu a boca escancarada, cheia de cáries e espaços deixados por dentes perdidos. Passou a vista sobre todo o corpo do homem, suas pupilas se fecharam à visão da pele engelhada e enegrecida devido ao sol. Olhou para os outros, todos tinham a mesma aparência sofrida e certamente não se davam conta de que pareciam mais velhos do que o que realmente eram. Viu-se envelhecido como aqueles homens num futuro próximo, e sua alma ficou angustiada. Sentiu medo de Renato não mais voltar. Se voltasse, estaria disposto a fugir com ele. Iriam para um lugar bem distante onde pudessem viver juntos e felizes. Proporia isso a ele quando o reencontrasse. Não se acovardaria, proporia isso a ele sim, convicto de que daria certo.

Quando Júlia chamou a todos para sentarem-se à mesa, Adriano disse que levaria seu prato para casa.

“Come aqui mermo, menino!” falou o pai, acomodando-se num tamborete.

Júlia não insistiu, pediu que Corrinha fizesse o prato de Adriano, pois ele iria comer em casa.

Depois do almoço, o rapaz armou uma rede na sala e descansou um pouco, torcendo para que o tempo passasse logo.

Na tarde da quarta-feira, Adriano, que abandonara o serviço na roça sem que os outros vissem, chegou a casa, pegou sabonete, xampu e toalha e foi para o Sitiã tomar banho. O sol ardia na pele e a água do riacho corria morna.

Pouco depois, pegou a bicicleta velha do pai e meteu-se na estrada. Ninguém o viu atravessar o portão da entrada para a fazenda e descer a estrada pedregosa rumo à principal, onde esperaria passar o pau-de-arara no qual deveria vir Renato.

“A madrinha não vai pedir para buscarem o Natim na estrada, não?” perguntara Corrinha, pouco antes.

“Precisa, não...” disse a mulher. “Da última vez, ele veio sozinho. Pode vir sozinho agora também.”

“Mas da outra vez, ninguém sabia que ele ia vim...”

Júlia torceu o canto da boca e disse baixinho:

“Melhor seria se ficasse por lá...”

A afilhada olhou para um trecho da estrada que se erguia ao longe, quando subia um alto, enrugou a face vendo o sol brilhar intensamente sobre as matas e pensou em Renato caminhando com o rosto suado.

“Ainda bem que dessa vez ele não traz uma bolsa pesada...”

As tábuas do caminhão rangeram quando parou na estrada para Renato descer. O moço pulou com a bolsa na mão e foi pagar ao motorista, que mais uma vez recusou-lhe o dinheiro. Quando o carro saiu, Renato viu-se sozinho sob um sol escaldante. Deu um giro procurando por alguém e baixou a cabeça, ao perceber que teria de percorrer sozinho vários quilômetros a pé.

Abriu o portão pesado que dava acesso à estrada para sua casa e, quando pôs o arame de volta no mourão, Adriano surgiu na estrada, já com um sorriso estampado no rosto.

Renato inchou de alegria e sorriu largamente. O outro parou a bicicleta e, ofegante, chamou:

“Vem cá...”

Abraçaram-se sem olhar para os lados. Nem pensaram nisso. Segurava um o rosto do outro, saciando a sede de beijos.

“Pensei tanto em você” disse um.

“Eu também” disse o outro. “Quase morri...”

E deram-se a um abraço longo e tenaz.

“Eu tenho uma coisa pra te dizer.” declarou Adriano, segurando a cabeça do amigo, penetrando com os olhos as lentes dos óculos.

Renato ficou nervoso. Adriano estava sério.

“O que foi que houve?”

“Vamo fugir daqui.” disparou o louro. “Vamo fugir pra bem longe!”

O outro sorriu com a ideia.

“Eu tô falando sério!” disse Adriano, aflito. “Vamo fugir.”

“Agora?” o de cabelos negros ergueu as sobrancelhas.

“Não, agora não... Vamo combinar direito. Tu tem coragem de fugir mais eu?”

Renato não hesitou em balançar a cabeça e respondeu que sim.

“Eu também pensei nisso” acrescentou.

Pronto. Estava decidido. Fugiriam. A determinação que contagia os amantes apaixonados os havia pegado de jeito.

“Olha o que eu trouxe pra você!”

Renato abriu a bolsa, retirou um embrulho e o deu ao amigo. Este, curioso, rasgou o papel. Seu rosto iluminou-se num sorriso ao ver dois galos-campina de olhinhos arregalados, bicos fechados e cabeça vermelho-sangue. Do dorso cinza-escuro de cada réplica de pássaro saía uma corrente prateada com uma argola na ponta.

Adriano, admirado com a perfeição do artesanato, segurou as argolas e suspendeu os pássaros no ar, diante dos olhos claros.

“O homem da banca disse que só faltava cantar... Eu me lembrei de nós dois... Pássaros sem canção... Quando a gente se encontra no meio da mata, se sente livre, mas não pode cantar o amor que a gente tem aqui no peito.”

Renato ficou triste.

“Podem ouvir o canto da gente... E não gostar...” concluiu, com a voz carregada de dor.

Seguiu-se um breve instante de silêncio, até que Adriano disse que guardaria os pássaros para sempre, que manteria os dois sempre juntos. Depois, Renato montou na garupa da velha bicicleta e os dois pegaram a estrada em direção à fazenda.

A alguns metros da porteira, Adriano parou e sugeriu que o amigo fosse a pé, para não denunciar que os dois vieram juntos até ali. Renato concordou. Adriano deu uma longa volta rodeando o terreno até chegar à velha casa abandonada, donde seguiu a pé empurrando a bicicleta por um caminho apertado, cheio de mutucas que se lançavam ávidas em suas pernas grossas.

Em casa, repôs a bicicleta do pai no local onde a pegara e foi ao oitão com o presente de Renato. Olhou longamente os pássaros que mantinha nas gaiolas e se lembrou do diálogo que teve com o amigo sobre liberdade. De repente, compreendeu quão infelizes deveriam ser seus cativos alados. Comparou-se a eles, rememorando todos os momentos ruins por que passara, tendo que sufocar um sentimento maior do que ele próprio. As vezes em que quis gritar o seu amor para que todos ouvissem mas teve de calar, as vezes em que quis tocar seu amado e teve que se conter... As pernas coçavam devido às picadas de mutucas que teve de suportar simplesmente porque não poderia ser visto chegando com Renato. A falta de liberdade o fez verter sobre

os pássaros engaiolados um olhar diferente. Retirou todas as gaiolas dos pregos e levou-as ao chão; em seguida, abriu-as uma por uma liberando as aves que ele estimava desde muito tempo. Ao ver que elas não hesitaram em ganhar os ares, teve a certeza de que estava fazendo a coisa certa.

Depois, escolheu a gaiola mais bonita e guardou dentro dela os pássaros artificiais, presente de Renato. O par balançou silencioso suspenso pelas correntinhas prateadas, e o adolescente sorriu satisfeito, levando o adorno para enfeitar a parede da pequena sala.

Renato não foi recebido como fora da última vez em que chegou de férias. Corrinha não se animou com a presença do rapaz. Continuou varrendo a casa, pensativa. Júlia não foi ao encontro do filho, apenas se virou para ele ao ouvi-lo adentrar a casa.

“Bênção, mãe.”

“Deus te abençoe. Já veio?”

“Não era para vir?”

A mulher ignorou a pergunta.

“Veio a pé?”

“Foi. Acho que aqui em casa todo mundo sabia que eu viria hoje... Dava para alguém ter ido me buscar.”

“Tá todo mundo ocupado hoje.”

Renato ainda esperou algum gesto de carinho, mas, diante da frieza da mãe, resolveu ir para o quarto guardar as coisas e descansar da viagem. “Ela nem perguntou como foram as provas!”

12º CAPÍTULO

Fazia alguns dias que não chovia no sertão; as matas, porém, estavam verdejantes, cheias de viço. Mais algumas chuvas e os pequenos açudes transbordariam. As tardes eram sempre quentes, com muitos cúmulos e pouco vento. O terreiro de Armando se revestira com uma gramínea que brilhava ao sol vespertino. De longe, a relva sobre os campos abertos parecia um grande tapete verde cobrindo a terra.

Fevereiro já estava quase no meio quando Adelina passou a apresentar sintomas de gravidez. Sentia gasturas e enjoos, mas escondia da mãe as sensações, para não lhe despertar desconfiança. Quando notou o atraso em sua menstruação e os sintomas começaram a aparecer, a moça logo deduziu que engravidara no encontro que tivera com o então namorado Antônio, no riacho. A ideia de estar grávida a punha em pânico. Os pais ficariam furiosos, principalmente porque a filha não tinha mais namorado. E, mesmo que ainda o tivesse, tratava-se de um negro a quem o racismo obrigava a detestar. Ter um filho e permanecer solteira era, por aquelas bandas e naqueles tempos, o mesmo que perder completamente o valor ante as pessoas, era condenar-se a ficar solteira, e ser solteira era ser uma fracassada na vida. Alguém que não havia sido competente o suficiente em arranjar um companheiro para com ele constituir uma família dentro dos modelos tradicionais e era alguém que ficaria o resto da vida à margem na sociedade. Adelina sabia disso. Podia ser uma semianalfabeta, imatura diante de um monte de coisas, mas sabia o que aquela gravidez poderia fazer com sua vida, pois crescera vendo demonstrações da intolerância social em toda parte, e, no fundo, concordava que deveria ser assim. Exatamente

por isso é que estava desesperada. Se conseguisse enxergar as coisas e julgá-las de uma forma diferente, talvez tivesse coragem para enfrentar o que viria pela frente, fosse o que fosse. Havia sido ousada para entregar-se a um homem antes de casar-se com ele, embora tivesse crescido ouvindo a mãe dizer que isso era errado, todavia sua ousadia agora se lhe revelava muito mais como uma fraqueza diante dos apelos da carne do que como uma visão não convencional acerca do mundo ou uma compreensão diferente do comportamento da mulher na sociedade.

Mariinha notou que a filha agora vivia triste pelos cantos, mas achou que era porque a moça não se conformava de ter sido abandonada pelo namorado. Não tendo mais que ficar vigiando o casal à noite, poderia agora acompanhar o marido no alpendre dos patrões.

Numa daquelas noites em que dona Carmélia apareceu com Ricardo, Catarina e Titico para conversar na casa de Armando, ouviu-se uma história terrível contada pela velha. O alpendre estava cheio. Lauro, que sempre preferia o parapeito, havia dispensado o tamborete que lhe puseram junto a Mariinha; esta se sentou próximo ao marido; Adelina dividia uma rede com Corrinha, que também andava tristonha naqueles dias; Adriano, por causa de Júlia, foi sentar-se próximo dos pais e bem distante de Renato, que armou uma rede para si, um pouco afastado dos demais. Sentados em semicírculo no meio do alpendre estavam dona Carmélia, Armando, Júlia, Ricardo e Catarina. Titico alternava entre o sentar-se sobre as pernas da irmã e ficar dando voltas em silêncio pelo alpendre.

A lua estava tão clara que a lamparina fora dispensada.

“Agora tu tem andado mais aqui à noite, não é, Mariinha?” comentou Catarina.

“É mesmo” concordou Júlia. “Não tem mais que ficar vigiando a Adelina namorar, não é?”

Corrinha cutucou a amiga na rede, para que ela ficasse atenta à conversa. Ao vê-las tão unidas, Renato refletiu sobre o modo como os homens foram educados. Admitia-se, com total naturalidade, que duas moças andassem unidas, de braços dados até, e que se deitassem juntas, na mesma rede... Que dançassem o forró como um casal, à vista de todos! Sobre as duas, ninguém haveria de pensar nada a não ser que eram duas grandes amigas. Só quando uma menina apresentava um comportamento agressivo, um temperamento arreado e gestos masculinizados, em vez da delicadeza tão típica do ser feminino, era que se cogitava sobre safismo. O espectro da sodomia, entretanto, estava sempre a circundar os meninos, policiando seus comportamentos, aterrorizando-lhe o espírito, pondo-os sempre na obrigação incessante de estar, nos mínimos gestos, demonstrando, provando sua virilidade, sua condição de macho. Por medo de sucumbir ao fantasma do uranismo, os meninos deixavam de demonstrar carinho para com seus companheiros, sendo geralmente agressivos com eles, como se fossem sempre inimigos em potencial. Até mesmo as relações entre dois irmãos homens ou entre um pai e seu filho eram marcadas por esse comportamento agressivo. Armando, por exemplo, abandonara o carinho para com seus filhos quando estes aprenderam a falar. Não havia mais beijos tenros nem abraços entre eles. Renato nem mais se lembrava de quando fora a última vez em que o pai o pôs para sentar em suas pernas e o abraçou com ternura. Somente quando o homem o tratava por “meu filho” é que o rapaz sentia o carinho paterno.

Agora, porém, até o carinho da mãe ele sentia ter perdido.

Adriano, com uma perna estendida ao longo do parapeito e a outra dobrada para que ele apoiasse as mãos entrelaçadas, não tirava os olhos da rede em que o amigo jazia, a não ser para olhar para as poucas estrelas no céu toda vez que seu pensamento divagava. Desejava não estar ali, ouvindo aquelas pessoas, aqueles assuntos. E, vendo passar as horas sem poder aproveitá-las ao lado de Renato, sentia um desespero a pô-lo doido. Lembrou-se da conversa que teve com o outro havia poucos dias, em que, quando repetiu a ideia da fuga, o citadino veio com outros planos: sendo aprovado no vestibular para Direito, voltaria a morar em Fortaleza, com os tios; depois, procuraria um emprego, alugaria um apartamento ou uma casa e levaria Adriano para morar com ele. Certamente, aí se daria a fuga, pois todos se oporiam à decisão. Até então, haveriam de contentar-se com as temporadas de férias de Renato na fazenda. Estavam ficando adultos, deveriam pensar com tais, disseram-lhe o amigo, tentando confortá-lo e confortar a si mesmo.

A mãe, Mariinha, exclamou, referindo-se ao fim do namoro da filha com Antônio:

“Graças a Deus! Eu não gostava nada daquele sujeito! Olha, ainda bem que a Adelina foi pr’aquele forró na Barra e viu com seus próprios olhos o nego com outra! Senão, se contassem a ela, ela não acreditava!”

“Aquilo é um vagabundo!” desabafou Lauro.

“Agora ela veve choramingando pelos canto por causa dele...” continuou Mariinha.

“Ainda?!” admirou-se Ricardo.

“Ainda!” reafirmou Mariinha. “Mas eu já disse pra ela: ‘Antes só do que mal acompanhada!’”.

A velha Carmélia, balançando-se em uma cadeira, opinou:

“A mulher tem que saber se cuidar porque se não ela pode cair em desgraça... Tem caba que só quer se aproveitar da moça e depois vai embora.”

Adelina sentiu um arrepio na espinha. “Ela tá falando d’eu” pensou, “Parece até que sabe!”

“Quando era nova ainda,” continuou a velha, “conheci uma caboca que arranjou uma amizade com um caba que não valia nada. Ela era de família, filha duns criador de gado, e ele era um desmantelado que só queria saber de brincadeira. O negócio dele era dançar, beber cachaça, jogar baralho e seduzir as moça. A família dela não queria nem saber da amizade deles dois. Aí eles se encontrava escondido.”

“Vixe!” exclamou Ricardo. “E naquele tempo já tinha isso?”

“Ma!” soltou a velha. “Essas coisas sempre houve! Pois bem... Ele era muito formoso, bem parecido, seduziu a pobe da moça, perturbou tanto até ela aceitar tomar bãe mais ele no ri.”

“Mas olha!” exclamou Júlia.

“Essa véa é uma bruxa!” pensou Adelina, “Só pode é tar falando d’eu!”

“E ela foi tomar bãe mais ele?” perguntou Ricardo. “Ficou nua?”

Catarina deu um cutucão no marido, dizendo para ele não falar aquelas coisas na presença de criança.

“Foi sim.” disse dona Carmélia.

“Era doida mermo!” observou Lauro.

“Nua!” exclamou Armando.

Ao ouvir a voz do padrinho, Corrinha se encheu de nojo.

“Pois bem... Os dois tomaram bãe e ele buliu com ela.”

Renato quis rir da expressão, mas conteve-se, ficando o sorriso fechado no rosto por longo tempo.

Adelina relembrou o momento em que tudo aquilo aconteceu com ela. Uma estranha sensação invadiu-lhe a alma, misturando prazer com arrependimento.

“Ai a moça embuchou” prosseguiu dona Carmélia.

Adelina estremeceu.

“Tu tá com as mão tão fria!” observou Corrinha, em voz baixa, que Adelina fingiu não ouvir.

“...E quando percebeu, quase perdeu o juízo! Pois bem, o pai da moça era uma fera! Ela sabia que quando ele soubesse do acontecido, ia matar ela duma surra!”

À medida que a velha narrava a história, Adelina ia ficando cada vez mais nervosa, a ponto de ficar completamente muda.

“Ora!” exclamou Lauro. “E ele tava certo se desse uma pisa nela!”

Ouvindo a opinião do pai, Adriano olhou imediatamente para Renato, mas, na fraca luminosidade do luar, não conseguiu ler a tristeza que também lhe invadira a alma.

“Ê por isso que nós temos que fugir...” sussurrou o garoto, abafando a voz na rede.

Adelina sentiu as pernas tremerem e agradeceu a Deus por estar sentada numa rede, ou cairia no chão aos olhos de todos, denunciando seu “crime”.

“E o caba?” – perguntou Armando.

“O caba,” respondeu a velha, “quando ela foi contar pra ele que tinha ficado de bucho, ele não quis nem saber. Negou tudo!”

“Que cabra safado!” indignou-se Júlia.

“Ê assim mermo, dona Júlia!” disse Mariinha.

O menino Titico acompanhava com os olhos o voo dos vagalumes no terreio.

“Com pouco tempo depois, o caba foi-se embora da Barra e ninguém nunca mais viu. Pois bem, a pobe ficou desesperada. Antes que a barriga crescesse, ela resolveu botar a criança no mato.”

“Como assim?” perguntou Adriano, que até então não dissera nada.

“Abortar” disse Catarina. “Matar a criança.”

“Oh pecado medõe!” disse Lauro.

“É...” concordou Júlia.

“Pois bem,” continuou dona Carmélia, “a moça preparou um chá e...”

“Chá de quê?” perguntou Ricardo.

A velha deteve-se em nomes de ervas da caatinga que costumavam ser usadas em chás para provocarem aborto. Adelina reteve-os todos na memória. A ideia do aborto apresentou-se-lhe como a única solução para uma série de problemas que a atormentavam. Não quis mais saber o resto da história, chamou Corrinha para ir à cozinha beber água.

As duas jovens levantaram-se da rede e adentraram a sala escura, tateando as paredes. Adelina segurava o braço da amiga, porque esta conhecia a casa como a palma da mão, sendo assim capaz de caminhar por ela no escuro.

Sentindo a mão fria e trêmula da outra, Corrinha comentou:

“Que diabo é isso que tu tem, mulher? Tá tremendo que nem vara verde! E tá gelada!”

“A noite tá fria...” justificou Adelina.

A janela aberta da cozinha deixava ver o luar espalhado pelo quintal. Corrinha localizou a lamparina sobre a mesa, pegou a caixa de fósforos que estava ao lado e fez a luz amarelada irradiar-se pelo vão escuro, pondo sombras vacilantes nas paredes.

“Oh véa pra conversar besteira!” resmungou Adelina, quando levava à boca com a mão trêmula o copo de alumínio.

“Escuta, Adelina,” disse a outra, pegando mais água do pote, “já reparou que o Adriano e o Natim quase não estão se falando?”

“Ah é? Não tinha reparado, não.”

“É a madrinha que tá com besteira! Ela acha que os dois passam muito tempo junto.”

“E o que é que tem?”

“Ela tem medo do Natim virar...”

Corrinha nem precisou continuar para que a amiga entendesse a mensagem e se exaltasse.

“Ela é doida de pensar uma coisa dessas? O meu irmão é macho! Ele e o seu Renato são amigos... O Adriano não tem amigo por aqui! Só o seu Renato.”

A outra, após uma pausa, perguntou em tom de segredo:

“O Adriano já namorou alguma vez na vida?”

“Que eu saiba, não.” respondeu Adelina. “Pelo menos eu nunca vi... Mas isso é porque ele é muito acanhado.” Aproximando-se da amiga, acrescentou com a voz mais baixa ainda: “Eu acho que ele ainda nem sabe o que é mulher.”

Corrinha arregalou os olhos e as duas deram uma risada abafada com as palmas das mãos.

“Tão bonito...” suspirou Corrinha, após parar de rir.

Adelina voltou a estampar no rosto um ar de preocupação.

“Ah, mulher... Eu tô tão preocupada!” confessou.

“Com o quê?”

“Com umas coisa aí... Mas deixa pra lá.”

Corrinha imitou a outra no semblante.

“Eu também...” disse. “Eu também...”

As duas ficaram a olhar os copos de alumínio vazios sobre a mesa, caladas, pensativas.

“Corrinha, tu sabe que eu te considero uma grande amiga, não sabe?” perguntou Adelina, olhando com seriedade no rosto

da outra, que confirmou balançando a cabeça. “Tu é quase uma irmã pra mim.”

Corrinha, prevendo que a outra lhe contaria um segredo, puxou a cadeira e sentou-se. Adelina fez o mesmo e, nervosa, começou a pedir o mais absoluto sigilo sobre o que revelaria, que a amiga jurasse por tudo o que fosse de sagrado que jamais contaria uma palavra sequer sobre o assunto a ninguém. Após todas as juras de Corrinha, Adelina lhe confessou:

“Não sou mais moça.”

A amiga teve um choque. Por pouco não lhe retribuiu a mesma frase.

“E, olha: eu acho que tô de bucho.” continuou Adelina, quase ao ouvido de Corrinha. Esta deixou cair o queixo. Pareceu mais perplexa do que o natural. Quis saber detalhes. Adelina os narrou sem demora e sem economia.

No alpendre, a velha Carmélia já estava concluindo sua história. Contara que os chás abortivos não surtiram efeito e que a moça conseguiu, à custa de muita roupa apertada, esconder a gravidez até o nascimento da criança.

“Quando ela sentiu que a criança ia nascer, se afastou-se para a beira do ri e teve o menino sozinha.”

“E ninguém notou nada?” quis saber Mariinha.

“Não... Era de manhãzinha... Ela saiu de casa com uma trouxa bem grande, dizendo à mãe que ia lavar roupa. Tava se vendo de dor, e foi para a beira do ri, num lugar bem afastado. E lá teve o menino.”

“Ah pestel!” exclamou Júlia.

“E deixou o bichim lá, não foi?” concluiu Ricardo.

“Não... Quer dizer... Ela jogou o menino dentro de um poço que tinha na beira do ri.”

Armando se admirou:

“E por que não jogou logo no ri?”

“Não sei... Talvez com medo da água levar o menino chorando e alguém ver. De manhã tem muita mulher lavando roupa, né? Uma delas podia ver a criança passando. Era mais miô jogar dentro do poço...”

“Ah coisa medonha!” Júlia estava indignada. “Como é que alguém tem coragem de jogar um filho recém-nascido dentro dum poço?”

“Ave Maria!” exclamou Mariinha, benzendo-se.

Passadas as frases de repúdio e de condenação, a velha continuou a história:

“Ela se limpou-se toda com os pano que ela tinha levado e depois voltou pra casa, como se nada tivesse acontecido.”

“Escuta aqui uma coisa, dona Carmélia.” disse Ricardo. “E a mãe dessa moça não estranhou ela voltar sem as roupa que tinha levado pra lavar?”

“Meu irmão pensa que essa história é verdade!” pensou Renato, batendo o pé na parede para dar movimento à rede.

“Ora, menino!” disse a velha. “Ela lavou os pano e levou tudo de volta. Pois bem, o tempo passou e depois de muitos ano os pescador começaram a dizer que, toda vez que iam pescar de noite no ri, eles ouvia um choro de menino vindo do poço.”

As mulheres se arrepiaram.

“Pois bem...” continuou dona Carmélia. “Toda a Barra comentava sobre o choro de criança que saía do poço. Todo o mundo queria ir ao poço para ouvir a criança chorar. Até que chamaram um pade para benzer o local. Era um dia de domingo. Quando o pade ia começar a celebrar a missa, os pescador chegaram e chamaram ele para ir até o poço porque o choro não havia parado desde a noite passada.”

“Nossa!” exclamou Catarina.

“E o padre foi?” interessou-se Armando.

“Foi.” afirmou a velha. “E uma multidão foi mais ele. Até a mãe da criança. Todo mundo ouvia o choro de menino. Todo mundo pôde ver que aquele choro vinha do poço na beira do ri.”

Uma estrela cadente riscou o céu, mas somente Adriano a viu. Imediatamente, virou o rosto para Renato, quis ir lá comentar sobre o fenômeno, pedir-lhe uma explicação, mas não teve coragem de passar entre os demais. Júlia lançar-lhe-ia um olhar fulminante.

Dona Carmélia prosseguiu:

“Quando o pade começou a rezar, fazendo o sinal da cruz em riba do poço, subiu uma serpente.”

Olhos e bocas arreganharam-se.

“Todo o mundo gritou, mas o pade pediu calma, dizendo que a serpente não ia fazer mal a ninguém. Ela só estava procurando a mãe dela.”

“Ave Maria!” exclamou Mariinha.

“Aí a serpente, toda preta, grande, lisa, saiu se arrastando em busca da moça que tinha jogado seu filho no poço. A moça... Moça, não, que ela já não era mais moça!... A caboca ficou parada, enquanto a cobra se enroscava nela e botava a boca no peito dela, por dentro do vestido, pra mamar.”

Júlia, Catarina e Mariinha se contorceram de nojo. Armando, Ricardo e Lauro soltarão balbucios admirados. O menino Titico deitou a cabeça sobre as pernas da irmã. Dona Carmélia continuou:

“A serpente chupou todo o leite da mulher e ela caiu seca no chão. Aí a cobra foi s’imbora e nunca mais ninguém ouviu seu choro.”

Passados os comentários de admiração sobre o “fato”, Ricardo, para irritar a sogra, perguntou:

“E a senhora tava lá quando tudo isso aconteceu? Viu a mulher cair seca no chão?”

“Vi... Todo o mundo viu! Pode perguntar a esses mais véi, que eles tudo vão contar essa história!”

“Eu acredito!” disse Lauro.

“Eu acho que a minha mãe já contou essa história uma vez...” disse Mariinha.

“É castigo!” disse Júlia. “O castigo de Deus nunca falha.”

Adriano teve a impressão de que Júlia dissera sua frase para que ele a escutasse, como uma ameaça ou uma advertência.

Ainda se seguiram várias frases sobre o tema até que retornaram da cozinha Corrinha e Adelina. Esta se sentia aliviada por ter desabafado com alguém, mas não tirava da mente a ideia de abortar, principalmente porque a amiga, também atormentada, não lhe soubera dizer nenhuma palavra de coragem, ao contrário, admitia que não havia outra solução para o caso.

“Vam’bora!” disse Lauro, pondo-se de pé.

“Tá cedo” disse Júlia, por educação. Já estava tarde e ela gostaria de dormir.

Adriano, inconformado por ter passado horas tão próximo de Renato e, no entanto, não ter tido a oportunidade de sequestrar e dirigir a palavra, pulou do parapeito para o terreiro, sem falar com ninguém, afastando-se alguns metros da casa e chutando cabisbaixo as pedrinhas que a lua cobria de luz prateada.

Renato, vendo que a família do amigo se preparava para ir embora, pôs-se de pé e, não obstante o que pensaria a mãe, pulou o parapeito e foi ter com o rapaz no meio do terreiro.

“Você vai hoje lá no quartinho?” perguntou Adriano, aproximando-se do outro garoto.

“Vou... Hoje eu vou...”

Desde que Renato voltara de Fortaleza que os adolescentes tiveram poucos encontros amorosos. O xadrez que o garoto trouxera com tanto entusiasmo ainda não tivera a oportunidade ser usado. O trabalho na roça intensificara-se, mal sobrando tempo para que os jovens se vissem. Quando lhes surgia uma oportunidade, vinha com a necessidade de pressa, mal dava para aplacar os desejos. Um incidente ocorrido num desses encontros pôs medo nos rapazes: agarravam-se sob a copa frondosa de uma mangueira; à vontade, gostavam de conhecer as reações um do outro diante de uma carícia nova e descobrir novas formas de prazer, sempre guiados pelo desejo, seguindo a vontade que surgia com a visão da pele descoberta, com o cheiro do corpo, com a contração involuntária de algum músculo. Adriano, recostado aos grossos galhos, umedecia os lábios, totalmente entregue às carícias de Renato, que, notando que provocava gemidos no outro, lambuzava-lhe de saliva a pele do tórax, soprando-a entre uma lambida e outra, até morder os mamilos vermelhos e excitados. De chofre um grito de Lauro ecoou pela caatinga. O homem andava a poucos metros dos dois, à procura de uma cabra que fugira para o mato. Por pouco não os surpreendeu naqueles gestos lúbricos. Na ocasião, Adriano quase enlouqueceu de susto, e Renato, com uma agilidade inusitada, trepou na árvore e ali ficou até o perigo passar. Desde então passaram a ter mais cuidado com o local escolhido para os encontros; como consequência, passaram a se encontrar menos.

“Ontem eu te esperei... E tu não foi...”

Renato olhou para a mãe e a viu aproximar-se do parapeito. O vestido dela esvoaçou com a brisa da noite e as flores do tecido, vermelhas quando à luz do sol, destacavam-se negras ao luar.

“Mamãe ontem ficou perambulando pela casa... Parecia até que estava adivinhando.”

“E hoje?” Adriano tornou a perguntar. “Tu vai?”

“Vou... Pode esperar.” assegurou o outro, e aproximando um pouco mais o rosto: “Estou morrendo de saudade.”

Adriano encheu-se de alívio e felicidade ao ouvir a declaração. Seus lábios abriram-se e seus olhos miraram a sombra sob os pés.

“Vai ficar, menino?” perguntou Mariinha dirigindo-se ao filho, quando a família já descia a ladeira rumo a casa.

“Vamos, Renato!” chamou Júlia, incisivamente.

Os amigos ainda se olharam antes de se afastarem, mas nada disseram, certos de que se veriam dali a pouco, na calada da noite, depois que todos adormecessem.

Adriano apenas chegou a casa, enrolou a rede debaixo do braço, pegou a lamparina e saiu para o estábulo. A mãe ainda quis questionar a preferência do filho pelo novo dormitório, mas, assediada pelo sono, resolveu deixá-lo ir.

Meia hora depois, Renato, percebendo que todos dormiam, abriu a janela do quarto, com cuidado para que as dobradiças não rangessem, e pulou para o alpendre, com os pés descalços para evitar barulho. Pé ante pé, caminhou para o espaço dianteiro da casa, onde se curvou pondo os chinelos no chão. Já ia calçá-los quando a voz da mãe o fez estremecer de susto.

“Vai aonde, Renato?”

O rapaz ficou mudo, curvado, quase tocando os joelhos.

“Hein?” insistiu a mulher, de camisola, encolhendo-se de frio no meio da porta que dava acesso à sala.

“Eu... eu...”

“Anda! Volta pro teu quarto!”

Renato não viu alternativa, senão voltar para a cama. Inútil argumentar, nenhuma desculpa lhe ocorreu à mente. Caso não obedecesse à mãe, ela poderia, naquela noite mesmo, contar tudo ao marido.

“Se ela tinha dúvida”, pensou, “agora tem certeza! Deve ter percebido que combinávamos algo...”

Com o coração apertado, pulou a janela do quarto e, ao fechá-la, caiu de joelhos com o rosto banhado em lágrimas e as mãos abafando o pranto.

Adriano não cabia em si de ansiedade. A todo instante, ia à porta do quartinho do estábulo e olhava na direção da casa grande na esperança de ver o vulto do amigo caminhar sob o luar ao encontro dele. Com o passar dos minutos, sua esperança esvaeceu e uma angústia passou a torturá-lo impiedosamente.

Apertando as mãos até as unhas machucarem a carne, o moço deitou-se na rede e ficou olhando o pedaço de céu claro através da janela aberta. O luar deixava sobre os sacos de feno ao pé da parede uma mancha clara que iluminava fracamente o quarto, enchendo-o de tristeza. Próximo à linha do horizonte via-se cintilar ao sul uma estrela solitária cujo brilho se dissipou por trás da água que inundava os olhos esverdeados. Uma brisa fria soprou sobre o rosto de Adriano no momento em que uma lágrima deixou em sua boca o gosto ruim da espera frustrada.

13° CAPÍTULO

A manhã iniciou sob uma forte chuva, mas logo as nuvens se dissiparam e o sol brilhou forte sobre a mata molhada.

Logo que a chuva passou, Adelina saiu para o riacho para lavar algumas peças de roupa. Cumprida a tarefa, enveredou-se na mata à procura das ervas das quais dona Carmélia falara na noite passada. Encontrou-as com certa dificuldade, depois foi para casa aguardar o momento em que ficasse a sós para fazer a infusão.

Adriano, que só adormecera quando a madrugada chegava ao fim, acordou com um humor péssimo. O pai apenas esperou o fim da chuva para acordá-lo com fortes pancadas na porta do quarto do estábulo.

Do alpendre, Renato viu Lauro chamar o filho e depois se afastar apressado tomando o caminho da roça. Não esperou por mais e foi falar com o amigo, antes que ele saísse. Encontrou-o desarmando a rede.

Ao perceber a presença do outro, Adriano virou a cara, tácito.

“Eu não tive culpa...” Renato começou a justificar-se. “Ela me pegou quando eu já estava vindo para cá.”

O garoto permaneceu no silêncio, ignorando as palavras que ouvia. Renato repetiu o que houve acrescentando detalhes.

“Eu só vim dormir de madrugada, sabia?” disse Adriano, irritado.

O amigo o segurou pelo braço e o fez notar suas olheiras.

“E eu nem dormi!” exclamou, agitado.

Ficaram olhando-se por um instante até que Adriano largou a rede para abraçar o garoto diante dele.

“O resultado do vestibular já deve ter saído...” disse Renato. “Minha tia vai telefonar para uma parente de minha mãe em Quixadá e ela vai mandar um bilhete para cá pelo motorista do pau-de-arara.”

O louro afrouxou o abraço.

“Eu não vou aguentar ficar sozinho aqui, macho...”

“Vamos ter paciência...”

Adriano afastou-se aborrecido.

“Não dá, macho! É ruim demais!”

“Mas não há outro jeito, rapaz...”

“Há sim. Tu sabe que há!”

Adriano reaproximou-se e segurou a cabeça do outro com firmeza.

“Vamo fugir daqui, vamo?”

Renato quis baixar a cabeça, mas Adriano a segurava tenazmente.

“Fugir para onde? Viver de quê?” questionou.

O garoto louro encheu os olhos de lágrimas e emudeceu angustiado, enlanguescendo as mãos e virando o rosto para olhar pela janela. Viu tudo ficar mais escuro e ouviu um trovão estrondar no Leste.

Renato segurou firmemente os braços do outro.

“Tu disse que...” tentou Adriano, com voz trêmula.

“Eu queria que você me promettesse uma coisa.” interrompeu o outro, sério. “Que nunca você vai se entregar a outra pessoa, que vai esperar por mim...”

Adriano franziu o cenho, imaginando com asco a possibilidade de se envolver com outra pessoa e confirmando que jamais seria de outrem, senão dele. O de óculos, com o olhar mergulhado nas lágrimas de Adriano, reafirmou a promessa de que procuraria um emprego em Fortaleza, que moraria sozinho e que voltaria

para levá-lo para morar com ele. Pediu paciência e, depois de uma pausa, declarou:

“Eu amo você.”

Adriano nunca ouvira tal frase e nem sabia exatamente o que ela significava, mas seu coração se encheu de esperança e um sorriso repentino iluminou o seu rosto. Lá fora, uma neblina fina começava a cair e uma brisa fria invadiu o recinto.

“Acho que vai chover de novo... Não vai dar para ir trabalhar, não...” observou Adriano, olhando a chuva engrossar no terreiro.

Renato foi à porta do quarto, viu que não havia ninguém por perto, nem no alpendre de sua casa, e trancou-se ali com o amigo, agarrando-se com ele e rolando trôpegos pelas paredes, numa ânsia incontável de saciarem os apelos de seus corpos.

“Você é meu, só meu...” sussurrava o estudante, já tendo o outro com as calças abaixadas até os joelhos.

Depois de lançarem nas paredes as grandes porções de sêmen, abriram discretamente a janela do quartinho e molharam as mãos na chuva que agora diminuía.

Adelina esperou impacientemente a chuva passar e a mãe sair para a casa dos patrões. Vendo-se só, preparou a infusão que provocaria o aborto e a tomou em grandes goles. Passou a tarde sentindo contrações e dores no útero, as quais suportava calada, fazendo caretas quando ninguém a olhava e abraçando o próprio corpo. À tardinha, acreditando que iria morrer e julgando ter exagerado no chá, saiu discretamente para as matas – Ainda bem que não tá mais chovendo! – e, nem deu tempo chegar à beira do Sitiá, acorcorou-se, fez mil caretas, banharam-se de suor, até que sentiu o sangue escorrer. A moça gemia de dor enquanto sentia as entranhas arderem como se quisessem despregar-se do corpo e escorrer por entre as pernas. Quando a dor diminuiu, Adelina estava exangue e com o corpo gelado. Baixou a cabeça,

olhando por entre as pernas, e viu, no chão ensanguentado, um pedaço disforme de carne que pareceu mexer-se diante de seus olhos molhados.

Quase uma hora depois, a mãe a interpelou à porta da cozinha:

“Adonde era que tu tava, cristão?”

Adelina, fazendo uma careta, massageou a barriga e soltou um gemido baixo.

“Tô com dor de barriga.”

“Vixe! A menina chega tá amarela!” exclamou a mulher, apressando-se para fazer um chá de casca de laranja.

“Quero chá, não. Só quero me deitar.”

Cambaleante, Adelina foi para o quarto. Mariinha a seguiu e armou uma rede para a filha, onde esta descansou por toda a noite.

Outro dia amanheceu, mas ensolarado e com cheiro de terra molhada. O verde da relva que cobria os terreiros brilhava ao sol. A caatinga vicejava e fiapos de nuvens cobriam trechos do céu azul como um fino véu. Já eram quase dez horas quando, do alpendre, Renato observava Corrinha descer a ladeira em direção à casa de Lauro.

“Adelina? Tua mãe disse que tu tá adoentada...” disse a moça, entrando na casa em direção ao quarto onde a amiga jazia numa rede.

“É mulher...” disse Adelina, com voz fraca. “Mas já tô melhor.”

Corrinha pegou um tamborete na cozinha e o levou para o quarto, sentando-se junto à rede.

“Eu também não tô muito boa, não.

“Que é que tu tem?”

“Já vomitei foi muito hoje. Mas a madrinha nem sabe. Eu nem quero que ela saiba, senão vai ficar dizendo as coisa.”

Adelina achou estranha a informação, lembrou-se dos próprios mal-estares e pensou em perguntar se Corrinha não estaria grávida, mas esperou que a confissão surgisse espontaneamente. Não saiu.

“Tu já comeu alguma coisa hoje? Já merendou?”

Adelina respondeu que não, que não estava com vontade.

“Mulher, eu fiquei impressionadinha com a história que a madrinha contou...”

“Que história?”

“Sabe aquela história que a D. Carmélia tava contando naquela noite?”

“Da moça que ficou buchuda e abortou?”

“É... Mas ela não abortou, não. A madrinha contou o resto da história pra mim.”

Com os olhos arregalados e mexendo inquieta as mãos, Corrinha contou à amiga o restante da história. Falou do parto à beira do poço, dos choros de criança, da serpente que surgiu da água e foi enroscar-se no corpo da mãe. Exagerou tanto nos detalhes sobre a cobra que Adelina começou a estremeceu dentro da rede. De repente, disparou num choro profundo que assustou Corrinha.

“Valha, Adelina! O que foi?”

“Dor, mulher... É dor... Mas vai passar.”

“Vou chamar tua mãe.”

“Não!” Adelina parou de chorar. “Já tá passando... É porque eu sou fraca pra dor mesmo.”

Após enxugar as lágrimas e até soltar um riso tímido, Adelina pediu que Corrinha voltasse para casa, pois queria ficar sozinha.

“Passei a noite acordada e quero dormir.” Justificou. “Mas não conta nada pra mãe, não...”

“Nada de quê?”

“Que eu chorei... Senão, ela vem bater aqui.”

Corrinha balançou a cabeça prometendo não dizer nada a Mariinha, que estava na casa dos patrões ajudando Júlia com o almoço, e saiu.

Adelina mal esperou que a amiga pisasse no terreiro. Ainda trêmula, levantou-se da rede, calçou as chinelas e foi à mata. Queria voltar ao local onde abortara para enterrar aquele pedaço de carne que viu sob si, antes que ele virasse uma serpente e voltasse cobrando atenção, tal qual na história contada por Corrinha.

Renato estava de cócoras à beira do Sitiá, que, com as chuvas, adquirira força e agora fazia barulho pelas matas. O adolescente sentia um misto de tristeza e alegria. Um rapaz viera deixar uma carta da tia de Fortaleza, em que informava do resultado do vestibular da Universidade Federal do Ceará, tendo anexa a página do jornal em que a relação dos aprovados fora publicada. O nome de Renato configurava no alto da lista, na terceira colocação. O garoto já estava angustiado pela falta de notícias, achando que não tinha sido aprovado, embora a tia houvesse prometido que, independentemente do resultado, mandaria a informação. Naquele semestre, a universidade demorara a divulgar a relação dos aprovados. Ao saber do resultado, o garoto quis dar pulos de alegria e sair correndo pelo terreiro da fazenda, cheio de orgulho de si mesmo. Aquele seria o primeiro passo para sua vida independente ao lado do ser amado. A mãe, diante da notícia da aprovação do filho, emocionou-se, lacrimejou, quis abraçá-lo, mas ele, num momento de rebeldia adolescente, não lhe deu a oportunidade. Saiu para o alpendre com um sorriso radiante, mirando o próprio nome no jornal. O pai não estava em casa para cumprimentá-lo. Tinha de contar a Adriano. Correu para a casa do amigo e soube pela mãe deste que o garoto fora a uma bodega

na Barra do Sitiá, mas que não demoraria. Renato deixara o recado de que fosse encontrá-lo na beira do riacho, caso o louro não demorasse a voltar. Agachado diante da água barulhenta, pensava no regresso à capital dali a três dias. Precisava realizar a matrícula na faculdade e aguardar o início das aulas.

Quando seus olhos, através das finas lentes, avistaram a figura de Adriano aproximando-se, ele se pôs de pé e soltou um sorriso radiante. O outro também sorriu e apressou-se, quase correndo.

“Pensei que não viesse mais...” disse Renato, quando o amigo ficou a dois metros dele.

“Saí escondido... Mas acho que o pai me viu.”

O de óculos sorriu antes de dar a notícia:

“Passei no vestibular!”

Adriano ficou sem ação.

“Eu não lhe disse que passaria?” perguntou Renato.

“Foi.” disse o outro, meio desanimado.

“Ei! Não fique assim! Esse é o início de nossa vida juntos!”

“Será?” duvidou Adriano.

Renato aproximou-se dele, pondo a mão em seu rosto triste.

“Ei, rapaz! Confie em mim...”

Os dois adolescentes abraçaram-se.

“Tá bom. Eu confio.” Adriano sorriu. “Eu lhe prometi que não ia passar mais um dia sem lhe dar um beijo, e tô aqui.” acrescentou.

“Não vai me dar os parabéns, não?”

O louro esboçou um sorriso tímido.

“Meus parabéns. Tu é muito inteligente.”

“Vamos sair daqui” propôs o outro. “Vamos lá pr’aquele cantinho, vamos?”

O cantinho a que se referiam ficava a muitos metros dali, sob o juazeiro onde se beijaram pela primeira vez.

Tiraram as roupas e as puseram nas mãos para não as molhar na travessia do riacho. Sob a sombra do juazeiro, deixaram as vestes e se entregaram a um novo abraço.

“Foi aqui que tudo começou...” disse Renato, deitando a cabeça no ombro de Adriano.

“Eu fiquei tão nervoso naquele dia, macho...” sorriu o louro.

“Também fiquei... Muito nervoso.” O de cabelos negros acariciou com o polegar o mamilo do outro e sentiu a pulsação acelerada do coração dele e, sorrindo, confessou: “Eu nunca tinha beijado ninguém antes!”

O outro esticou o pescoço para um lado para poder olhar nos olhos do companheiro.

“Mas tu me disse que...”

“Pois é... Mas eu nunca tinha beijado mesmo... Nem sabia como fazia...”

A excitação de Adriano ficou mais intensa.

“Por que é que eu fico assim, macho? Olha...” disse, olhando para baixo. “Nunca tinha sentido isso por ninguém.”

Renato, também com o membro hirto, deslizou a mão pelo tórax nu do outro, causando-lhe cócegas e suores.

“Vamo tomar banho,” sugeriu Adriano. “Tô suado.”

Voltaram para a água, de mãos dadas, livres de qualquer censura. Caíram no riacho agarrados, rindo, um empurrando o outro.

Adelina chegou trêmula ao local do aborto e só encontrou a mancha de sangue na relva. Solto a pequena pá de lixo que levava consigo, agachou-se desesperada, quase pôs a mão no sangue para tatear o feto, quase gritou desesperada. Olhando bem, viu um traço vermelho se estender a partir da mancha de

sangue e desaparecer no mato. Imaginou uma cobrinha preta deslizando pela relva e se arrepiou toda. Girou em torno de si, pôs as mãos na cabeça. Os arbustos e as árvores pareciam brincar de roda em volta dela. Ouviu risos. Risos de homem. Arregalou os olhos, parou flexionando os joelhos e atentou os ouvidos para captar a direção dos risos. Desnorteada, pegou a pá e armou-se para atacar o inimigo que agora ria dela. Silenciosamente, caminhou na direção das risadas e elas cessaram.

“Vem cá...” chamou Renato, com um sorriso nos lábios. Adriano ficou sério e parou no meio do riacho, observando o amigo caminhar para fora d’água e deitar-se no chão, sobre uma pequena extensão de areia úmida onde só cabia uma pessoa; depois, excitado como nunca, andou até ele e parou com os pés ao lado de sua cabeça. O da cidade teve as pupilas dilatadas ao olhar o outro se colocar imponente com o céu azul atrás.

“Senta aqui...” disse, tocando os lábios.

O louro estremeceu com o pedido. Sem dizer nada, passou um pé por cima do corpo do outro, de modo que a cabeça deste ficasse entre seus pés.

“Senta aqui...” repetiu Renato, quase sussurrando, passando a língua por sobre os lábios vermelhos. Do chão, ele via a figura colossal de Adriano, que agora lhe parecia muito maior, solidificado como uma estátua que brilhava à luz do sol. Pela pele alva escorriam filetes do Sitiá. Sobre o rosto do de cabelos negros caíam gotas que pingavam do corpo do louro. O sexo hirtos latejava, suspenso no ar, enquanto descia lentamente tornando-se cada vez maior aos negros olhos de Renato.

Adriano fechou os olhos e deitou a cabeça para trás quando seus testículos encontraram os lábios de Renato, que gemeu ao toque. Depois que a pele escrotal acostumou-se às investidas da boca morna, o moço deitou os joelhos na terra e pôs-se a

movimentar sensualmente os quadris de modo a permitir que a língua atrevida do amigo tivesse acesso às suas regiões mais íntimas. Daí em diante, os gemidos dos dois moços se misturaram ao murmurar do riacho numa música alucinante que penetrou da forma mais cruel na mente frágil de Adelina.

A moça, que vinha se esgueirando por entre os arbustos, seguindo as vozes e risos que ouvia, deparou-se com a imagem dos dois adônis desnudos sobre a terra, entregues por completo à volúpia, executando movimentos cada vez mais frenéticos.

“Não aguento mais!...” anunciou Adriano, quase gritando.

“Levanta...” pediu Renato, apressado.

Adriano ficou de pé, com as pernas trêmulas. Renato levantou-se e, sem nem tirar a areia das costas e dos cabelos, pegou o outro pela cintura, convidando-o para a água. Deixaram que o riacho os cobrisse até a altura das coxas e puseram-se a se roçar um no outro, enquanto as bocas cobriam de beijos pescoços e ombros.

Um galho de jurema se interpunha entre os olhos curiosos de Adelina e os rostos dos dois rapazes, de modo que seus membros excitados se lhe mostravam sem pudor e evocavam em sua mente fraca e atormentada a figura da cobra que ela tentara encontrar e destruir. Seu queixo tremia de pavor e um zumbido incessante de cigarra começou a perturbá-la, embora nenhuma cigarra cantasse no momento. Desnorteada e sem fazer barulho, a moça tratou de sair dali, embrenhando-se na mata povoada de mutucas.

Desde que passaram a ter contatos mais íntimos, os dois adolescentes, inexperientes e apaixonados, percorriam juntos a estrada do prazer, sem nenhuma ideia do que fazer um com o corpo do outro. Queriam tocar-se, abraçar-se, beijar-se e fazer um no outro aquilo que estavam acostumados a praticar

sozinhos. Não tinham modelos a seguir, a imitar. Não assumiam papéis distintos, embora Renato fosse sempre menos desinibido e o primeiro a experimentar uma carícia nova. Apreciavam admirar como o corpo do outro reagia ao toque, sorriam com as contrações musculares involuntárias quando se tocavam nas zonas sensíveis, admiravam o arrepio se espalhar pela pele adolescente eriçando os poros... Se um deslizava os dedos sobre a pele alheia de modo a arrancar gemidos de prazer, o outro lhe retribuía a carícia depois, e esta se prolongava até tentarem algo novo. Acostumara-se um com as mãos do outro, ao ponto de um manipular o outro tão bem como se um fosse o próprio outro. A cada novo encontro, maior era a volúpia, mas sempre terminavam com as mãos lambuzadas pelo líquido do outro, numa ejaculação simultânea, que gostavam de ver como se fosse sempre a primeira vez, um espetáculo novo. Depois, como que saciados, esmoreciam juntos, felizes e sem culpa.

Naquele dia, abraçados no meio do riacho, com os fluidos escorrendo pelo corpo e pingando nas águas agitadas do Sitiá, Renato teve uma sensação ruim.

“Vixe!” exclamou Adriano, sentindo o corpo do amigo estremecer repentinamente junto ao seu. “Tá com frio?”

“Não...” murmurou Renato. “Senti uma coisa ruim agora...”

Agarrou-se ao amigo abraçando-o com força.

“Eu não quero perder você...” confessou.

Adriano o confortou retribuindo o abraço com a mesma energia.

“Tá ouvindo? Eu não quero perder você?” repetiu o citadino.

O camponês, com o rosto mergulhando entre o pescoço e o ombro de Renato e com a voz embargada, apenas balançou a cabeça.

Depois que ajudou a pôr a mesa do almoço para os homens que trabalhavam para Armando nos campos de feijão, Mariinha foi para casa e não encontrou Adelina. Do quintal e olhando para as matas, gritou o nome da moça diversas vezes, até que Adriano observou:

“A senhora não disse que ela estava com dor de barriga? Pois então! Deve estar pelos matos. E é claro que ela não vai responder, né, mãe?”

“Ora essa!”

Mas a moça tardou a voltar para casa. A mãe, preocupada, insistiu para que o filho, que jazia numa rede na sala, fosse com ela procurá-la na mata.

“Oh mãe!” reclamou Adriano, levantando-se.

Lauro roncava deitado no cimento frio da sala, fatigado da manhã.

Enquanto caminhava pelas sendas, Mariinha chamava insistentemente pela filha. Adriano, que seguia a mãe, espiava por entre as árvores enquanto se defendia das mutucas. De repente, os dois avistaram Adelina desmaiada no meio do caminho.

“Valha-me Deus!” gritou Mariinha, correndo para socorrer a filha. “Ela tá desacordada, Adriano. Teve um passamento.”

“Vamos levar pra casa.”

“Isso é fome. Não quis comer nada hoje!”

Adriano apanhou a irmã nos braços e caminhou de volta para casa, com a mãe falando sem parar atrás dele.

A moça só abriu os olhos quando foi posta na cama dos pais. Mariinha apressou-se abrindo a janela do quarto. Lauro, ouvindo o rebuliço, levantou-se e foi ao cômodo.

“Vai buscar água pra ela” disse para a mulher, que já ia fazê-lo.

Adelina, atônita, percorria com os olhos as paredes e as telhas do quarto. Parecia não reconhecer ninguém.

“Adelina, tu tá passando bem?” perguntava Adriano, segurando a irmã pela mão.

“Adelina, tu tá conhecendo a gente, minha filha?” afligia-se Lauro, abanando a moça com o chapéu.

“Ela tá toda ferroadada de mutuca, olha.”

Mariinha voltou e deu água à filha, molhando-lhe sem querer o pescoço.

“Ela tá merecendo um bãe” comentou, depois ordenou que Adriano enchesse dois baldes d’água para ela banhar a moça.

Lauro voltou para a sala, abriu a porta, olhou o céu, desejou que chovesse, pôs o chapéu na cabeça e subiu a ladeira em direção à casa do patrão.

Adriano, depois que preparou a água para o banho de Adelina, deixou a mãe sozinha com a filha e foi atrás do pai.

Após o banho, Adelina, que nada dizia, rejeitou o caldo de carne que a mãe lhe ofereceu. Mariinha armou uma rede no quarto onde a moça dormia e a deitou ali.

“Quer que eu deixe a janela aberta?” perguntou a mulher. Não obtendo resposta, não abriu a janela. Ainda ficou um bom tempo observando a moça, tentando entender o que estava acontecendo. Depois, resolveu voltar à cozinha e fazer as tarefas domésticas.

O zumbido de cigarra não deixava os ouvidos de Adelina. Com os olhos esbugalhados, ela vasculhava o teto, onde se projetavam as imagens confusas que sua mente ia buscar no passado. A voz da velha Carmélia ecoava poderosa narrando a história da moça que dera à luz uma serpente. A moça era ela, Adelina, e o namorado Antônio a acompanhava no parto. Ele estava nu e seu sexo era enorme, ereto, balançando diante do abdome. De repente, a moça julgou ter visto algo se movendo no teto escuro. Arregalou os olhos erguendo um pouco o pescoço para verificar o que era. Diante de seus olhos assustados, as ripas se

contorciam como cobras e logo o teto estava tomado de serpentes que deslizavam umas sobre as outras, vertiginosamente rápidas. As risadas e os gemidos que ouvira naquela manhã à beira do riacho sobrepuseram-se ao zumbido de cigarra e misturaram-se com os que ela própria soltara quando se entregou ao namorado naquele mesmo córrego. As cobras chiaram umas sobre as outras no telhado, afastando-se do centro onde surgia uma enorme mancha vermelha de sangue e um pedaço disforme de carne crescia e assumia o aspecto de uma cobra que se contorcia e vertia a cabeça para ela. Nesse instante, Adelina pôs-se sentada na rede, mas sem tirar os olhos do teto.

Da cozinha, a mãe ouviu os movimentos agitados da filha e foi até o quarto.

“O que é que tu tá olhando no telhado, mulher?” perguntou Mariinha, observando as telhas, que estavam tais quais sempre estiveram.

A moça nada respondeu, apenas ergueu o braço apontando para o alto.

“Deita, mulher” Mariinha a deitou novamente. “Tu ’tá fraca. Precisa descansar.”

Carinhosamente, a mãe cobriu a filha com o lençol e balançou a rede, como fazia quando Adelina era criança. Depois que notou que a moça se acalmara, voltou para a cozinha. Mas, sabendo-se sozinha de novo, Adelina abriu os olhos e ficou a mirar o teto.

Naquela tarde, fez-se muito calor e grandes cúmulos-nimbo ergueram-se ao nascente. Por conta disso, os homens largaram mais cedo o trabalho na roça. Sentado no alpendre, Renato observava Adriano e Lauro cruzarem o portão e aproximarem-se da casa. Júlia, que cosia uma camisa do marido, ficou a observar de soslaio a forma como o filho olhava o amigo aproximar-se:

“Hoje vai chover cedo.” comentou Lauro, assim que chegou ao alpendre.

“Vai.” confirmou a mulher.

Adriano pulou para dentro do alpendre e sorriu para Renato. Júlia lhe lançou um olhar fulminante devido à areia branca que ele trouxe nos pés e nos chinelos, sujando o piso. O rapaz, constrangido, baixou a cabeça. O amigo fez o mesmo. Corrinha surgiu à porta da sala, com o olhar carregado de preocupação. Trovejou. Lauro comentou que a chuva já vinha e chamou o filho para casa. Um vento forte varreu as matas e invadiu o alpendre, fazendo todos franzirem o cenho. De chofre, ouviu-se um grito agudo e medonho vindo da casa dos empregados. Todos virteram o rosto para o casebre e se assustaram quando viram Adelina pular, com a roupa em frangalhos, a janela de seu quarto e correr pelo terreiro descendo rumo ao riacho Sitiá. A mãe, desesperada, correu atrás dela chamando-a pelo nome. Júlia, Renato e Adriano ficaram de pé, assustados, erguendo a cabeça, tentando entender o que houve; em seguida, todos partiram em disparada em direção à casa.

Com uma impressionante rapidez, Adelina percorreu o caminho que levava ao rio e se jogou na água, que a arrastou por alguns metros até ela ficar presa entre as pedras.

Sem demora, Lauro e Adriano se atiraram no pequeno rio para resgatar a jovem, que não fazia outra coisa senão rasgar as próprias vestes e gritar “Sai! Sai! Sai!”.

Mariinha, à beira d’água, cobria o rosto escondendo o pranto incontrollável. Júlia chegava ofegante ao local ainda segurando a camisa do marido. Renato e Corrinha, pasmos, tapavam a boca, sem palavras.

Ao leste, um raio rasgou o céu cinzento pondo medo nos que estavam à beira d’água. Segundos depois, um forte trovão os fez encolher-se um pouco e levar as mãos à cabeça. Sob a neblina que começou a cair, Adelina se debatia entre o pai e o irmão

enquanto era arrastada para fora d'água. Resgatada a moça, todos voltaram sob a chuva atônitos com os gritos da louca e o choro da mãe desesperada.

14º CAPÍTULO

Renato, Júlia e Corrinha ainda se demoraram na casa dos empregados enquanto Lauro, Adriano e Mariinha tentavam controlar Adelina em seu acesso de loucura. Lá fora a chuva aumentava acompanhada de rajadas de vento, raios e trovões.

“Ela tá com um encosto.” afirmou Mariinha, chorando.

“Ê não, mulher.” discordou Júlia. “Isso é fraqueza. Ela tem se alimentado direito?”

Mariinha contou à patroa sobre o estado de saúde de Adelina nos últimos dias, e Júlia, chamando-a para mais próximo, perguntou em tom confidencial se a moça não estaria grávida. A outra deixou o queixo cair e arregalou os olhos.

“Meu Deus!” soltou Mariinha. “Como foi que eu não pensei nisso antes?”

Lauro não ouviu o diálogo, pois os gemidos de Adelina sobre a cama não permitiram, mas Corrinha escutou quando Júlia afirmou categórica que os mal-estares de Adelina só tinham uma explicação: gravidez. Enquanto as duas mulheres cochichavam sobre o caso, Corrinha foi-se afastando discretamente do quarto e, não obstante o temporal, voltou para casa, com as lágrimas se confundindo com a chuva.

Renato aproximou-se de Adriano, que lhe lançou um olhar de súplica.

“Ela enlouqueceu...” observou o louro, com a voz carregada de tristeza.

Renato pôs a mão no ombro dele e o apertou, confortando-o.

“Minha irmã ficou louca... Tu vai embora... Tá tudo ficando ruim...” lamentou-se Adriano, em voz baixa, que só Renato compreendeu. Compreendeu e não soube o que dizer. A mesma

tristeza que sentira naquela manhã, enquanto os dois estavam no riacho, sobreveio-lhe agora.

Para acalmar Adelina, Lauro não viu outra solução senão pedir à esposa dois pedaços de corda para amarrar as pernas e as mãos da jovem, que se debatia sobre a cama com tanta força que o homem já não suportava mais segurá-la.

Diante da ordem do marido, Mariinha caiu no choro.

“É o jeito, mulher!” gritou Lauro. “Se eu soltar, ela sai correndo de novo.”

Foi uma noite tenebrosa aquela. A chuva que iniciara à tarde se estendeu por horas, depois se tornou uma incessante neblina que atravessou a madrugada. Corrinha não conseguiu dormir e, por pouco, não entrou no mesmo estado de espírito da amiga. Renato rolou por horas insone sobre a cama, pensando na situação de Adriano, nos momentos que passaram juntos e no rumo que as coisas tomariam dali para frente. Seria seu último dia na casa dos pais. Sua estada na fazenda chegava ao fim e ele, querendo ou não, teria de voltar para Fortaleza, afastar-se de Adriano e seguir seus estudos.

Na casa de Lauro, ninguém conseguiu dormir com a inquietação de Adelina. A moça não parava de se agitar e de falar coisas sem sentido. A mãe tentou lhe dar comida, mas foi inútil. Amarrada sobre a cama, ela ria, chorava, chamava os pais, gritava assustada olhando para o chão e para as paredes, implorava que matassem a cobra que a atormentava... Seus gritos atravessavam a escuridão e não deixava que ninguém na casa grande dormisse.

“Ela tá com um encosto mesmo...” concluiu Armando, deitado ao lado da esposa. “Amanhã, é bom trazer uma rezadeira pra rezar nela.”

“Isso aí é medo e fraqueza.” opinou Júlia.

“Pois é. Quando a pessoa tá fraca, os caboco se aproveita e toma conta dela.”

O sábado começou frio, com o céu tomado de nuvens.

No início da manhã, Júlia foi à casa dos empregados saber notícia da moça que passara boa parte da noite inquieta e barulhenta, vindo a calar-se já na madrugada, vencida pelo sono. Renato, que não dormira bem, acompanhou a mãe. Armando, depois que voltou do curral, onde trocou umas palavras com Lauro, tomou café e foi para o quarto. De cima do guarda-roupa, retirou um revólver que ele colocava ali, descoberto. Caso precisasse, num momento de aperreio, bastava passar a mão por cima do móvel e pegar a arma. Sempre havia boatos de ladrões de gado pela região. Tinha aquela arma desde muitos anos; quando ia à Barra ou a qualquer lugar mais afastado de casa, ele a punha preso na cintura, pois, como tinha terras e gado, sentia-se mais seguro armado. Nunca chegou a usar aquele revólver contra alguém ou algum bicho, mas sempre mexia nele, cuidadosamente; puxava o cilindro e o esvaziava, e, depois de limpar os projéteis, colocava-os de volta, estendia o braço fazendo pontaria para um lugar qualquer e apertando um olho. Era sempre a mesma sequência de gestos. Naquela manhã, ele estava repondo as balas no cilindro quando notou a afilhada de pé à porta do quarto.

“O que foi?” perguntou ele, sem tirar os olhos da arma.

Desde o ato violento cometido contra a moça que os dois não trocavam uma palavra a sós.

“Tenho uma coisa pra dizer” declarou Corrinha, de braços cruzados.

“Pois diga.”

“Fiquei de barriga.”

Armando deixou a mão cair sobre a cama com o peso do revólver.

“Do senhor” continuou a moça.

“Tem certeza?”

Corrinha confirmou balançando a cabeça; depois falou dos enjoos, da menstruação atrasada e de outros sintomas.

“Foi em dezembro” lembrou ela. “Já é quase março.”

O homem terminou de guardar a última bala e, sem terminar a sequência de gestos que fazia sempre que mexia no revólver, pôs de volta a arma sobre o guarda-roupa. Nesse meio-tempo, já havia tido a ideia de levar a jovem a Ibicuitinga para fazer um aborto, mas como explicar à esposa que ele viajaria sozinho com Corrinha, se isso nunca ocorrera antes?

“Contou isso pra alguém?”

Ela fez “não” com a cabeça.

Sem dizer nenhuma palavra, sem nem mesmo olhar para a afilhada imóvel e angustiada, Armando saiu do quarto e, ao passar pela porta, sua volumosa barriga empurrou o corpo esguio de Corrinha, trazendo-lhe à lembrança a tarde em que aquele homem, com sua pele suada, deitou-se sobre ela. Agora, aquele quarto era o cenário de mais uma decepção: o padrinho desprezou o fato que a atormentara durante semanas. Sem forças para ficar de pé, a moça sentou-se na cama e derramou silenciosas lágrimas de desespero. Enquanto isso, Armando, no alpendre, observava as matas verdes e pensava no assunto. “*Esse filho não pode nascer*”, pensou, chegando a proferir a frase em voz baixa enquanto as mãos apertavam a viga do alpendre. O céu cinzento o fez franzir o sobrolho procurando uma ideia como se pudesse encontrá-la entre as nuvens. Seus pensamentos foram interrompidos quando dois rapazes, a alguns metros dali, apareceram caminhando em direção ao estábulo. Renato ia na

frente, um pouco apressado, e Adriano o seguia cabisbaixo. Ao chegarem ao estábulo, entraram no quarto e se abraçaram.

“Viu como tua mãe ficou olhando pra gente quando tu me chamou pra vir pra cá?”

Renato deu um estalo na língua e apertou o corpo do amigo, dizendo-lhe:

“Ela não está mais pegando tanto no meu pé porque está chegando o dia de eu ir embora mesmo...”

Adriano afastou-se do abraço.

“Eu não sei o que vai ser de mim...” disse, baixando os olhos. “Minha irmã daquele jeito... Meu amigo longe daqui... Só trabalho, trabalho, trabalho... Acho que não vou aguentar.”

Renato respirou profundamente. Nunca havia se sentido tão mal.

“Tu ouviu”, continuou o outro, “quando a mãe contou pra dona Júlia como foi que a Adelina passou a noite, né? Só gemendo, gritando, falando besteira... Às vez, cantava umas coisa sem sentido... Não deixou ninguém dormir. Eu acho que ela tá com um encosto.”

O outro quis falar, mas a dor que sentia diante da tristeza do amigo não o deixou.

“A vida da gente vai virar um inferno se ela não melhorar.”

“Não pense nisso.”

“E pra piorar, tu ainda vai embora, macho. Só tem mais um dia aqui...”

Renato puxou novamente Adriano para junto de si, mas este, sem dizer nada, afastou-se abruptamente, indo para um canto da parede.

“Vem cá,” insistiu o outro, reaproximando-se dele e tentando um novo abraço, no que foi novamente rejeitado. Desta vez, Adriano saiu às pressas do quarto para sentar-se sobre um pilar

próximo às tinas onde os cavalos comiam. Ali, enlaçou os joelhos com os braços, baixou a cabeça e entregou-se a um pranto quase silencioso, chegando a balançar-se devido aos soluços.

Os olhos de Renato encheram-se de lágrimas e uma dor no peito fê-lo arrepiar-se todo. Hesitante, ele deu passos em direção ao amigo, porém, ao tocá-lo no ombro, ouviu uma ordem ríspida:

“Sai. Me deixa queto!”

Sem esperar mais nada, o estudante deixou o lugar, subindo às pressas a ladeira de volta para casa. No alpendre, ainda encontrou o pai observando as matas.

“O que foi, meu filho?” perguntou Armando, quando o rapaz pisou no alpendre trazendo no rosto uma tristeza profunda.

O adolescente vinha prendendo o choro até aquele instante, mas, ao ouvir o vocativo que dificilmente ouvia do pai, fraquejou e emitiu um sonoro urro de dor, correndo imediatamente para o quarto, onde se trancou para chorar mais à vontade. Armando o seguiu.

“Renato? O que aconteceu?”

O garoto nada respondia, apenas soluçava debruçado sobre cama.

O pai ainda insistiu um pouco, mas, com a chegada da mulher, parou de bater na porta do filho.

“A menina não tem melhora!” disse Júlia, que voltava da casa de Lauro. Ao perceber que Armando batia na porta de Renato, assustou-se. “O que tá acontecendo aqui?”

“O Natinho chegou dali chorando e se trancou-se dentro do quarto,” respondeu Armando. Isso é bem porque já vai ter de voltar pra Fortaleza e ele não quer ir. Não é sempre assim?”

Júlia não perdeu tempo. Postou-se à porta do quarto do filho e ordenou que ele a abrisse.

“Deixa, mulher!” disse Armando. “Daqui a pouco ele sai daí.”

“Abra essa porta, Renato! Ora, homem! O Renato não é mais criança! Abra já essa porta!”

Tanto insistiu que o garoto, assustado, não suportou a pressão. Abriu a porta e exibiu o rosto vermelho e sério.

“Que besteira é essa agora?” foi logo perguntando a mãe.

“Eu não vou voltar mais pra Fortaleza.”

Armando e Júlia entreolharam-se imediatamente, dizendo os dois a um só tempo:

“O quê?”

“Eu não vou mais voltar pra Fortaleza. Não vou!” Renato olhou suplicante para o pai. “Pai, eu não gosto de lá! Eu quero ficar aqui, ajudando o senhor no...”

“Que doidiça é essa, rapaz? Ficou louco!” gritou Armando, interrompendo o rapaz.

“Eu nunca...” Renato quis prosseguir, mas foi novamente interrompido, desta vez pela mãe.

“Pare já de besteira! Você não sabe o que está dizendo!”

“Eu não vou mais voltar! Não vou! Não vou!”

“E vai fazer o quê, então?” perguntou o pai, já nervoso. “Aqui não tem nada para você.”

“Eu posso ajudar nos serviços da...”

Uma gargalhada ecoou na sala. Armando riu como ria com as anedotas contadas à noite no alpendre, sacudindo a imensa barriga. A mulher esboçou um sorriso irônico e balançou a cabeça, olhando para o filho, que quase caiu de vergonha e indignação. Corrinha, que escutava a conversa, olhou penalizada para Renato.

“Essa foi boa!” disse Armando, ainda rindo. “Tu ouviu, Júlia? Ele pensa em ficar aqui e trabalhar no pesado.”

Armando ainda se deu um tempo para terminar de rir, enquanto Júlia, séria, falou:

“Você não sabe fazer nada aqui.”

“Eu posso aprender.”

“Mas não vai aprender. Não vai aprender porque seu pai sempre fez o maior esforço para que você tivesse uma vida diferente da que seus irmãos tiveram! Você já se perguntou o quanto nós já gastamos com você para lhe dar a vida que você tem hoje?”

O rapaz baixou a cabeça. A pergunta da mãe envolveu seu coração como uma mão de pedra. Nunca imaginara que lhe cobrariam alguma coisa. Além do mais, ele não estava nem um pouco feliz com a vida que lhe foi dada. De chofre, todas as tristezas por viver longe de casa e toda a carência afetiva lhe vieram à mente. Sem coragem de olhar para nenhum dos dois, o garoto voltou para o quarto, donde ficou ouvindo o longo sermão que a mãe lhe pregava:

“Você sempre estudou em colégio particular, nunca lhe faltou nada. Seu pai sempre lhe mandou dinheiro para que você comprasse suas roupas, seus livros, tudo que você quisesse. Nenhum de seus irmãos teve tanta regalia! É ruim morar fora de casa, a gente sabe, mas tudo na vida só se consegue com sacrifício. Você agora passou no vestibular! Quantas pessoas não gostariam de conseguir passar num vestibular e não passam? Você vai estudar, vai ser advogado! Daqui a pouco vai arrumar um emprego, vai ganhar bem – e subindo a voz – vai arranjar uma mulher para casar, vai morar com ela, sair da casa dos tios. Seus filhos, assim como você, vão adorar passar as férias aqui!”

As lágrimas banharam o rosto do moço quando, em sua mente, ele se viu seguir à risca o destino que a mãe lhe traçava.

“Sua mãe tem razão, meu filho” Armando estava sério novamente. “E quando você estiver bem empregado, ganhando bem, com sua casa, sua mulher, seus filhos, seu carrão... Você um dia vai se lembrar de que quis trocar tudo isso por nada. Meu

Deus, que futuro você acha que vai ter se ficar por aqui? Pense naquele rapaz seu amigo, o Adriano.”

Renato sentiu um ardor no peito ao ouvir o nome do amigo. O que o pai iria dizer agora?

“Aquele menino deve ter a sua idade, não é Júlia? E olha a vida dele! Trabalha de sol a sol com o pai, não sabe talvez nem assinar o nome e não tem muita escolha na vida. Sempre vai ser esse trabalhadorzinho de roça, vai sempre ganhar pouco, viver mal...”

Sentado no chão, agarrado com as pernas, Renato tremia com as palavras do pai, que lhe dizia verdades que ele não gostaria jamais de ouvir.

“Você quer viver igual àquele rapaz, meu filho? Não, porque você tem uma família que apoia você e que deu a você a oportunidade de levar uma vida diferente. Eu sei que você não gosta de morar longe de casa, mas, é como sua mãe falou: tudo nada vida a gente só consegue com sacrifício. Essa sua tristeza por ter que voltar logo vai passar, você sabe, porque você já viveu isso outras vezes. Tudo bem, desta vez você se divertiu mais, arrumou esse amigo por aqui, eu entendo que você esteja mais desanimado para voltar pra Fortaleza. Mas, meu filho, lá você pode arrumar uns amigos também.”

Armando aproximou-se da porta do quarto, que Renato havia novamente trancado, e começou a aconselhar o filho a não levar os estudos tão a sério, reservar um tempo para se divertir, para passear, mas sem exageros para não atrapalhar os estudos. Falou por longos minutos até que o rapaz resolveu sair do quarto. Não estava mais chorando, mas seus olhos nunca estiveram tão vermelhos. Cabisbaixo, ele passou pela sala e desceu o alpendre sem nada dizer.

“Vai aonde, Renato?” perguntou a mãe, secamente.

“Deixa!” atalhou o pai. “Ele quer ficar sozinho. Vai pensar e vai ver que temos razão. Depois volta já sem essa ideia na cabeça.”

Armando sentou-se numa das cadeiras de balanço da sala e cruzou os braços sobre a volumosa barriga. Olhando seriamente para a mulher, perguntou-lhe:

“Oh, mulher, por que é que tu anda tratando nosso filho tão mal ultimamente?”

Júlia teve um susto. Passou a mão por trás da saia e se sentou para a conversa.

“Eu? Eu não trato ele mal, não.”

“Ora, antes só chamava ele de Natinho, e era cheia de dengo... Mas eu tenho reparado que tu mal fala com ele e, quando fala, é sempre com ignorância.

“É que ele às vezes dá desgosto à gente.”

“Desgosto?”

“Ah! Deixa pra lá.”

Um instante de silêncio se fez entre os dois, de olhos voltados para o chão.

“Ele está mais assim por causa do amigo, o Adriano...” comentou Armando. “Antes, quando ele vinha para cá, não tinha com quem conversar e agora arranjou esse amigo. É um menino bom aquele.”

“Eu não gosto da amizade desses dois, não.”

“Ora, que besteira é essa, mulher! Larga de ser ciumental! Nosso filho precisa ter os amigos dele! Não pode ficar o tempo todo na barra da tua saia, não.”

“Eu sei, mas... Olha, eu não ia falar não, mas agora eu vou falar.”

Corrinha, que havia se sentado à mesa da cozinha para catar o arroz do almoço, ouvia atentamente a conversa dos padrinhos.

Quando Júlia anunciou que falaria algo, a moça ergueu a cabeça e aguçou os ouvidos.

“Esses dois...” começou Júlia. “Ai! São amigos demais! Isso não é normal.”

“Ficou louca, mulher? O que é que tu tá querendo dizer?”

“Você nunca reparou, homem? O jeito como esses dois se tratam... É esquisito.”

“Ora! Que conversa é essa? Tu tá vendo coisa!” Armando fez uma pausa. Lembrou-se de que, havia pouco tempo, vira Renato e Adriano entrarem no estábulo e, depois de uns minutos, o filho sair de lá quase chorando. “O que é que tu tá sabendo que eu não sei, Júlia?”

“Eu acho que...” Júlia estava embaraçada com as palavras. “Bem, eu tô doida que segunda-feira já chegue para que o Renato vá embora e se afaste daquele rapaz.”

Armando ficou a mirá-la com seriedade. Incomodada, Júlia acrescentou:

“Ora, Armando! São dois rapazes na flor da idade, sozinhos o tempo todo nessas matas, sem mulher, sem...”

O marido ergueu-se subitamente e deu passos lentos pela sala.

“Eu não criei filho pra ser veado, mulher!”

Júlia assustou-se com os gestos do esposo.

“Mas eles já vão se separar depois de amanhã, deixa isso pra lá!”

“Tu viu alguma coisa? Soube de alguma coisa?”

A mulher deteve-se com o olhar nas mãos.

“Hem?”

“Não. Não vi nem soube de nada, não. É só o jeito como eles se comportam que não me agrada.”

“Eu nunca reparei nada, nada. Pra mim isso é maldade da tua cabeça. Ciúme de mãe coruja!”

Armando respirou fundo, recusando-se a aceitar o que a mulher lhe contara. Impaciente, sentou-se de novo e, baixando a voz, disse:

“Corrinha veio me dizer hoje, quando tu tava pra ali, que ela tá de bucho.”

Corrinha pôs-se de pé, levando a mão à boca. Seu corpo voltou a tremer e ela teve que se apoiar na parede para não cair. Como a conversa agora fluía num tom mais baixo, a moça foi-se aproximando lentamente do corredor, donde poderia ouvir melhor o diálogo.

“O quê?” Júlia espantou-se, baixando as sobrancelhas. “Mas como? Ela nem namorado tem!”

“Mas tá grávida.”

“E por que não contou pra mim?”

“Porque confia mais em mim. Tem medo de tu, de tua língua. Tu vive passando carão na coitada. Eu não.”

Do corredor, a moça esforçava-se para ouvir a conversa. Por algum motivo, o casal passou a falar ainda mais baixo, o que a deixava irritada e com o coração prestes a explodir. Fosse o que fosse, Armando não estava falando a verdade. Jamais admitiria o crime cometido, principalmente para a esposa. Trêmula e insegura, ela voltou para mesa e retomou a tarefa que interrompera, temendo ser surpreendida escutando conversas alheias.

As palavras dos pais ecoavam pela mente de Renato enquanto ele andava pelas veredas a caminho da velha casa abandonada no meio da mata. Lá deve estar cheio de mutuca, pensou, mas o que importavam as mutucas? Suas picadas não poderiam ser piores do que a dor que sentia naquele momento. Nunca

se sentira tão carente do amor dos pais. Descobrira que nunca fora amado como acreditava ter sido. Com as chuvas, o mato cresceu depressa, dificultando o acesso à velha casa. Renato não se importou, nada parecia significar muita coisa. “*Se uma cobra me mordesse – sorriu – ia me fazer um grande favor!*”.

“Ei...” chamou uma voz atrás dele. Era Adriano, que o vira quando ele desceu a ladeira e entrou nas veredas. “Aí não tá dando para entrar mais não...”

Renato emocionou-se ao ouvir o amigo. Parou entre os matos e ficou sorrindo para ele.

“Vem!” chamou Adriano. “Vamo pra outro lugar...”

Minutos depois estavam sentados à beira do Sitiá, lado a lado.

“E aí eu saí e deixei os dois sozinhos lá na sala. Minha mãe ainda perguntou aonde eu ia, mas eu nem respondi.”

Adriano, que ouvira todo o relato em silêncio, manifestou com tristeza sua opinião:

“Eles têm razão... Eu não sou ninguém e nunca vou ter uma vida diferente.”

Renato ainda abriu os lábios para falar, mas o outro o interrompeu:

“Eu vou pra casa. Tu devia voltar, já ir arrumando tuas coisa...”

“Adriano...”

“Hmm?”

“Sabe aquela ideia?”

Adriano balançou a cabeça.

“Esquece aquilo,” disse. “Era uma besteira minha.”

“Pois eu agora tenho certeza de que é o que a gente deve fazer.”

O louro sorriu, franzindo o cenho.

“Vamos fugir daqui,” propôs Renato, empolgado. “Eu pego um dinheiro que o papai tem guardado, eu sei onde ele guarda. Aí a gente vai pra estrada e pega o carro na madrugada...”

“Amanhã é domingo,” lembrou o outro. “Não passa carro na estrada.”

“A gente vai de cavalo mesmo, ora! A gente vai até Ibicuitinga, de lá a gente pega um ônibus e vai embora.”

“Embora pra onde, macho?”

O rosto de Renato foi dominado por desespero.

“Ei! O que foi que houve com você? Você mesmo havia proposto isso, lembra? Você nem pensava nessas coisas, só pensava em fugir daqui!”

Adriano baixou a cabeça.

“Não importa para onde ou como a gente vai viver!” continuou Renato. “O que importa é que a gente vai estar junto!”

O adolescente louro sentiu o entusiasmo perdido invadir-lhe novamente a alma e sorriu triunfante, enquanto o outro prosseguiu:

“Quando a gente estiver bem longe, aí a gente vê o que fazer. O importante é sair daqui.” e, segurando o rosto do amigo, Renato disse, olhando dentro dos olhos claros: “Nada pode ser pior para mim do que ficar longe de você.”

Adriano estremeceu e seu rosto iluminou-se com um sorriso. Beijaram-se com sofreguidão e, depois de apertados abraços, puseram-se a combinar a fuga.

Solitária no quarto, amarrada sobre a cama dos pais, Adelina conversava com as vozes que ouvia enquanto varria com os olhos o telhado cheio de réstias. Mariinha, apoiada na porta, olhava com pena a filha. Lauro, que acabava de chegar do riacho, anunciou:

“Hoje de tardezinha a dona Carmélia vem rezar nela, Mariinha.”

Mariinha sorriu esperançosa:

“Tá vendo, Adelina? Tu vai ficar boa, filha. A dona Carmélia vai rezar em tu.”

Ao ouvir o nome da velha, Adelina se revoltou, esbugalhando os olhos e agitando-se sobre a cama enquanto dava grandes urros de horror. Os pais, assustados, debruçaram-se sobre a moça tentando contê-la, porém, só com a chegada de Corrinha que a jovem recuperou a calma.

“Adelina, mulher!” disse Corrinha. “O que é isso?”

A moça pôs um olhar de súplica sobre a amiga e, pela primeira vez depois de muitas horas, proferiu uma frase inteligível:

“Não deixa, Corrinha...”

“Não deixa o quê, mulher?”

“Aquela véa rezar n’eu.”

Corrinha, Lauro e Mariinha se entreolharam.

“A dona Carmélia ficou de vim aqui rezar nela mais tarde” explicou Lauro.

“Não deixa, Corrinha...” repetiu Adelina.

“Mas por quê? Vai te fazer bem?”

“Não... Não deixa, Corrinha...”

“Tá bom, tá bom. Ela não vai rezar, não. Agora se acalme, viu?”

A moça ainda ficou repetindo a súplica por diversas vezes até que sua voz foi baixando e ela, acalentada pela amiga, foi vencida pelo sono e adormeceu dando um pouco de sossego aos pobres pais.

15° CAPÍTULO

No entardecer, as nuvens haviam se dissipado e o céu estava limpo. Periquitos sobrevoavam céleres com seus pios estridentes as matas. O sol poente deitava sua luz alaranjada sobre a terra dando brilho ao verde da relva.

Lauro e Mariinha, de vez em quando, saíam à porta para verificar se a rezadeira havia chegado à casa dos patrões, mas nenhum sinal de visitas. Adriano, sem que ninguém visse, juntou algumas roupas e as pôs dentro da rede em que dormia e a levou para o estábulo.

“Já vai dormir, menino?” perguntou a mãe, vendo-o sair com a trouxa sob o braço.

“Vou só levar a rede pra lá.”

Ao se ver sozinho no quarto do estábulo, Adriano pegou suas roupas e as arrumou caprichosamente dentro de uma sacola de palha que pegara da mãe. Lembrou-se dos pássaros artificiais que Renato lhe dera e voltou a casa para pegá-los. A mãe, mais uma vez, achou estranha a atitude do filho e lhe perguntou para que ele estava levando os pássaros para o quarto onde dormia.

“Eu gosto de brincar com eles, mãe.”

Mas a mulher estava preocupada demais com a filha para fazer suposições sobre qualquer outro assunto senão a doença de Adelina, que quase não comera o dia inteiro e estava definhando com uma rapidez assustadora.

“Não vai morrer, não!” consolou o marido. “Tenha fé em Deus, que esse encosto vai sair de nossa fia.”

A noite caiu depressa e só então dona Carmélia, acompanhada do genro Ricardo, da filha Catarina e do menino Titico apareceu na casa de Armando.

“Nós vinha antes, mas o seu Geraldo pediu emprestada a carroça para fazer uma visita à sogra dele e demorou a voltar.” Ricardo justificou o atraso, depois que desceu da carroça. “Bença, pai! Bença, mãe!”

“Adonde tá a moça?” perguntou dona Carmélia, referindo-se a Adelina.

“Tá em casa,” respondeu Júlia, “mas a Corrinha disse que ela não quer nem saber de reza, não.”

A velha sentou-se numa cadeira no alpendre, cuspiu num canto da parede e disse:

“O cão num gosta de reza mesmo, não.”

“A mãe dela disse que ia fazer ela dormir pra mode a senhora rezar nela sem ela saber.” disse Corrinha, que, depois de uma conversa que teve ao entardecer com a madrinha, estava com um outro ar.

Todos estavam sentados no alpendre. Lamparinas iluminavam o espaço. As conversas sobre chuvas, naquela noite, cederam a vez para o problema de Adelina. Foram feitas retrospectivas do comportamento da moça antes da crise nervosa e suposições sobre a causa do problema.

“Cadê o Renato?” perguntou Ricardo, mudando o assunto.

“Tá lá no quarto dele,” respondeu Júlia. “Tá triste porque vai voltar depois d’amanhã.”

“É assim toda vez.” completou Armando. “Júlia já devia estar acostumada.”

Nesse instante, o garoto apareceu à porta da sala, deu boa-noite a todos e procurou um espaço no parapeito para sentar-se.

“Tá triste, Natim, por que já vai embora?” perguntou o irmão.

“Já passou.” respondeu Renato, com um breve sorriso; depois observou: “Corrinha está tão bonita hoje! Arrumou um namorado, foi?”

“Um namorado, é?” falou Júlia, com certa ironia.

A moça, sentada num tamborete, baixou a cabeça encabulada.

“Ô Titico!” chamou Armando. “Vá lá na casa de Lauro e chame ele e o filho dele, meu bichinho.”

O menino não esperou por mais e correu descendo a ladeira.

“Vá andando mermo, Titico!” gritou Catarina.

Renato estranhou a ordem dada pelo pai, mas esperou o resultado.

“A que hora a senhora vai rezar na moça?” perguntou Júlia.

“Daqui a pouco ela vai.” disse Armando. “Primeiro, vamos resolver esse assunto.”

Que assunto? Renato ficou apreensivo.

Adriano já ia se preparando para ir para o estábulo, deitar-se e aguardar ansioso a hora em que Renato aparecesse no quartinho e os dois fugiriam no meio da madrugada, quando o menino Titico chegou com o recado de Armando.

“Ele tá me chamando também?” estranhou o garoto.

“É.” confirmou o menino, inclinando a cabeça e espiando para o interior da casa a fim de ver a moça louca de quem tanto ouvira falar.

“E a tua avó, tá aí?” quis saber Mariinha.

“Tá. Ela vem já pra rezar na doida.” disse o menino, sem medir palavras.

“Quem disse pra tu que aqui tem uma doida, menino?” perguntou Lauro, zangado.

Titico, assustado com o tom de voz do homem, não respondeu, apenas retirou-se no mesmo passo em que fora dar o recado. Lauro ainda ficou resmungando alguns insultos com a criança até que o filho o chamou e os dois subiram a ladeira em direção à casa do patrão.

“Boa noite!” disse o caseiro ao pisar no alpendre.

“Boa noite!” responderam todos.

Adriano repetiu o cumprimento do pai.

“Corrinha, vá pegar uma cadeira para Lauro,” ordenou Júlia.

“Obrigado, dona Júlia.” recusou o empregado. “Eu sento por aqui mesmo.”

Adriano passou por entre as cadeiras ocupadas e foi sentar-se junto a Renato.

“E aí?” perguntou-lhe baixinho. “Eu já arrumei minhas coisas.”

“Eu também,” respondeu Renato. “Só não consegui ainda pegar o dinheiro, porque não tive oportunidade. Mas não se preocupe, que eu sei onde ele guarda e daqui a pouco eu vou pegar.”

“Como é que tá a menina, Lauro?” indagou Armando. “Tá mais calma?”

“Tá lá deitada...”

“Ainda tá amarrada?”

“Tá.”

“Rapaz, o que terá dado naquela menina pra ela ficar daquele jeito?” perguntou o fazendeiro.

“Sei não, seu Armando. Uma hora tava boa, noutra hora não tava mais.”

“Ela vinha se alimentando direito, Lauro?” quis saber Catarina. “Às vezes isso é só fraqueza.”

“Ela andava meio fastiosa... Não tava comendo muito, não.”

Dona Carmélia, julgando-se experiente no assunto, afirmou:

“Ela tá com um encosto. Quando a pessoa tá fraca, os espírito se aproveita pra perturbar a pessoa.”

“E o que é que a gente vai fazer, dona Carmélia?”

“Rezar! Só com muita reza é que eles vão simhora.”

“E o que é que ela faz, Lauro?” perguntou Ricardo.

“Rapaz, ela não para de falar, não! Ninguém entende quase nada do que ela diz. Olha assustada pra tudo, diz que tem umas cobras perto dela...”

“Ela vinha triste desde o dia em que viu aquele rapaz com quem ela tinha uma amizade dançando com outra num forró lá na Barra.” lembrou Júlia.

“É.” confirmou o pai da moça. “Ela ficou muito triste daquele dia pra cá. Mas eu achei foi bom! Aquele caba não prestava, não. Ouvi dizer que ele fugiu com uma moça das bandas dali!” Lauro apontou para a direção a que se referia. “Podia ter sido com ela, n’era?”

“É.” disse Armando, ajeitando-se na cadeira. “Mas ela vai ficar boa. Daqui a pouco a dona Carmélia vai lá, reza nela e com o tempo ela vai recuperando a saúde.”

“Se Deus quiser!” suspirou o empregado.

“Mas, Lauro,” continuou o fazendeiro, “eu te chamei aqui pra resolver outro assunto, que também é um assunto sério.”

Lauro ficou nervoso, tentando se lembrar de algo errado que pudesse ter feito, enquanto o patrão continuava a falar.

“Você sabe, Lauro, que eu e a Júlia criamos a Corrinha como se fosse nossa filha...”

“Sei sim senhor.”

“E na qualidade de padrinho, eu também tenho que zelar pela honra dela.”

“Justamente,” concordou Lauro, cada vez mais apreensivo.

Renato, assim como os demais, achou a conversa muito estranha e voltou todas as atenções para ela. Seu coração começou a bater mais forte.

“Bem, Lauro,” continuou Armando, “eu vou direto ao assunto: minha afilhada Corrinha tá esperando um filho de seu filho Adriano.”

Adriano sentiu uma pontada no coração. Seu primeiro gesto foi olhar boquiaberto para o amigo a seu lado, que se pôs de pé subitamente. Corrinha baixou a cabeça, envergonhada. Em seu coração, ela guardava uma porção de felicidade pela ideia que o padrinho tivera, embora não a julgasse justa. Sempre nutrira uma forte atração pelo garoto apontado como pai de seu filho e, se tudo desse certo, ela não ficaria falada na região e ainda ganharia um marido como sempre sonhara. Lauro, admirado e, no íntimo, orgulhoso do filho, chamou-o:

“Ô Adriano! Tu ouviu o que seu Armando disse, rapaz?”

Adriano, atônito, procurou responder alguma coisa, as palavras, porém, abandonaram-no. Seu coração disparou e sua boca ficou seca.

“Venha cá, rapaz!” chamou novamente o pai.

Adriano se pôs de pé e caminhou em direção ao pai. De repente, tudo em volta havia escurecido.

Renato, de olhos arregalados, não acreditava no que estava acontecendo. Mil pensamentos percorreram sua mente confusa. As pernas perderam as forças e ele deixou o corpo apoiar-se numa das colunas do alpendre.

“Seu Armando tá dizendo que tu mexeu com a afilhada dele!” disse Lauro, olhando para o filho “O que é que tu diz?”

Adriano gaguejou antes de responder:

“Eu não fiz nada, pai.”

“Tá me chamando de mentiroso, rapaz?” impôs-se Armando, na tentativa de intimidar o garoto.

“Não, senhor!” respondeu Adriano, nervoso. “Mas isso não é verdade, não. Eu nunca nem toquei na sua afilhada.”

Corrinha não conteve a emoção. Como não sabia compactuar com toda aquela mentira, fraquejou e deu um urro, correndo para dentro de casa aos prantos.

“Ela disse que foi você, rapaz!” afirmou Júlia. “E quem mais poderia ser, se aqui não tem mais nenhum outro rapaz?”

“Não sei, mas eu não fui, não!” Assegurou Adriano, alterando-se.

“Tá vendo, Armando?” disse Júlia. “O rapaz não quer assumir a responsabilidade.”

“Não quer assumir porque não tem o que ele assumir!” bradou Renato, aproximando-se dos pais.

“Não se meta, Renato!” Júlia ergueu-se nervosa.

Houve um instante de silêncio em que só se ouvia o respirar ofegante de Renato.

“E então, Lauro,” prosseguiu Armando, “a gente quer que seu filho repare o mal que fez a nossa afilhada.”

“Eu não fiz nada, pai!” repetiu Adriano, com a voz trêmula e sem entender direito do que o estavam acusando.

“Tá certo, seu Armando!” disse Lauro. “Fez, tem que reparar o erro.”

Renato novamente não se conteve:

“Mas ele não fez!”

“Vá lá pra dentro, menino!” gritou Júlia.

“Isso é coisa da senhora, não é?” atreveu-se o filho caçula. “A Corrinha nem grávida está! A senhora tá inventando isso para separar a gente!”

Todos se olharam assustados e constrangidos.

“Não diz besteira, Renato!” ordenou Júlia, crescendo sobre o garoto.

Mais um breve instante de silêncio em que quase se podia ouvir o coração de Renato bater descontrolado.

“A Corrinha vai se casar com o Adriano, menino!” declarou Armando. “É assim que deve ser.”

Renato perdeu a voz. Seu peito inchava e secava num ritmo acelerado. O menino Titico, incauto com as palavras, disse em voz baixa, mas todos o ouviram:

“O Natim é namorado do Adriano.”

Oito rostos se voltaram ao mesmo tempo para o menino.

“Que besteira é essa, Titico?” perguntou Catarina, com um sorriso de vergonha.

“Eles tava se beijando na boca, eu vi!” continuou a criança, encolhendo-se por trás da tia.

Armando se levantou de chofre, já desabotoando o cinto:

“Como é que é? É verdade isso, Natim?”

Renato deu um passo para trás, sem nada dizer.

“Bem que sua mãe falou!” gritou Armando, puxando o cinto e erguendo-o no ar.

O horror se armou na face do adolescente, cujas lentes refletiram a imagem do pai a golpeá-lo com o cinto.

“Não, papai!” gritou ele, antes de ser atingindo pelo couro em fúria.

Todos se levantaram das cadeiras, abrindo um círculo para o castigo. Os gritos das mulheres se espalharam pela escuridão da noite. Com o golpe do cinto, Renato ajoelhou-se, protegendo a cabeça com os braços, enquanto o pai, enfurecido, açoitava-o sem piedade.

“Eu não criei filho meu pra ser veado!” bradou Armando, enfurecido.

Do quarto, Corrinha gritava junto com Renato, consumida pelo remorso. Júlia, com as mãos trêmulas no rosto, chorava enquanto olhava por entre os dedos o filho sendo castigado no chão. Dona Carmélia, com sua voz fraca, pedia que o fazendeiro parasse, mas não era ouvida. Ricardo e Catarina, quase abraçados, não ousaram deter o fazendeiro descontrolado.

Adriano, antes mesmo que o cinto de Armando atingisse a pele de Renato, adiantou-se para salvar o amigo; o pai, entretanto, segurou-o imediatamente, puxando-o para si e envolvendo-o

entre seus fortes braços. Enquanto o estudante gritava encolhido no chão, o moço louro se estrebuchava tentando se soltar das garras do pai e gritando tão alto quanto o outro. Apesar da força de homem acostumado a trabalhos braçais, Lauro não conseguiu segurar o filho por mais tempo. Uma cotovelada em seu rosto o fez afrouxar os braços e soltar o moço desesperado que, impávido, avançou sobre o fazendeiro e segurou o cinto quando este iria mais uma vez ser erguido e lançado sobre o corpo de Renato. Com toda sua força, Adriano arrancou-o das mãos do patrão e o atirou longe. Armando cambaleou um pouco, apoiando-se na parede, sentindo que a mão fora rasgada pela fivela do cinto. Bufando de ódio, o homem segurou pelo braço o filho do empregado, que já ia ao socorro do amigo, e o ameaçou:

“Olha aqui, rapaz! Só não te expulso da minha fazenda agora por consideração a teu pai, que é um homem bom! E porque tu mexeu com minha afilhada, que é mesmo que ser minha filha, e vai casar com ela! Mas só não te dou uma surra agora porque teu pai é que vai fazer isso!” e empurrou o garoto de volta aos braços do pai.

Júlia deu passos até o empregado e, à meia voz, sugeriu que ele fosse para casa com o filho, que todos estavam de cabeça quente e que, no dia seguinte, com calma, a conversa seria retomada. Lauro, confuso, arrastou Adriano, forçando-o a descer os batentes do alpendre e levando-o quase à força para casa. Júlia, trêmula, aproximou-se do marido para verificar o ferimento.

“É melhor a gente ir embora.” cochichou Catarina ao marido, que, cabisbaixo, estava horrorizado com a trágica cena. Em toda a sua vida, nunca vira o pai tão furioso. Antes que a mulher repetisse, virou-se para a saída do alpendre, descendo até a carroça, onde ficou imóvel esperando que a mulher descesse com a mãe e o sobrinho. Estes três foram deixando o alpendre

sem despedidas. Subiram na condução e desapareceram na escuridão da noite.

Adriano não seguiu para casa, como ordenava o pai. Soltou-se de sua mão tenaz e foi direto para o quarto no estábulo, onde uma rede armada esperava por ele. Não quis acender a lamparina, escanchou-se na rede, deixando o corpo ainda cansado cair para frente, e, com o rosto mergulhado no lençol, derramou todas as lágrimas que tinha.

Em casa, Lauro não encontrou sossego: assustada com os gritos que ouvira de Renato, Adelina teve um acesso de pavor e agitou-se, mal podendo ser contida pelas cordas que a prendiam à cama. Estrebuchou-se e gritou tanto que feriu os punhos e os tornozelos, derramando sobre o colchão o sangue que pôs a mãe em desespero. Sozinha com a filha louca, Mariinha não sabia o que fazer além de gritar e levar as mãos à cabeça. Quando o marido chegou, a gritaria ainda persistia.

“Lauro, pelo amor de Deus!” bradou a mulher, ajoelhada aos pés da cama.

Com os nervos também agitados e a paciência por um fio, Lauro abriu as pernas, sentou sobre o corpo da filha e lhe deu dois vigorosos tapas no rosto que a fizeram deitar a cabeça para um lado, desacordada. O silêncio se fez repentinamente. Exausto, o homem desceu da cama quase rastejando para deitar-se no chão duro. Ouvira gritos demais naqueles últimos instantes, gritos que fizeram vibrar a estrutura do homem simples que sempre fora. Pela primeira vez na vida, Lauro sentia desespero. Nem mesmo os dias em que ficara sem trabalho e sem ter como sustentar a família o puseram em tal estado de espírito. A voz do menino Titico afirmando que vira seu filho aos beijos com o do patrão sobrepunha-se à visão da filha estrebuchando-se louca amarrada sobre a cama, e o conjunto confuso dessas lembranças ecoou

em sua mente cansada por longos minutos, nos quais ele jazeu em silêncio com o olhar voltado para o teto escuro. A mulher, sem entender nada, estava cansada demais para querer alguma explicação. Fez como o marido: deixou o corpo cair sobre o chão e mergulhou no denso silêncio que tomou conta do casebre. Um vento frio entrou pela porta aberta da sala e apagou a lamparina envolvendo os três corpos inertes na mais profunda escuridão.

A noite ficou mais escura com o advento, no leste, de espessas nuvens de chuva, cujo cheiro, trazido pelo vento que varria as matas, já se podia sentir do alpendre onde, sentados no chão, Armando e Júlia não davam trégua ao filho. Este, ainda deitado no mesmo lugar onde fora açoitado pelo pai, abraçava o próprio corpo enquanto ouvia a conversa dos pais:

“Foi o maior desgosto da minha vida!” confessou Armando, esfregando com o polegar esquerdo o sangue que escorria na palma da mão direita. “Eu nunca pensei que um filho meu fizesse um negócio desses.”

“Tá bom, homem... Vamos entrar.”

“Ele me dava tanto orgulho. Era o doutorzinho da família!” Armando deixou escapar um sorriso irônico que logo se desfez dando lugar a uma expressão severa, “Nem imagino o que esses dois sem-vergonha faziam nas matas enquanto a gente aqui achava que eles estavam brincando como crianças.”

“Já estavam inventando até de dormirem juntos no estábulo” confessou Júlia, após um breve silêncio.

“O quê?” indignou-se o marido, quase se levantando para dar continuidade ao castigo; a mulher, porém, o deteve, contando em seguida que ela mesma havia flagrado o filho saindo no meio da noite para ir até o estábulo encontrar-se com o outro, o que teria acontecido se ela não houvesse impedido.

“Safado, sem-vergonha!” disse Armando, torcendo os lábios e olhando com desprezo em direção ao filho. “Era por isso que não queria mais voltar para a cidade. Mas vai voltar sim! Eu mesmo vou deixar ele lá. Quero conversar com os tios dele, fazer umas recomendações.”

“Certo, agora vamos entrar pra dormir. Tem que cuidar dessa mão.”

“Aquele outro vai se casar com a Corrinha! Com o casamento, ele se ajeita. Essa safadeza é coisa de homem sem mulher. Mas agora vai ter uma... E esse aí vai arranjar uma também.”

Júlia pôs-se de pé, tentando puxar o marido pela mão. Este, sempre lançando um olhar de desprezo em direção ao filho, não parava de falar.

“O que esse safado teve na vida, mulher, nem eu nem nenhum dos irmãos dele... Ninguém nunca teve!”

“Tá bom, homem. Levanta.”

“Se é pra ter um filho baitola,” alterou a voz, “prefiro que ele morra!”

“Tá bom, homem!”

“Prefiro que ele morra!” repetiu Armando, levantando-se.

O vento soprou novamente trazendo uma neblina.

“Vai deixar ele aí?” perguntou Armando. “É... Deixa esse imoral aí! Pra ele ir se encontrar com o outro.”

O casal deu passos em direção à porta da sala. A chuva engrossou no terreiro.

“Vai buscar ele!” ordenou Armando, mudando de ideia. “Prende ele no quarto!”

A mulher soltou o braço do esposo e caminhou até o filho no chão, agachando-se sobre ele.

“Vamos, meu filho.” disse em voz baixa, pondo as mãos sobre o corpo do rapaz. Este se pôs de pé e a acompanhou rumo

ao quarto. Armando foi sozinho para a cozinha. De sua rede, Corrinha o viu passar pelo corredor e estremeceu de ódio.

“Não precisa trancar a porta, não.” falou Renato cheio de rancor. “Eu posso querer ir beber água...”

A chama da lamparina num canto da sala tremia fazendo as paredes parecerem vivas.

“Perdoa seu pai, meu filho.” Júlia ergueu a mão para tocar os cabelos do rapaz, mas este afastou bruscamente a cabeça.

“Perdoar a quem?”

“Seu pai...”

O garoto soltou um sorriso.

“Pai?” O queixo tremeu e uma lágrima desceu célere pela face.

Júlia viu um pontinho luminoso, reflexo da lamparina, descer junto com a lágrima no rosto do filho. Quando o rapaz virou as costas, ela quis entrar com ele no quarto.

“Sai.” ordenou ele, e foi tão ríspido que a mulher não insistiu, voltando silenciosa para a sala, de onde, após apanhar a lamparina e fechar a porta, foi para a cozinha cuidar da mão ferida do marido.

Renato enxugou a lágrima no rosto e, em vez de deitar-se na cama, agachou-se num canto do quarto. Quando as costas tocaram a parede, os ferimentos marcados pelo cinto arderam e ele inclinou-se para frente, ajoelhando-se e tirando a camisa. No escuro não se poderiam ver as marcas do cinto na pele branca, mas elas doíam do mesmo jeito. Entretanto, a dor maior era sentida por dentro, no fundo do peito. O pai nunca lhe erguera a mão para bater nele antes, ao contrário, sempre lhe fora muito carinhoso, apesar da pouca convivência. Os abraços mais antigos, aqueles que ele ainda conseguia alcançar quando mergulhava no fundo da memória, eclodiram em sua mente de novo e ele novamente viu o pai, muito mais magro, sem a

volumosa barriga, sorrindo para ele de braços abertos. O botão da bermuda parecia não querer sair da casa. A chuva lá fora engrossava, fazendo barulho sobre as telhas. Agora só de cuecas, deslizando os dedos sobre os riscos salientes deixados pelo cinto sobre a pele, ele se lembrou do beijo que o pai lhe deu na testa quando o deixou pela primeira vez na casa dos tios em Fortaleza e se afastou sorrindo. Apesar da chuva, fazia calor no quarto. Quando ele abriu a janela, respingos trazidos pelo vento refrescaram seu peito nu e ele se arrepiou com a evocação da imagem do abraço forte entre ele e o pai na primeira vez em que veio passar as férias na fazenda. Ainda não tinha relampejado durante aquela chuva. Um clarão repentino mostrou o terreiro molhado e ele fechou os olhos preparando-se para ouvir o trovão. Em sua mente, ecoou a voz do pai dizendo que preferia que ele morresse. A partir daquele instante, sua alma encheu-se de tristeza e solidão e somente o horror daquela noite teve domínio em suas lembranças, agravando cada vez mais sua sensação de abandono. *“Ele não vai estar lá”*, disse baixinho quando se lembrou do que combinara com Adriano. *“Nunca mais vai estar lá”*. *“Pássaro sem canção”*, foi o que disse ao homem da banca vendendo pássaros de brinquedo no centro de Fortaleza, *“Vou levar dois”*. E o rosto de Adriano se iluminou num sorriso quando recebeu o presente. “Bem, Lauro, eu vou direto ao assunto: minha afilhada Corrinha tá esperando um filho de seu filho Adriano” “Eu não fiz nada, pai!” “Tá certo, seu Armando. Fez, tem que reparar o erro.” Reparar o erro. Trovejou de novo, e ele nem tinha visto o relâmpago, pois estava com os olhos fechados lembrando-se do pai, banhado de ira e de luz de lamparina, puxando o cinto do cós e erguendo-o contra ele. Ninguém impediu o primeiro golpe de couro. “Safado, sem vergonha!”. A escuridão da noite lhe invadiu o espírito, o quarto parecia mais apertado agora.

A chuva diminuía com as horas, mas os relâmpagos persistiram. Adriano, ansioso, encheu-se de esperança quando estendeu a mão pela janela do quartinho e viu que só havia uma neblina fraca lá fora. À espera do amigo – os dois combinaram de fugir naquela noite e os motivos para a fuga aumentaram – o moço louro acendeu a lamparina para sinalizar que estava acordado. Pôs a chama num cantinho do quarto e voltou para a rede, escanchando-se sobre ela e deixando as grossas pernas penduradas, a ponta dos dedos tocando o chão. A luz amarela batia em seu peito liso que se enchia de ar de vez em quando. “Bem, Lauro, eu vou direto ao assunto: minha afilhada Corrinha tá esperando um filho de seu filho Adriano”. De onde ele tirou essa história? “Tá certo, seu Armando. Fez, tem que reparar o erro.” *“Eles querem que eu case com aquela abestada!”*. O garoto deu um sorriso breve. Estava seguro de que seu destino seria outro. Nenhum barulho lá fora, nenhum sinal de Renato. *“Meu nome é Renato. Eu moro em Fortaleza. Estou vindo passar minhas férias com meus pais”*. O sorriso do estudante afastou o momento de angústia por sentir as horas passando sem nada acontecer. De olhos cerrados, Adriano lembrou-se do primeiro beijo, dado sob a sombra do juazeiro. A lembrança fez o corpo vibrar como da primeira vez. Ainda se lembrou de vários outros momentos prazerosos vividos com Renato antes de ser dominado pelo sono. Adormeceu com um sorriso nos lábios e com a cabeça mergulhada em recordações.

Aquela noite em que tantos gritos rasgaram a caatinga marchava agora silenciosa para o fim. Em sua cama, Júlia e Armando, que demoraram tanto a adormecer, ressonavam profundamente e nem perceberam quando o filho entrou no quarto, caminhando cauteloso e descalço pelo vão escuro, tateando as paredes até tocar o guarda-roupa, sobre cuja madeira deslizou as mãos.

Sabia que o pai costumava guardar coisas sobre o velho móvel, até maços de cruzeiros. Seus dedos deslizaram pela poeira na madeira, passando sobre folhas de papel, chaves obsoletas, teias de aranha e cédulas atadas por ligas de borracha. “Mamãe, porque o papai não guarda esse dinheiro numa caixa?” perguntara certa vez. “Mania dele. Tudo que pega joga aí em cima!” dissera a mãe. Sobre as cédulas, os dedos nervosos sentiram o frio do metal de que era feita a arma do pai.

De repente, um tiro de revólver ecoou nas trevas seguido do grito agudo e desesperado de Júlia.

No quartinho do estábulo, Adriano agitou-se e abriu os olhos despertando ao ouvir aquele tiro que parecia ter sido dentro de seus sonhos. Atordoado, o moço sentou-se na rede olhando em torno. A lamparina estava quase se apagando. Quando seus olhos claros pararam sobre a porta do quarto, ele se alegrou com a imagem de Renato a lhe sorrir. Já estava dentro do quarto e caminhava ao longo da parede.

“Eu sabia que tu ia vim!” disse Adriano, observando o outro passar por debaixo do punho da rede para depois ir ter com ele. Porém, quando Renato se curvou sob o punho da rede, sua imagem não apareceu do outro lado.

Adriano sentiu um arrepio subir-lhe pelo corpo e duas lágrimas rolarem simultâneas.

EPÍLOGO

Dez anos e dez meses depois, um bando de periquitos atravessava o céu gris. Gris também era a mata sobre a qual Adriano deitou seu olhar melancólico. Naquele dia, ele acordara com a sensação de que tudo era gris. Sonhara com o amigo que teve, o único em toda sua vida, e abriu os olhos lacrimejando naquela manhã de domingo. A sensação era terrível. Queria chorar bem muito para expulsar a angústia, mas o choro ficou preso. Não tinha sequer ânimo para pôr os pés fora da rede. Para quê? Para andar repetindo o dia anterior... Até quando?

Os outros na casa já haviam acordado: a esposa, com quem se casara contra a vontade, e o menino de dez anos falavam alto no quintal.

“Deixa isso aí, seu troço!” gritava a mulher, impaciente, passando a vassoura sobre a terra.

“Eu não sou troço!” retrucou o menino, com sua voz aguda, enquanto dirigia o carro de mão.

“Quem disse?”

“Meu pai disse.”

“Seu pai é outro troço.”

Adriano fechou os olhos. Sou mesmo um troço. Baixou com o braço a beira da rede e passou a vista sobre a saleta vazia. As paredes ainda não haviam sido rebocadas, mas o piso era de cimento. Quando seu pé tocou o chão frio, o desânimo lhe subiu novamente pelo corpo.

“Vamo lá, macho!” disse a si mesmo. “Também não adianta ficar aqui.”

Pôs os dois pés no chão e se ergueu da rede, espreguiçando-se; depois, puxou as pernas do calção preto, coçou a barriga lisa,

calçou as chinelas, desarmou a rede, dobrando-a caprichosamente e foi para o quarto. Olhou com desprezo para a cama de casal em que ele nunca chegou a dormir com a esposa, nem mesmo a deitar-se com ela. Do outro lado ficava o pequeno guarda-roupa, onde ele pôs a rede. Antes de sair do quarto, ainda olhou para a cama. A colcha amontoadada junto à cabeceira e o lençol amassado espalhado pelo colchão. A mulher, com o passar dos anos, ficara cada vez mais desleixada.

“Ah!” disse a esposa, quando, do quintal, o viu pisar na cozinha. “Pensei que fosse dormir a manhã toda.”

Ele não disse nada.

“Bença, papai!” falou o menino, estendendo-lhe a mão.

“Deus te abençoe. Já merendou?”

“Já.”

Adriano foi ao banheiro, lavou o rosto e saiu procurando uma toalha.

“Peguei pra lavar” explicou a mulher. “Venha pra cá e espere que o vento seque seu rosto.”

Ele passou as mãos pela face diversas vezes até senti-la enxuta. Em seguida, sentou-se à mesa e se serviu de café.

“Quando vai aprender a fazer um café que preste, hein?” perguntou ele, fazendo uma careta depois que pôs a xícara na boca.

“Por que tu não acorda mais cedo e faz o café?”

“Eu mesmo não!”

“Entãoce pronto! Não reclame.”

“Não tem mais bolacha, não?”

“As que tinha o Natim comeu.”

Adriano já ia levar a xícara à boca pela terceira vez quando seu pé esquerdo tocou um objeto emplumado sob a mesa. Inclinou-se para ver o que era e quase caiu da cadeira quando percebeu que

eram dois pássaros de brinquedo, de imenso valor sentimental para ele. Apanhou-os rapidamente e foi até o quintal com o ódio estampado na face.

“O que é que isso tá fazendo debaixo da mesa?” perguntou zangado. Seu olhar fez a mulher estremecer.

“Eu dei pro Natim brincar...”

“Quem mandou?” gritou ele, dando um passo para frente.

“Ele viu e ficou pedindo, aí...”

“Pois não devia ter dado!”

A mulher quis responder, mas preferiu calar-se. Ficou imóvel, segurando a vassoura. O menino, assustado, soltou o carro de mão.

Adriano foi até o quarto, trocou o calção pela calça mais nova, vestiu uma camisa e foi apressado até a cozinha, vasculhando as gavetas do pequeno armário à procura de um saco plástico. Ao ver a embalagem vazia no chão, apanhou-a, sacudiu-a para que o farelo de bolacha caísse e pôs dentro os dois pássaros.

“Vou sair.” comunicou à mulher.

“Vai adonde?”

Ele baixou o rosto, apertando os pássaros dentro do saco.

“Vou ao cemitério.”

A mulher ficou imóvel, observando-o com indiferença.

“Me leva, pai!” pediu o menino.

“É longe, filho... E eu vou a pé.”

“Eu aguento.”

“Leva ele, ora!” disse a mulher. “Se ele ficar aqui, é só pra me fazer raiva.”

Adriano respirou fundo.

“Vamo.” falou, olhando para o menino.

“Oba! Eu vou no cemitério!”

Adriano e o menino passaram em frente à casa vizinha, um casebre onde viviam os pais e uma irmã que perdera a sanidade mental no fim da adolescência e nunca mais a recuperara. A mãe, dona Mariinha, estava sentada à sombra do oitão, catando feijão. A irmã, agachada no chão, coçava a vasta cabeleira despenteada. Seus olhos esbugalhados varriam a terra à sua frente.

“Aquilo é rastro de cobra!” disse ela, apontando para um traço sobre o chão.

“Que conversa, mulher!” repreendeu a mãe.

Ao ver o irmão passar em frente a casa, a louca sorriu mostrando os dentes cariados.

“Bença, mãe!” disse Adriano, estendendo a mão em direção a Mariinha.

“Deus te potreja!” respondeu a mulher. “Vai sair?”

“Vou ali. Cadê o pai?”

“Tá no curral.”

Adriano e o menino passaram. A mãe ficou a observá-lo e o percebeu triste. Fazia muitos anos que não via o filho dar uma gargalhada. Quanto à filha, gargalhadas de loucura eram o que não faltava. Naquela manhã, a louca disse uma frase inusitada.

“Pra donde é que esse corno vai?”

“Deixa disso, mulher!” ralhou Mariinha. “Tu lá sabe de nada!”

Adriano subiu a ladeira, o menino o seguiu atrás. A casa grande ia crescendo diante de seus olhos. Uma senhora surgiu ao alpendre. Usava um longo vestido preto, luto pelo marido que morrera três anos atrás, com câncer na próstata. Foram-lhe dias horríveis aqueles em que teve que ficar ao lado dele na cama, vendo-o gemer de dor, sem poder fazer nada para ajudá-lo. Havia se tornado uma mulher amarga antes disso e, com a morte do esposo, sua amargura aumentara. Ao ver Adriano subir a ladeira, o rosto encheu-se de complacência. Ao olhar o rosto do menino

atrás dele, seu coração se encheu de saudade. O menino lhe lembrava muito alguém em quem, justamente naquela idade, ela teve que dar um beijo de despedida, tendo os olhos inundados de lágrimas.

“A mãe vai morrer de saudade, filho” teria ela dito, com a voz trêmula, enquanto o menino subia na carroça. Era uma madrugada distante e o marido o levaria para a estrada, de lá pegariam um pau-de-arara para Quixadá.

A lembrança paralisou a mulher por uns instantes. Depois, ela se levantou e aproximou-se do parapeito.

“Cadê a bênção, moço?” perguntou à criança.

“Bença, vó Júlia!” o menino estendeu a mão, de longe.

“Deus te abençoe! Vão aonde?”

Adriano olhou para ela, parou, mas logo prosseguiu, sem nada dizer.

Abriu a porteira, esperou o menino passar e o fechou, olhando mais uma vez para a mulher, que ficou a observá-lo do alpendre.

O dia ficou mais nublado quando nuvens espessas se puseram sobre a caatinga completamente gris naquela época do ano. A tristeza cresceu em seu peito quando ele olhou para a longa estrada a sua frente e se viu a percorrê-la num cavalo, numa tarde já perdida no passado.

Homem e menino percorreram a pé vários quilômetros, atravessaram um córrego e um pequeno rio até chegarem ao vilarejo da Barra do Sitiá, que não crescera muito durante os últimos dez anos, mas adquirira um aspecto mais urbanizado, com a pavimentação e a eletrificação. A imponente igreja do período colonial ainda atraía muitos visitantes. O menino, ao se deparar com a enorme construção, ergueu a cabeça, admirado.

“Vamo, Natinho”– chamou Adriano, puxando a criança pela mão. “Eu vou te deixar naquela casa, enquanto eu vou ao cemitério, tá?”

“Eu queria ir também, pai.”

Adriano agachou-se diante dele.

“Cemitério não é um lugar muito bom... É cheio de gente morta.”

O menino ficou calado, olhando no fundo dos olhos claros.

“Tu fica aqui, vê televisão, brinca um pouco. Eu não demoro.”

Adriano deixou o menino na casa de uns conhecidos, que se alegraram com a criança e logo trataram de diverti-la. Na calçada desta casa, ele olhou pensativo para a mercearia na esquina.

“Bom dia! O senhor vende cadeado?” perguntou, assim que entrou na mercearia.

“Só tenho um, e é dos mais pequeno.” respondeu um velho de barba branca, que, depois que pegou o objeto, gritou para a mulher. “Ô Creusa! Anote aí que é pra comprar cadeado no Quixadá!”

O cemitério ficava atrás do vilarejo, num alto afastado. Era antigo e cheio de túmulos mal conservados. O mato seco morria entre os jazigos e lagartixas deslizavam velozes por entre eles.

Adriano deu passos lentos em direção a um grande túmulo junto ao muro do sul. Armou-se um tempo de chuva, o vento soprou forte levantando folhas secas. Ao se pôr diante da placa de mármore e ver o rosto de Renato, em preto e branco, por trás do vidrinho redondo, Adriano não conteve as lágrimas. Seus dedos trêmulos ergueram-se lentamente para tocar o vidro empoeirado.

Aquela era a última fotografia três-por-quatro que Renato havia tirado. Estava de óculos e tinha um semblante triste, um olhar de quem não conhecia a felicidade. Abaixo da fotografia, havia uma inscrição em alto-relevo registrando a saudade que

a família sentia. Adriano enchia-se de raiva quando a lia. Para contemplar melhor a imagem do amigo, ajoelhou-se; em seguida, deitou o rosto molhado sobre o vidro e derramou novas lágrimas. Num átimo, cenas confusas vivenciadas nos últimos dez anos passaram rasgando sua mente: a casa de Armando cheia de gente numa manhã chuvosa, o féretro sendo lentamente conduzido pela estrada e ele a chorar convulsivamente, trancado no quartinho do estábulo. Rolava pelo chão, rolava na rede, gritava de dor. Não tivera coragem de ir ver o corpo... O casamento com Corrinha na igreja da barra – Ele não a beijou quando o padre disse que já podia fazê-lo –, o nascimento do menino que disseram que era dele. A esposa que lhe deram não resistiu a sua indiferença – Ele nunca quis tocá-la, jurara isso para Renato – e então passou a arrumar amantes, dos quais ele tinha conhecimento, mas fingia não ter. As brigas cada vez mais barulhentas. As lembranças foram interrompidas quando ele ouviu o embrulho que trazia nas mãos cair sobre o mato seco. Afastou o rosto da fotografia e olhou para baixo, apanhando o saco. Veio então à mente a tarde em que Renato lhe dera aqueles pássaros. “O homem da banca disse que só faltava cantar...” A voz de Renato ecoou em seus pensamentos. “Eu me lembrei de nós dois... Pássaros sem canção... Quando a gente se encontra no meio da mata, se sente livre, mas não pode cantar o amor que a gente tem aqui no peito.”

Desde que recebera aqueles pássaros de presente que Adriano os guardava com o maior carinho. Nos dias em que a saudade apertava, agarrava-se com eles, saía com eles para as matas. Quase avançou sobre a mulher quando notou que ela os dera ao menino para brincar. Ela não tinha o direito! murmurou, pondo-se de pé. No alto do jazigo, havia uma pequena torre com um cubículo em que se guardavam imagens de santos e um crucifixo. A portinhola, uma armação de ferro com um vidro azul, estava

aberta. Adriano a puxou, ouvindo o barulho seco das dobradiças. Retirou os pássaros artesanais de dentro do saco, beijou-os com carinho e com demora e os pôs bem juntinhos no fundo do cubículo, por trás das imagens de gesso. Em seguida, fechou a portinhola, em cujo ferro havia um orifício para se pôr uma tranca, mas ninguém da família jamais se interessou de comprar alguma. Adriano retirou do bolso o pequeno cadeado comprado havia menos de uma hora na mercearia da vila, destravou-o e o pôs trancando o cubículo, garantindo assim que ninguém retiraria aqueles pássaros dali, ninguém os separaria. Satisfeito, apertou a chave na mão e depois a lançou longe.

“Pai!” gritou o menino, que acabava de chegar ao portão do cemitério. Havia aproveitado que fora deixado sozinho na sala e, muito apegado a Adriano, fugiu para encontrar-se com ele no cemitério. Ao vê-lo, o homem sorriu-lhe. O menino não era seu filho, mas ele o criara como se fosse e, em sua vida infeliz, aquela pequena criatura sempre fora sua única alegria. Estava cada vez mais parecido com o falecido meio-irmão. Quando ele nasceu, Adriano se adiantou até o cartório e o registrou com o nome de Renato.

Nos primeiros anos do casamento, inconformado com as perdas, pressionou a mulher até que ela confessou a paternidade do filho. A revelação fez surgir sentimentos contraditórios em relação à criança. Apegou-se àquele menino como o náufrago apegar-se ao pedaço de madeira que boia no mar agitado, ao mesmo tempo em que lutava para desvinculá-lo da imagem de Renato, o que lhe era o mais difícil, pois a semelhança entre os dois crescia com os longos meses que se arrastavam naquela vida de amarguras.

E a criança crescera despertando os mais diversos sentimentos entre os que o rodeavam. A mãe o desprezava por não esquecer as

condições em que fora gerado; o pai era-lhe ambíguo: ora queria-o junto a si, agarrava-o, aninhava-o em seus braços, punha-o nos ombros e corria com ele pelas estradas; ora afastava-o, não aguentando sequer olhá-lo. O casal dono da fazenda tratava-o como a um neto, exigindo até serem chamados de avós.

Armando adoecera. No leito de morte, confessou à esposa que o pequeno Renato era seu filho e, com uma voz já muito fraca, pediu perdão à mulher, fazendo-a prometer que não deixaria nada faltar àquela pequena criatura. A morte do filho caçula atormentava o casal, que, na dor da perda, pôde compreender aquilo para o qual seus corações se fecharam. A velha casa parecia exalar o cheiro da culpa e do arrependimento.

No dia em que Renato faria dezoito anos, Júlia foi remexer as coisas dele, lembrando-se da manhã em que o filho aparecera com o espiral desenhado no abdômen, por ter adormecido sobre o caderno. A tia com quem o garoto morava em Fortaleza mandara todos os pertences deles e a mãe organizara o material escolar numa caixa. Naquela ocasião, por curiosidade, procurava exatamente pelo caderno sobre o qual o filho adormecera. Queria tocar o espiral como se pudesse sentir através disso a presença do garoto. Ao achá-lo, não conteve as lágrimas. O marido, ainda saudável, estava fora. Corrinha, com a barriga enorme, estava sentada no alpendre, acompanhando a construção do casebre onde moraria com Adriano, a alguns metros dali. Sozinha no quarto, a mulher achou o caderno e abriu-o, emocionada ao ver a letra do filho. Folheando-o, deparou-se com uma anotação datada de 26 de dezembro de 1984, à guisa de diário: *“Nunca me senti tão feliz em toda a minha vida. Estou com as duas pessoas que mais amo, que são meus pais: Armando, que tem o melhor coração do mundo, e Júlia, a mulher mais linda e generosa que eu conheço. E, para completar minha felicidade, conheci o*

grande amor de minha vida, com quem quero viver o resto dos meus dias! Obrigado, meu Deus! Peço-vos que sempre protejais esses meus três amores.”

A leitura de tais palavras pareceu elucidar a mente da mulher. Depois de muitos minutos e lágrimas, seu único desejo era chegar para Adriano, abraçá-lo e agradecer-lhe pela felicidade proporcionada ao filho. O garoto, todavia, recusou-lhe todas as tentativas de aproximação.

Depois que voltou do cemitério, Adriano quis entregar-se às lembranças. Deixou o pequeno Renato em casa e foi para as matas, visitar os lugares que considerava sagrados. Ao retornar, decidiu contar para a criança que não era seu pai, que não poderia mais agir como se fosse. Aproveitou o momento em que Corrinha cochilava depois do almoço e ajoelhou-se diante do menino.

“Não sou seu pai de verdade.” disse, após anunciar que revelaria algo muito importante. O garotinho, conquanto não entendesse as razões daquela revelação, sentiu seu peso. A partir de então, Adriano decidiu, para ter mais paz de espírito, afastar-se lentamente da criança.

Passou a trabalhar fora de casa, em fazendas alheias, prestando os mais variados serviços. Preferia dormir semanas fora de casa a ter de deitar-se ao lado de Corrinha. Na tentativa de esquecer o passado, resolver que saíam das margens do Sitiá. Sem condições de ir para muito longe, mudaram-se para o vilarejo da Barra. A mulher arranjou um amante e foi morar com ele na casa em que morara com Adriano nos primeiros anos de casada. Adriano não se importou. Achou bom ficar sozinho. Não tinha amigos, não tinha pretendentes. Em todo o vilarejo, falava-se dele, estigmatizado e rejeitado. Limitava-se a dar “bom dia” às pessoas que encontrava nas calçadas nas poucas vezes em que saía de casa.

Renato, já adolescente e vivendo com parentes em Quixadá, onde estudava no Ginásio Valdemar Alcântara, era um garoto atormentado por muitos fantasmas, sendo o maior deles a necessidade quase visceral de estar com o homem a quem crescera chamando de pai e que, nos últimos anos, evitava encontrá-lo. O rapaz estava na idade das descobertas e das crises quando se encontrou com Adriano pela última vez. Aproveitando um fim de semana prolongado, resolveu visitar a família. Corrinha o tratou com a frieza costumeira e informou onde Adriano morava.

“Não sei se ele tá em casa!” disse, depois que pediu ao companheiro para levar o filho de moto até a Barra.

Renato, não sabia por quê, tinha o coração acelerado enquanto a moto percorria a estrada sinuosa sob o sol da tarde rumo ao casebre onde esperava encontrar Adriano.

“É ali.” disse o homem, apontando a casa com o queixo. “Eu vou ficar no bar da esquina. Se tu quiser voltar mais eu, vai lá...”

Porta e janela estavam fechadas. O garoto teve de bater palmas várias vezes. Já ia desistindo quando o homem abriu a porta. Tinha os olhos vermelhos e inchados. Ao olhar para o adolescente que criara como filho, parado sob o sol, sentiu uma emoção indisfarçável.

“Renato?” disse o nome de um pensando no outro. Estavam idênticos.

O garoto já ia estender a mão e pedir a bênção quando o homem o interrompeu para evitar o gesto.

“Entra, sai do sol.”

Renato adentrou a casa e passou os olhos sobre o reboco deteriorado, sobre a sala vazia, procurando onde pôr sua mochila, até que a colocou ao pé da parede.

“Você não aparece mais...” tentou falar sorrindo. “Aí eu vim visitar você.”

“Tenho andado sem tempo.”

“Como o senhor... Como você está?”

Adriano não respondeu. Nem precisava.

“E tu?”

Renato preferiu a sinceridade às frases fáticas:

“Às vezes bate uma saudade do tempo em que você me tratava como um filho...” confessou com a voz embargada. “E dá uma vontade de estar com você.”

O homem continuou de pé, paralisado. O garoto, com o queixo trêmulo e o olhar marejado, porém incisivo, disse:

“Você foi a única pessoa que me deu carinho nessa vida.”

“E sua avó?”

O garoto soltou um riso irônico.

“Sempre senti o carinho dela muito parecido com obrigação, como se escondesse uma culpa por uma coisa que nunca consegui entender.”

Ficaram em silêncio, olhando-se. Adriano chegou a comprimir o espaço entre as sobrancelhas perguntando-se como duas pessoas poderiam ser tão parecidas. Renato viu que a tristeza estampada no rosto do outro dera lugar a uma felicidade repentina revelando a beleza que o tempo não conseguia destruir. Não resistindo ao impulso de aproximar-se e abraçá-lo, o garoto foi envolvido num amplexo forte, cheio de saudade. O toque do queixo áspero no pescoço adolescente abalou algumas certezas que Renato tinha de si mesmo. Com o corpo todo arrepiado, o rapaz sentiu perder as forças enquanto o homem arrochava-o ainda mais com seus braços fortes.

O abraço foi interrompido pela pancada seca da porta que o vento empurrava contra a parede.

“Eu vou te contar minha história.” disse Adriano, afastando-se e tentando controlar a emoção que o fazia tremer. Tácito,

caminhou até o quarto sentando-se numa cama de solteiro com um colchão de superfície irregular. Renato acompanhou-o, sentando-se a meio metro dele.

“E é por isso que eu prefiro ficar de longe de tu.” concluiu o homem, após quase duas horas contando sua história de amor mal fadada, em meio a sorrisos de saudade e lágrimas de tristeza. “Tu me traz uma recordação que meu peito não pode suportar.”

Renato, que ouvira calado toda a história, chegando a emocionar-se em muitos momentos, compreendeu afinal tudo aquilo que sempre o deixou com o pensamento conturbado.

“Queria que você me promettesse que nunca vai fazer nada contra sua vida...” pediu, em voz baixa, com a mão sobre o cabelo louro do outro.

“Eu não posso fazer nada contra minha vida...” disse Adriano. “...porque eu não tenho vida.”

Um longo momento de silêncio envolveu-os. Lá fora, o vento balançava as árvores às margens do Banabuiú. Renato, que pretendia passar o fim de semana com os pais, percorreu com os olhos o vão do casebre onde Adriano estava. Este, como se adivinhasse que o garoto intencionava ficar o dia em sua companhia, tratou de deixar claro:

“Tu devia ir embora. É melhor pra mim...”

O garoto sentiu um ardor no peito.

“E eu?”

“Tu é livre, como os passarim que eu soltei uma vez.”

Dizendo isso, Adriano levantou-se e caminhou até a porta da sala, espremendo os olhos com a claridade lá fora. Renato, cinco minutos depois, apanhou a mochila ao pé da parede e passou cabisbaixo e a passos lentos para a calçada.

“Será que ele ainda está no bar?”, perguntou a si mesmo enquanto procurava com os olhos marejados o companheiro

da mãe. Encontrou-o no local indicado e, em vez de pedir para levá-lo de volta, ofereceu-lhe dinheiro para que ele o deixasse em Banabuiú, onde tentaria pegar alguma condução para Quixadá.

Aos vinte e um anos, Renato formava-se e era um profissional promissor na construtora onde trabalhava. Após ter concluído o Ensino Médio em Quixadá, tendo atravessado o último ano com muitas crises emocionais que quase o levaram à reprovação, mudou-se para Fortaleza quando passou na seleção da Universidade Federal do Ceará para cursar Arquitetura e Urbanismo. Não quisera ir morar com os parentes, pois decidira esquecer os vínculos familiares, principalmente depois das diversas discussões e vezes em que se sentaram diante do juiz para decidirem sobre quanto dos bens de Armando o rapaz teria direito. Adriano manteve-se à distância durante todo o processo que se estendeu após Renato reivindicar na justiça o reconhecimento da própria paternidade e receber sua parte como legítimo filho de Armando. O camponês afastava-se sempre mais, sem querer ver aquele que criou como filho, conquanto torcesse por seu sucesso. Tendo conseguido o suficiente para comprar um bom apartamento no bairro de Fátima, o universitário costumava chegar à noite, após um dia de trabalho, jogar-se na cama, afrouxar o nó da gravata e o peito e chorar, às vezes baixinho, às vezes nem tanto.

Fazia cinco anos que não via Adriano quando a mãe lhe telefonou, dizendo-se preocupada com o marido, que, após três dias sem dar notícia, fora encontrado desacordado à beira da estrada e levado para Banabuiú, onde fora medicado e mandado para casa, com a recomendação de que não o deixassem sozinho. Renato mal concluiu a ligação e, muito nervoso, preparou-se para viajar ao interior. Telefonou para o pessoal do escritório justificando sua ausência ao trabalho no dia seguinte e pegou

a estrada. Era à tarde, o tempo parecia passar mais rápido à medida que ele dirigia em seu carro novo pela BR-116. Nunca tinha ousado dirigir tão rápido.

Adriano, que passara a manhã deitado, tendo Corrinha a observá-lo de vez em quando com uma dedicação nunca vista – ela já morava com outro, mas foi cuidar do homem com quem ainda era oficialmente casada nas primeiras horas em que ele voltou para casa –, no instante em que se viu sozinho após a mulher voltar para casa, convencida de que ele não precisaria mais dela, pulou da cama e saiu para dar uma volta. Foi ao cemitério.

Com a proximidade do pôr do sol, o céu adquirira um tom alaranjado. Bandos de garças migravam rumo ao sul e o vento fresco balançava o mato junto ao muro esbranquiçado, cuja entrada encontrava-se fechada. Não tendo como adentrar a necrópole, Adriano apoiou-se com as duas mãos nas barras enferrujadas do portão e ficou a olhar o jazigo a alguns metros dele. A fotografia do amigo desvanecia-se com o passar dos anos, enquanto a lembrança de seu ataúde sendo conduzido sob a neblina, do alpendre até o carro estacionado no terreiro, continuava nítida, capaz ainda de, passados mais de vinte anos, levá-lo às lágrimas em alguns momentos de saudade. Quando apoiou a testa entre os ferros do portão e fechou os olhos para cultivar o passado do qual não conseguia se desvencilhar, ouviu uma voz a chamá-lo pelo nome. Seu peito encheu-se vida e ele abriu os olhos, tentando enxergar alguém ao pé do jazigo.

“Vem cá.”

Adriano contraiu as sobrancelhas e olhou para trás.

A alguns metros, na subida para o cemitério, estava o outro Renato, com roupas e cabelos esvoaçando com a brisa vespertina. Não se parecia mais tanto com o meio-irmão, pois já ultrapassara a idade em que este deixara a vida.

“Vem.” tornou a chamar estendendo uma das mãos.

Adriano sentiu a mesma felicidade que sentira quando o amigo de adolescência retornou de Fortaleza após fazer o vestibular. O coração disparou e ele resolveu sair de seu estado de inércia e caminhar ao encontro do outro, que também deu alguns passos diminuindo a distância entre os dois.

“Nossa! Que sorriso mais bonito!” disse Renato, tentando passar a ideia de que os anos em que não se viram não haviam existido. “Você deveria sorrir mais vezes!”

Adriano baixou a cabeça, tímido, sem parar de sorrir. Renato levantou-lhe o rosto tocando-o no queixo. O camponês quis abrir a boca para fazer uma pergunta, mas foi calado com um beijo inesperado que lhe fez a vida pulsar e fluir nas veias.

“Você cuidou de mim, me protegeu, me deu amor...” disse Renato, com o nariz colado no do outro. “Chegou o tempo de eu retribuir tudo isso.”

O louro pôs ambas as mãos segurando a nuca do outro.

“Achei que tu já tinha me esquecido.”

“Eu esquecer você?” – o arquiteto soltou um sorriso irônico – “Estive reunindo condições para vir buscar você pra mim... E agora estou aqui.”

Confuso, porém radiante, Adriano deixou-se conduzir lentamente pelo outro, descendo a ladeira de mãos dadas. Na estrada, onde estava o carro, havia curiosos cochichando sobre a atitude dos dois homens, mas eles não pareciam se importar. O alarme do destravamento do automóvel emudeceu a todos e os dois entraram no veículo, que, sem demora, seguiu a estrada levantando atrás de si uma nuvem de poeira.

No jazigo para o qual Adriano estivera olhando poucos minutos atrás, pousaram dois galos-campina, saltitando sobre a cruz enferrujada e balançando inquietos e silenciosos suas cabezinhas vermelhas.

Jards Nobre nasceu em 1974, no distrito de Cipó dos Anjos, município de Quixadá (CE). Graduiu-se em Letras, especializou-se em Literatura pela UECE, é membro da Academia Quixadaense de Letras e, atualmente, cursa Mestrado em Linguística na UFC. Desenhista e professor, escreve romances desde a adolescência.

Livros publicados pela **Editora Corsário**

www.corsario.art.br

Tris - Ylo Barroso

P(F)onte de Desejos - Ana Cristina de Moraes

An - Uirá dos Reis

Fábrica de Asas - Katiusha de Moraes

Ilha de Virtudes - Onofre Alves

Um jardim chamado Noia - Deribaldo Santos

Carinhanha: entre rosas e veredas

Léo Macklelene G.C, Simone R. Passos, Fabiano Costa Vale, Ana Daniela Neves,
Daniele dos S.Rosa

Mitologias Poéticas - Mardônio França

Sorrisos de Vida - Onofre Alves

o livro dos epigramas & outros poemas - Cláudio Portella

este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



impresso em bookman old style 10
cartão supremo 250g / porem 80g
nas oficinas da Expressão Gráfica
para a Editora Corsário em Junho
de 2013.